

Contingentia

Revista do Setor de
Alemão da UFRGS

V. 12 n. 2

Gerson Roberto Neumann
Helano Jader Cavalcante Ribeiro
Sofia Froehlich Kohl
(Orgs.)

200 anos de imigrações alemãs
para o Brasil

Contingentia

Contingentia vol. 12 n. 2

Editores: Gerson Roberto Neumann, UFRGS, Helano Ribeiro, UFPB, Sofia Froehlich Kohl

Editoração Digital-SEER

Sofia Froehlich Kohl

Apoio Editorial

Eduardo Spieler, UFRGS

Conselho Editorial (Nacional)

Bernardo K. Limberger, UFPel
Celeste H. M. Ribeiro de Sousa, USP
Cléo V. Altenhofen, UFRGS
Elcio Loureiro Cornelsen, UFMG
Felix Valentin Bugueno Miranda, UFRGS
Gabriel Sanches Teixeira, UFSC
Helmut Galle, USP
Karen Pupp Spinassé, UFRGS
Márcia Ivana Lima e Silva, UFRGS
Paulo Soethe, UFPR
Rosani Úrsula Ketzer Umbach, UFSM
Tito Lívio Cruz Romão, UFC

Conselho Editorial (Internacional)

Arne Ziegler, Universität Graz
Dirk Niefanger, Friedrich-Alexander-Universität
Elóide Kilp, Universität Salzburg
Göz Kaufmann, Universität Freiburg
Joachim Born, Universität Giessen
Jürgen Fohrmann, Universität Bonn
Ligia Chiappini Moraes Leite, Freie Universität Berlin
Mechthild Habermann, Friedrich-Alexander-Universität
Sebastian Kuerschner, Katholische Universität Eichstätt-Ingolstadt
Susanne Klengel, Universität Mainz/Germersheim
Zinka Ziebell-Wendt, Universität Bremen/Freie Universität Berlin

CONTINGENTIA / Instituto de Letras/ Setor de Alemão. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2024. v. 12, n. 2, Ago-Dez (p. 01-98) ISSN 1980-7589

Contingentia. Org. Gerson Roberto Neumann,
Helano Jader Cavalcante Ribeiro e Sofia Froehlich Kohl.

1. Letras –Periódicos. 2. Literatura. 3. Linguística. 4. Línguas estrangeiras. 5. Tradução. I. Neumann, Gerson Roberto; Ribeiro, Helano Jader Cavalcante; Froehlich Kohl, Sofia.

Contingentia

Gerson Roberto Neumann
Helano Jader Cavalcante Ribeiro
Sofia Froehlich Kohl
(Orgs.)

Vol. 12, No. 2, Ago-Dez 2024 | ISSN 1980-7589

Apresentação

Gerson Roberto Neumann, Helano Jader Cavalcante Ribeiro,
Sofia Froehlich Kohl 6

Artigos

Coletânea de textos

Everton Augustin 8

Varum Deutsch un net Taitisch? / Por que alemão, e não Hunsrik?

Pronila Krug 33

Friirische Geschefta / Negócios de antigamente

Pio Rambo 36

De Reil e Burg Mosel para o Fritzenberg

Moacir Fritzen 40

“Das Deitsch hot noch viel Weat”: O que dizem falantes de Hunsrückisch de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul sobre a língua

Tafarel Schmitt 45

Hunsrückisch: variante do alemão falada e escrita no Brasil

Gerson Neumann; Sofia Froehlich Kohl 69

Artigos de temática livre

"Ein Brazilianer in Berlin" x "Um brasileiro em Berlim":

Uma análise das diferentes edições da coletânea de João Ubaldo Ribeiro 83

Ana Paula Seerig

Resenhas

Auf der Suche nach deutschen Spuren in Brasilien

Sophie Heumüller 93

Edição especial comemorativa
200 anos de imigrações alemãs para o Brasil

Apresentação
Edição especial comemorativa
200 anos de imigrações alemãs para o Brasil

No ano do bicentenário do início das imigrações de língua alemã para o Brasil, temos a alegria de apresentar o volume 12 da Revista Contingentia, que, além dos costumeiros artigos de temática livre nas áreas de Literatura, Linguística, Tradução e Didática da Língua Alemã, também conta com uma sessão especial dedicada à língua e à cultura de imigração. O volume 12, por seu caráter comemorativo, contará excepcionalmente também com produções literárias e textos não científicos, que exploram as vivências linguísticas e culturais de descendentes de imigrantes. Nossa intenção com a publicação de textos não acadêmicos é aproximar a academia da realidade das comunidades que ainda preservam a cultura de imigração, parte integrante da cultura brasileira há quase 200 anos.

Abrimos o segundo número do volume 12 com uma coletânea de textos bilíngues (alemão e português) de Everton Augustin. Professor de alemão, Everton é conectado ao ensino em diálogo com a natureza, música e o bem-viver e à convivência entre os seres que compõem o mundo no qual estamos inseridos. Os textos de Everton são breves reflexões em torno do bicentenário da presença de imigrantes das regiões de língua alemã da Europa para o Brasil. Como descendente e profissional do ensino de língua alemã no Brasil, o autor discorre com autoridade sobre questões relativas à presença da cultura alemã no Brasil.

O segundo texto da sessão especial é a crônica bilíngue (Hunsrückisch e português) *Varum Deutsch un net Taitisch? / Por que alemão, e não Hunsrik?*, de Pronila Krug, publicada postumamente para homenagear a autora. Nesse texto, Pronila fala sobre as origens do Hunsrückisch e das dificuldades de sua manutenção no Brasil. O texto é acompanhado de um comentário editorial, que contextualiza as publicações de Pronila Krug e aponta para a importância da autora no meio da literatura dialetal.

No terceiro texto desse número, o também bilíngue (Hunsrückisch e português) *Friirische Geschefta / Negócios de antigamente*, Pio Rambo conta uma anedota rural, que, além de sua trama humorística, apresenta alguns aspectos reais da vida nas colônias alemãs.

O quarto texto do volume, de Moacir Fritzen, também tematiza a imigração de fala alemã no Brasil, dessa vez através de uma história familiar. Em *De Reil e Burg Mosel para o Fritzenberg*, o autor conta a história de imigração dos seus antepassados e comenta as dificuldades de se sobreviver nos vilarejos rurais da Renânia-Palatinado do século XIX, enfrentadas por grande parte da população à época.

O primeiro texto acadêmico desse número, de autoria de Tafarel Schmitt, apresenta alguns dos resultados da sua pesquisa no âmbito da residência no *Institut für Geschichtliche Landeskunde Rheinland-Pfalz e.V.*, em Mainz (Alemanha), entre outubro de 2023 e setembro de 2024. Tafarel analisa a percepção dos falantes em relação à importância da manutenção do Hunsrückisch e de seu papel na vida comunitária.

Em *Hunsrückisch – variante do alemão falada e escrita no Brasil*, Gerson Neumann e Sofia Froehlich Kohl se propõem a comentar a presença do Hunsrückisch no Brasil como língua falada e escrita. O texto traz trechos de obras de diferentes autores que fizeram do Hunsrückisch sua língua de expressão literária e comenta a presença da literatura em Hunsrückisch em plataformas que vão além da mídia impressa tradicional, abrangendo também websites, blog e mídias sociais.

Na seção de temática livre, o texto *"Ein Brazilianer in Berlin" x "Um brasileiro em Berlin": Uma análise das diferentes edições da coletânea de João Ubaldo Ribeiro* desloca o foco dos imigrantes de fala alemã no Brasil para se debruçar sobre um imigrante brasileiro na Alemanha, o autor João Ubaldo Ribeiro. Em sua análise, Ana Paula Seerig compara as edições alemãs e brasileiras das crônicas produzidas pelo escritor no âmbito de sua estada em Berlim na década de 1990. A autora compara sobretudo elementos extratextuais, como os prefácios e posfácios das obras, para avaliar a influência de cada edição sobre seu público-alvo.

Fechamos o segundo número dessa edição especial comemorativa com a resenha de Sophie Heumüller sobre duas palestras ministradas pelo professor Gerson Neumann na Universidade de Bamberg em abril de 2024, em que foram abordados os temas da imigração e da imprensa de fala alemã no Brasil e da presença de alemães na literatura brasileira.

Desejamos uma boa leitura!

Os editores.

Gerson Roberto Neumann – UFRGS

Helano Jader Ribeiro – UFPB

Sofia Froehlich Kohl

Apresentação

Everton Augustin é professor de alemão e conectado ao ensino em diálogo com a natureza, música e o bem-viver, a convivência entre os seres que compõem o mundo no qual estamos inseridos. Os textos de Everton são breves reflexões em torno do bicentenário da presença de imigrantes das regiões de língua alemã da Europa para o Brasil. Como descendente e profissional do ensino de língua alemã no Brasil, Everton discorre com autoridade sobre questões relativas à presença da cultura alemã no Brasil.

A seguir, o leitor pode ler o texto do autor sobre si e sua trajetória e dez textos apresentados inicialmente em língua portuguesa e depois em língua alemã.

Boa leitura!

Os editores

E por falar em viver

1965 foi marcado por um inverno frio e chuvoso quando, ao meio-dia daquele 12 de junho, aos berros, fui recebido pelas irmãs Melásia e Maria Cândida e colocado nos braços de minha mãe, no hospital de Poço das Antas.

Minha infância foi feliz na Languiru dos 1960 e 1970. Banhos e pescarias no Arroio Boa Vista eram a diversão predileta. Não esperávamos nem por dias mais quentes. Não lembro de crianças com asma naquela época. Dizem que a água gelada e limpa é um santo remédio.

A virada na minha vida se deu ao poder trabalhar e estudar, a partir de 1979, na então Escola Evangélica Ivoti, onde em 1982 concluí o Curso Técnico em Tradutor-Intérprete e Pré-Teológico.

Fui aprovado, em dezembro de 1982, no exame de seleção para a então FACTEOL no Morro do Espelho, em São Leopoldo, mas eu ainda não estava bem decidido se eu deveria seguir administração, música... O IFPLA – Instituto de Formação de Professores de Língua Alemã, junto à Unisinos em São Leopoldo, arrebatou toda a minha atenção. Ao final do curso, 1987, nossa turma pôde conhecer a Alemanha ainda dividida pelo Muro. Que vivência!

Atuei como professor em várias instituições, principalmente da Rede Sinodal de Educação: Colégio Sinodal, IENH, Colégio Martin Luther e CEAT. A música sempre estava presente em minha vida. Tive vários alunos de violino. Alguns deles são, hoje, excelentes professores ou violinistas. Superaram-me em muito. Felicidade.

Em 1993 trabalhei na Kooperative Gesamtschule Schinkel em Osnabrück, na Alemanha. Foi um período de aperfeiçoamento na cultura alemã e na docência. Inesquecível.

Em agosto de 1998 começou um namoro com o Colégio Cruzeiro no Rio de Janeiro, Cidade Maravilhosa, que culminaria com um casamento, que se estendeu até abril de 2008 nas funções de coordenador de Ensino Médio e Vice-Diretor.

Uma nova relação profissional iniciou-se no dia 5 de maio de 2008. Assumi a direção geral do Colégio Humboldt, uma escola alemã em São Paulo, capital. Até dezembro de 2015, tive a oportunidade de gigantescas aprendizagens e ampliação de contatos nas mais diversas áreas.

Um convite em meados de 2015 cativou meu coração e um círculo importante na minha vida profissional chegava ao seu ápice. Recebi o convite para assumir a direção geral do Instituto Ivoti – Faculdade e Educação Básica. De 2016 a 2023 pude desempenhar um papel de colaboração com a Escola que tinha aberto meus olhos para o Mundo.

Hoje vivo em meu Sítio Timbaúva, cuja missão é proporcionar saúde por meio de alimentação e vivências no espaço natural que ele oferece. Esse ambiente deu-me a exata noção do quanto ainda não sei e desafia-me a uma aprendizagem contínua. Quer aprender? Vem com a gente.

200 anos depois

Pude provar a felicidade no vilarejo da minha infância. Tinha pescaria, banhos de arroio, carreta de lombo nos poteiros e nas calçadas, futebol (Nasci com dois pés esquerdos!), igreja, teatro, música, festas e muito mais. E tinha a escola, que reunia a garotada de todas as idades. Recreios fantásticos com brincadeiras das mais variadas. Vivíamos boa parte disso no idioma falado nas nossas casas: o Hunsrückisch, uma variante do idioma alemão.

Aos poucos fomos crescendo e queríamos falar como os primos das cidades grandes. Chique era falar bem o português, afinal de contas “alemão batata come queijo com barata”. Faça com que os representantes de uma cultura se envergonhem dela e, portanto, de si mesmos para causar uma boa destruição. Campanha muito bem estruturada pós 1945 pelo governo brasileiro de então.

Fico muito feliz em ver que hoje é diferente. Falar bem uma variante ou o idioma alemão oficial abre portas para que possamos nos inserir melhor no cenário mundial. Inglês já é um idioma naturalmente aceito. Dominar a língua materna, inglês e mais um outro idioma faz toda a diferença.

O que antes era aprendido com naturalidade nos diversos ambientes do vilarejo, hoje precisa ser resgatado. Um resgate é muito mais oneroso. Perdem-se oportunidades e excluem-se crianças de descobrir um mundo bem mais amplo, afinal de contas idiomas carregam em si uma carga cultural gigantesca: um modo de ser, de ver, de entender e de fazer o mundo.

Antes das escolas, os idiomas precisam ser estimulados no âmbito familiar. Ainda dá tempo de educar nossos filhos nos idiomas trazidos dos diversos países que fazem o Brasil de 2024, 200 anos depois da chegada dos primeiros colonos de fala alemã a terras brasileiras.

Cooperar é uma marca

Um idioma é, em sua essência, a expressão de toda uma cultura. O modo de ser, de pensar e de agir está imbricado com a língua com que um grupo se comunica. Junto com o idioma, os alemães trouxeram os valores que lhes eram extremamente caros. A vida comunitária foi um dos aspectos fundamentais para que pudessem superar os enormes desafios de construir a vida em uma nova terra, com realidades muito diferentes das que viviam no seu lugar de origem.

O simples fato de construir uma casa com escassas ferramentas, em plena mata, era tarefa mais fácil quando muitos cooperavam. Era preciso derrubar árvores e beneficiá-las minimamente para que tivessem um abrigo diante das intempéries e dos perigos que os rondavam. Muitas mãos e espírito de colaboração tornaram esse desafio suportável.

Atendidas as necessidades básicas para a sobrevivência e para dar destino aos mortos, era necessário pensar nos filhos e no futuro deles. Escola faz parte dos valores fundamentais da sociedade alemã. Todos precisam saber ler e escrever para bem compreender e expressar e dominar as quatro operações, que tornavam muitos ofícios e a vida em geral mais fáceis. Lá se punham os imigrantes a construir a escola ou a igreja. Uns doavam dinheiro, outros, material de construção. Outros ainda dedicavam seu próprio trabalho para construir a escola.

Superada essa fase, era hora de pensar em festa. Criavam-se sociedades de todos os tipos: música (canto e instrumental), esporte, teatro e tantas outras expressões do espírito humano. Talvez esse espírito explique o grande número de sociedades esportivas e culturais, além de cooperativas nas comunidades de imigração alemã. Cooperar é educação.

Há séculos

Brasil e Alemanha têm uma relação de longa data. Já no início da ocupação dessas terras por parte dos portugueses, havia alemão no pedaço. Ele sabia fazer pólvora e era, portanto, um forte aliado dos portugueses que lutavam contra todos que quisessem também essa terra maravilhosa. Hans Staden era o seu nome e por pouco se livrou dos famintos Tupinambás. De volta a sua terra de origem, escreveu um livro sobre suas duas viagens ao Brasil.

A vinda dos alemães em massa ao Brasil a partir da primeira metade do século XIX é resultante do objetivo do imperador de criar um forte exército para se defender de Portugal, de quem tinha se proclamado independente. Além de soldados era importante ter gente que pudesse contribuir com a produção de alimentos e ocupar o território ao sul do Brasil para protegê-lo das invasões comandadas por espanhóis. Vejam só! A esposa do imperador D. Pedro I era uma austríaca da dinastia de Habsburg e sabia muito bem onde encontrar imigrantes com essas características. A propaganda, na época, pela emigração de alemães ao Brasil coube a outro alemão, o Major Georg Anton von Schäffer, que atuava na corte do império brasileiro, próximo à imperatriz Leopoldina e ao grande líder da independência do Brasil, José Bonifácio de Andrada e Silva.

Hoje há defensores de que o berço da imigração alemã foi Nova Friburgo, quando se diz, por outro lado, que São Leopoldo foi o destino dos alemães atraídos ao Brasil como estratégia do império brasileiro a partir de 1824.

Lá se vão 200 anos e quem conta um conto...

Ich kann net richtig

Ich kann net richtig Deutsch (Não sei falar corretamente alemão.) é muitas vezes a reação de alguém que domina a variante Hunsrück aqui no Brasil, quando interpelado por um falante do alemão oficial. Há nessa expressão um tom de menos-valia. Esse sentimento se dá por consequência da autoimagem construída por muito tempo pelas gerações falantes do idioma nos rincões do nosso Brasil.

Mal sabem eles que são portadores de uma riqueza imensa. Da variante de um idioma para a versão oficial é um caminho bem menos árduo do que precisa ser feito por quem não fala uma língua germânica e precisa aprendê-la do zero. Um falante de uma variante é um “falso iniciante” na aprendizagem do idioma oficial. O mesmo ocorre com quem domina o vêneto e se depara com o italiano de Dante.

Orgulhar-se de ser portador de uma riqueza imaterial extremamente valiosa é fundamental para escancarar as portas da aprendizagem e das oportunidades. Há muitos exemplos de profissionais bem-sucedidos em função do domínio diferenciado de idiomas para além do domínio técnico em sua área. É certo que a maneira de lidar com as outras pessoas e de se posicionar, seja no idioma que for, faz a diferença.

O desenvolvimento de uma região pode se dar também pela capacidade de atrair pessoas do mundo inteiro para conhecer como aqui se vive, nossas belezas e nossas forças. Seja na versão oficial ou em uma variante idiomática, certamente o domínio de idiomas fará um acolhimento diferenciado a quem nos que visitar e eventualmente fazer *Geschäfte*, ou seja, negócios conosco.

Com naturalidade

Temos uma variedade imensa de idiomas praticados em casas de famílias que ajudam a construir a nossa região. É uma riqueza cujo valor é imensurável. Pela naturalidade e, principalmente, pela gratuidade no processo de aprendizagem, muitas vezes esse repertório não é valorizado devidamente.

Tive a felicidade de poder ouvir o Professor Lucildo Ahlert numa conversa sobre o “Sapato de Pau”, o Westfälisch, que, assim como o Hunsrück, é uma variante do idioma oficial alemão, só que oriundo de uma outra região. Principalmente a parte norte do município de Teutônia e grande parte do município de Westfália, no Vale do Taquari, foram colonizadas, na segunda metade do século XIX, por imigrantes oriundos da Westfália, hoje integrante do estado de Nordrhein-Westfalen. Eis o motivo por que muitos descendentes desses colonos ainda falam naturalmente essa variante em muitos ambientes.

O Professor Lucildo falou da necessidade de haver políticas de preservação desse idioma e ele tem total razão nesse aspecto. Um idioma, no entanto, não se estabelece por decreto. Se assim fosse, ninguém falaria alemão no Brasil. Afinal de contas o governo proibira esse e outros idiomas que não fossem o português. Uma guerra fez com que nossa nação se desentendesse com a Alemanha. Vejam os desdobramentos disso. A preservação de um idioma se dá no uso natural, nos ambientes em que seus falantes convivem. Detalhe: a palavra alemã para variante linguística é “Mundart” o que equivale a “versão oral”. Não há uma preocupação com a escrita. Importa o falar.

Didaticamente, o falar integra a fase inicial da aprendizagem de um idioma. Junto com o ouvir, essa é uma prática de extremo valor educacional para as nossas crianças. Pais precisam colaborar nesse sentido.

O futuro

O mundo tem se transformado rapidamente. A tecnologia avançou de maneira exponencial. Os desafios à vida com qualidade em um ambiente preservado são um desafio cada vez maior. Guerras e crises climáticas assolam o planeta atualmente e construir parcerias em favor de um mundo melhor são fundamentais e indicativos de esperança no porvir.

“Somos (Brasil e Alemanha) parceiros estratégicos e juntos enfrentaremos os desafios do futuro.” Essas foram palavras da embaixadora alemã, Bettina Cadenbach, por ocasião da cerimônia alusiva aos 200 anos de imigração alemã organizada pelo senado brasileiro.

Mais de 1000 empresas alemãs estão instaladas no Brasil e importantes organizações estão sediadas no Rio Grande do Sul: Stihl, Gedore, SAP e Thyssen Krupp são algumas delas. Aeroportos no Brasil, Porto Alegre e Fortaleza, são administrados pela alemã Fraport, a quem será um gigantesco desafio voltar a operar as instalações de Porto Alegre, após as devastadoras enchentes justamente no bicentenário da imigração alemã no Brasil.

Outras cooperações são de fundamental importância, além da economia. A pesquisa e a formação acadêmica ocupam um lugar de destaque. Muitas universidades alemãs têm colaboração com instituições superiores brasileiras. O DAAD (Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico) estimula o estudo de brasileiros na Alemanha.

A Alemanha enfrenta uma falta de colaboradores principalmente nas áreas da saúde e da tecnologia. Para muitos brasileiros essa tem sido uma boa oportunidade de trabalho. O ir e vir entre Brasil e Alemanha criou hoje outros contornos e contextos. Pode melhor usufruir deles quem estiver melhor preparado.

O jeito é sair daqui

Os imigrantes alemães, em sua maioria despediram-se para sempre de sua terra natal para buscar, em outros continentes, uma vida melhor. A maioria buscou uma nova realidade em função da pobreza extrema e de outros fatores que, aliados a ela, empurraram essa gente a uma decisão sem volta pela sobrevivência e por melhores oportunidades.

Despedir-se de amigos, irmãos, pais para se lançar numa viagem longa e extremamente arriscada, em tempos quando o contato não era imediato e não estava na palma da mão, gerava a probabilidade de nunca mais terem notícias uns dos outros. Uma viagem de travessia do Atlântico, no início do século XIX, da Europa ao Brasil, durava, em média, três meses, quando tudo ia bem. Os navios eram propulsionados a vela e as suas estruturas, extremamente frágeis para suportar a força das ondas que, muitas vezes, se agigantavam.

O espaço apertado, a alimentação inadequada e a higiene extremamente precária levavam muitos à morte durante a viagem. Nesse caso, os corpos eram lançados ao mar. Uma tristeza dupla, considerando a moral da época: a morte e a ausência de sepultura.

Houve imigrantes que levaram um ano e meio, de novembro de 1827 a maio de 1829, para chegarem ao Rio de Janeiro. Faltava chegar ao destino, à Colônia de São Leopoldo, hoje município do mesmo nome, considerado o berço da imigração alemã no Brasil.

Sugiro aos interessados a leitura do livro “Desvendando um mito: a lenda do veleiro Cäcilia” de autoria do arroioense Décio Aloisio Schauren e do alemão Friedrich Hüttenberger, que relatam a história de um grupo significativo de imigrantes e lançam um novo olhar sobre o mito de fundação de outra localidade fundamental na imigração alemã: a Baumschneise, hoje Dois Irmãos.

Um mosaico cultural

“O Brasil é um mosaico de culturas, idiomas e de tradições caracterizado pela imigração de muitas nações diferentes.” A frase foi proferida pela embaixadora alemã no Brasil, Sr.^a Bettina Cadenbach, por ocasião da celebração dos 200 anos de imigração alemã no Brasil, organizada pelo Senado Nacional e dirigida pelo senador paranaense Flávio Arns. Esse mosaico é, ao mesmo tempo, uma enorme oportunidade e um grande desafio. A aproximação entre confissões e diferentes etnias levou um certo tempo para se estabelecer desde os primórdios da imigração alemã.

Entre os próprios alemães imigrantes havia divergências por questões de credo. No livro “Desvendando o mito: a lenda do veleiro Cäcilia” de Schauen e Hüttenberger faz-se menção à ideia dos imigrantes da região do rio Mosel, de maioria católica, de que os oriundos do Hunsrück e de outras regiões, de origem protestante, seriam a causa do naufrágio do navio que os deveria trazer ao Brasil.

Nas colônias alemãs, perseverou por muito tempo essa querela. Quando havia colonos de ambas as confissões na mesma colônia, muitas vezes eles ocupavam espaços geográficos específicos. Um arroio poderia ser a divisão física entre eles. De um lado católicos; de outro, protestantes. Casamentos interconfessionais não eram bem-vistos. Se o amor falasse mais alto entre um casal de diferentes confissões, não raro se exigia que um deles migrasse para a confissão do outro.

Se isto ocorria entre os próprios alemães em função das confissões, imaginem o desafio de encarar novas culturas com suas festas, culinária, estilos musicais, vestimentas, idiomas, cor da pele...

Passado o tempo, temos um belo diálogo entre as culturas que enriquecem esse mosaico coloridíssimo chamado Brasil.

O convívio respeitoso e compreensivo educa.

Uma nova língua

Muitas gerações, desafios, oportunidades e conversas depois da chegada dos primeiros falantes de alemão ao Brasil fez com que o idioma trazido do Velho Continente fosse aos poucos se transformando. A principal causa disso é a ausência de contato dos próprios colonos e de seus descendentes com a sua terra de origem.

Hoje, nas diversas variantes do alemão praticadas em solo brasileiro, há uma mescla com palavras oriundas do português, tupi-guarani ou de idiomas africanos.

O aparelho de televisão, por exemplo, foi inventado bem depois da chegada da grande maioria dos imigrantes das regiões (Não havia o país denominado Alemanha ainda.) falantes do alemão. Não tinha problema. Tomava-se emprestado do português. Die Televison. Em alemão se diz “der Fernseher” – *fern* quer dizer *distante* e *sehen* significa ver.

Não havia na Alemanha o prato denominado mocotó. Sem problema, o termo africano foi, via português, devidamente assimilado. *Ich esse iwa gern Mocoto. Adoro comer mocotó.*

A expressão, muitas vezes usada por minha mãe, quando queria se referir ao período de sua infância, soa viva: “Als mer noch so Guri wore”, *quando ainda éramos crianças*. Essa expressão introduzia sempre relatos que adorávamos ouvir. Eles geralmente tinham um caráter cômico do que eles viviam, viam ou aprontavam. Um obrigado ao tupi-guarani, que nos legou o termo, cujo significado é, entre outros, *pequeno*.

Vejam que até os idiomas se entrelaçaram. Assim a adaptação ao novo mundo fica mais fácil. Mesmo assim, as morais, por muito tempo, não permitiram uma integração geral imediata.

Harald Malschitzky

23.08.2024

Prezado Everton.

Li com interesse o teu artigo no VS de hoje no qual dedicas bom espaço às diferentes confissões que vieram simultaneamente com os alemães. Me provocaste a mexer em minhas lembranças e experiências. Os imigrantes protestantes perderam na chegada, pois o catolicismo era a religião oficial. As consequências práticas por décadas são conhecidas.

Eu, desde criança, vivi essa esquizofrenia religiosa. Em São Bento do Sul, padres e pastores não se poupavam. Mas eu sempre tive muitos amigos católicos. Além disso, uma das minhas tias mais queridas e acho que a maior amiga da minha mãe, era católica de carteirinha. Para me preparar ao ginásio estudei um ano em escola de freiras. Já como estudante de teologia fui participar de um ótimo relacionamento com os seminaristas do Cristo Rei. Enquanto isso, nas comunidades, nas bases, preconceitos e intrigas estavam na ordem do dia: Namoro e casamentos de pessoas das duas confissões eram criticados e até geravam brigas familiares homéricas.

A maioria dos cemitérios públicos tinha áreas distintas para cada religião, o que, aliás ainda vivi nos primeiros anos de pastorado. Já no pastorado a gente até tinha “cultos ecumênicos” em momentos especiais, mas na base a coisa continuava complicada, ainda que o Vaticano II tivesse aberto portas de boas relações. Já em Toledo, na 5. Região Eclesiástica, as relações entre as duas igrejas foram excelentes. Eu, “bispo” luterano, era convidado amiúde a pregar na catedral na missa da noite! Juntos, diocese, prefeitura, cooperativa e nós criamos duas faculdades – FACITOL – onde lecionamos lado a lado. Quando me convidaram para lecionar na EST (Hoje Faculdades EST), fui designado pela IECLB para a Comissão de Fé e Ordem do Conselho Mundial de Igrejas, comissão que tem como missão discutir questões doutrinárias. Foi na época em que ao menos o batismo seria reciprocamente reconhecido.

Nós, protestantes, queríamos mais de acordo com o documento Batismo, Eucaristia, Ministério (BEM). Fiquei na empreitada por dez anos. Finalmente, no pastorado em Porto Alegre, pude participar de diversas ações concretas conjuntas (serviço de aconselhamento, diálogos teológicos, um belo grupo ecumênico de estudos bíblicos criado por mulheres, celebrações conjuntas). Ah sim, no “ninho protestante” fui professor na Faculdade de Teologia Anglicana, uma experiência especial. E pra não esquecer: Em 1988 fui professor no Seminário Ecumênico de Teologia em Matanzas (Cuba), mantido pelas igrejas Metodista, Anglicana e Presbiteriana, eu único luterano no pedaço!

Então, Everton, teu artigo me provocou a dizer experiências concretas daquilo que só conseguiste retratar no geral pelo espaço que tinhas. Acho que caminhamos muito no mosaico religioso e sou muito grato por isso. Ainda assim, eu gostaria de termos caminhado mais, por exemplo, de termos comunhão plena na Santa Ceia. Mas isso nem ao menos é possível com nossa co-irmã IELB, que começa não aceitando nem ao menos comunhão de púlpito, que dirá a comunhão eucarística!

Um bom final de semana. Continua escrevendo, vale a pena! Baita abraço

Harald

Harald Malschitzky, pastor emérito

São Leopoldo – RS

harald.malschitzky@gmail.com

200 Jahre später

Ich habe Glück im Dorf meiner Kindheit erlebt. Es gab Angeln, Baden im Bach, Seifenkistenfahrten auf Wiesen und auf Gehwegen, Fußball (Ich wurde mit zwei linken Füßen geboren!), Kirche, Theater, Musik, Partys und vieles mehr. Und da war auch die Schule, die Kinder jeden Alters zusammenbrachte. Fantastische Schulpausen mit den unterschiedlichsten Spielen. Vieles davon erlebten wir in der Sprache, die bei uns zu Hause gesprochen wurde: Hunsrückisch, eine Variante der deutschen Sprache.

Nach und nach wurden wir erwachsen und wollten wie unsere Cousins aus den Großstädten reden. Es war schick, gut Portugiesisch zu sprechen, letztendlich „fressen Kartoffel-Deutsche Käse mit Kakerlaken“. Wenn man Vertreter einer Kultur dazu führt, sich über die eigene Kultur zu schämen und dadurch über sich selbst, richtet man eine heftige Zerstörung an. Sehr gut strukturiert war die Nationalisierungskampagne nach 1945 der damaligen brasilianischen Regierung.

Ich freue mich sehr, dass heute alles anders ist. Das gute Sprechen einer Variante oder der offiziellen deutschen Sprache öffnet uns Türen, um uns besser auf der Weltbühne zu integrieren. Englisch ist bereits eine selbstverständlich akzeptierte Sprache. Die Beherrschung der Muttersprache, Englisch und einer weiteren Sprache macht den Unterschied.

Was früher in den verschiedenen Umgebungen des Dorfes auf natürliche Weise gelernt wurde, muss heute gerettet werden. Diese Rettung ist viel aufwändiger. Chancen gehen verloren und Kinder werden davon ausgeschlossen, eine viel größere Welt zu entdecken. Schließlich tragen Sprachen eine enorme kulturelle Last in sich. Sie sind eine Art zu sein und die Welt zu sehen, zu verstehen und mitzugestalten.

Vor der Schule müssen Sprachen innerhalb der Familie gefördert werden. Wir haben noch Zeit, unsere Kinder in den Sprachen zu unterrichten, die aus den verschiedenen Ländern mitgebracht wurden, aus denen Brasilien im Jahr 2024 besteht, 200 Jahre nach der Ankunft der ersten deutschsprachigen Siedler auf brasilianischem Boden.

Everton Augustin

everton.augustin@gmail.com

Kooperation ist eine Eigenschaft

Eine Sprache ist im Wesentlichen der Ausdruck einer ganzen Kultur. Die Art zu sein, zu denken und zu handeln ist eng mit der Sprache verbunden, mit der eine Gruppe kommuniziert. Neben der Sprache brachten die Deutschen Werte mit, die ihnen sehr am Herzen lagen.

Das Gemeinschaftsleben war für sie einer der grundlegenden Aspekte, um die enormen Herausforderungen des Aufbaus eines Lebens in einem fremden Land zu meistern. Die Realität in der neuen Heimat unterscheidete sich stark von der an ihrem Herkunftsort.

Die einfache Tatsache, mit wenigen Werkzeugen mitten im Wald ein Haus zu bauen, war eine einfachere Aufgabe, wenn viele Menschen kooperierten. Es war notwendig, Bäume zu fällen und sie nur minimal zu bearbeiten, damit sie Schutz vor dem Wetter und vor den Gefahren der Umgebung hatten. Viele Hände und der Sinn der Zusammenarbeit machten diese Herausforderung erträglich.

Nachdem die Grundbedürfnisse des Überlebens und der Beseitigung der Toten erfüllt waren, galt es, über die Kinder und ihre Zukunft nachzudenken. Schule gehört zu den Grundwerten der deutschen Gesellschaft. Jeder muss lesen und schreiben können, um alles besser zu verstehen und um sich gut ausdrücken zu können. Das Rechnen zu beherrschen machte die vielen Jobs und das Leben im Allgemeinen einfacher. So begannen Einwanderer mit dem Bau von Schulen oder Kirchen. Einige spendeten Geld, andere Baumaterialien. Wieder andere widmeten ihre eigene Arbeit dem Bau der Schule.

Nachdem diese Phase vorbei war, wurde es Zeit, über Feste nachzudenken. Es entstanden Gesellschaften aller Art: Musik (Gesang und Instrumental), Sport, Theater und viele andere Ausdrucksformen des menschlichen Geistes. Vielleicht erklärt dieser Geist die große Zahl an Sport- und Kulturvereinen und Genossenschaften in deutschen Einwanderungsgebieten. Kooperation ist Bildung.

Seit Jahrhunderten

Eine langjährige Beziehung verbindet Deutschland und Brasilien. Zu Beginn der Besetzung der brasilianischen Gebiete durch die Portugiesen hielt sich mindestens ein Deutscher in der Gegend auf. Er wusste, wie man Schießpulver herstellte und war daher ein starker Verbündeter der Portugiesen, die gegen jeden kämpften, der auch dieses wunderbare Land haben wollte. Hans Staden war sein Name und er ist den hungrigen Tupinambás kaum entkommen. Zurück in seiner Heimat schrieb er ein Buch über seine beiden Reisen nach Brasilien.

Die massenhafte Ankunft der Deutschen in Brasilien ab der ersten Hälfte des 19. Jahrhunderts ist das Ergebnis des Ziels des Kaisers, eine starke Armee zu schaffen, um sich gegen Portugal zu verteidigen, von dem es sich für unabhängig erklärt hatte. Zusätzlich zu den Soldaten war es wichtig, Menschen zu haben, die zur Nahrungsmittelproduktion beitragen und das Gebiet im Süden Brasiliens besetzen konnten, um es vor den Angriffen der Spanier zu schützen. Bemerkenswert! Die Frau von Kaiser D. Pedro I. war eine Österreicherin aus der Habsburger-Dynastie und wusste sehr gut, wo Einwanderer mit diesen Eigenschaften zu finden waren. Die Propaganda für die Auswanderung der Deutschen nach Brasilien lag damals in der Verantwortung eines anderen Deutschen, Major Georg Anton von Schäffer, der am Hofe des brasilianischen Reiches arbeitete und der Kaiserin Leopoldina und dem großen Führer der Unabhängigkeit Brasiliens, José Bonifácio de Andrada e Silva, nahe stand.

Heute gibt es Befürworter, dass die Wiege der deutschen Einwanderung Nova Friburgo ist, während andererseits gesagt wird, dass São Leopoldo ab 1824 das Ziel der nach Brasilien gezogenen Deutschen als Strategie des brasilianischen Reiches war.

200 Jahre sind vergangen und die Perspektive einer Geschichte hängt immer vom Erzähler ab...

Ich kann net richtig

„Ich kann net richtig Deitsch“ („Ich kann nicht richtig Deutsch“) ist oft die Reaktion von jemandem, der hier in Brasilien die Hunsrück-Variante beherrscht, wenn er von einem Sprecher der offiziellen deutschen Sprache angesprochen wird. In diesem Ausdruck steckt ein Minderwertigkeitsgefühl. Dieses Gefühl ist eine Folge des Selbstbildes, das über lange Zeit von Generationen aufgebaut wurde, die in vielen Gegenden unseres Brasiliens die Sprache sprechen.

Sie wissen nicht, dass sie Träger eines immensen Reichtums sind. Von einer Sprachvariante zur offiziellen Version ist ein viel kürzerer und aufwendiger Weg als der, den diejenigen zurücklegen müssen, die keine germanische Sprache sprechen und sie von Grund auf lernen müssen. Ein Sprecher einer Variante ist ein „falscher Anfänger“ beim Erlernen der Amtssprache. Dasselbe passiert mit denen, die „Veneto“ beherrschen und auf Dantes Italienisch stoßen.

Der Stolz darauf, Träger äußerst wertvollen immateriellen Reichtums zu sein, ist von grundlegender Bedeutung, um die Türen des Lernens und der Möglichkeiten weit zu öffnen. Es gibt viele Beispiele für erfolgreiche Profesioneller aufgrund ihrer differenzierten Sprachbeherrschung zusätzlich zu ihrem technischen Wissen in ihrem Fachgebiet. Wichtig ist, dass die Art und Weise, wie sie mit anderen Menschen umgehen und sich äussern, unabhängig von der Sprache, einen Unterschied macht.

Die Entwicklung einer Region kann auch durch die Fähigkeit erfolgen, Menschen aus der ganzen Welt anzuziehen, um mehr über das Leben der Menschen, über unser schönes Land und auch unsere Stärken zu erfahren. Ob in der offiziellen Version oder in einer idiomatischen Variante, die Sprachkenntnisse werden sicherlich für einen differenzierten Empfang derjenigen sorgen, die uns besuchen und schließlich mit uns auch Geschäfte führen.

Ganz natürlich

Wir haben eine große Vielfalt an Sprachen, die in Familienhäusern gesprochen werden und zum Aufbau unserer Region beitragen. Es ist ein Reichtum, dessen Wert unermesslich ist. Aufgrund der Natürlichkeit und vor allem der Unentgeltlichkeit des Lernprozesses wird dieses Repertoire oft nicht angemessen gewürdigt.

Ich hatte das Glück, Professor Lucildo Ahlert bei einem Gespräch über den „Westfälisch“ (in Brasilien „Holzschuh“ genannt) zuhören zu dürfen, das wie Hunsrückisch eine Variante der offiziellen deutschen Sprache ist, aber aus einer anderen Region stammt. Vor allem der nördliche Teil der Gemeinde Teutônia und ein großer Teil der Gemeinde Westfalia im Taquari-Tal wurden in der zweiten Hälfte des 19. Jahrhunderts von Einwanderern aus Westfalen, dem heutigen Bundesland Nordrhein-Westfalen, besiedelt. Aus diesem Grund sprechen viele Nachkommen dieser Kolonisten in vielen Umgebungen immer noch diese Variante.

Professor Lucildo sprach von der Notwendigkeit politischer Maßnahmen zum Erhalt dieser Sprache und hat in dieser Hinsicht völlig Recht. Eine Sprache wird jedoch nicht per Dekret eingeführt. Wenn das der Fall wäre, würde in Brasilien niemand mehr Deutsch sprechen. Schließlich hatte die Regierung diese und andere Sprachen außer Portugiesisch verboten. Ein Krieg führte dazu, dass unsere Nation sich gegen Deutschland positionierte. Man sieht, dass die Konsequenzen überhaupt nicht gut waren.

Der Erhalt einer Sprache erfolgt durch den natürlichen Gebrauch in der Umgebung, in der ihre Sprecher leben. Bemerkenswert: das deutsche Wort für sprachliche Variante ist „Mundart“. Das bedeutet, dass sie einfach gesprochen wird. Die schriftliche Form einer Variante ist nicht so wichtig. Hauptsache ist, dass sie gesprochen wird.

Didaktisch gehört das Sprechen zur Anfangsphase des Sprachenlernens. Neben dem Zuhören ist dies eine Praxis von außerordentlichem pädagogischem Wert für unsere Kinder. In diesem Sinne haben die Eltern zu Hause eine wichtige Aufgabe.

Die Zukunft

Die Welt hat sich schnell verändert. Die Technologie hat sich exponentiell weiterentwickelt. Die Herausforderungen für ein qualitativ hochwertiges Leben in einer geschonten Umwelt werden immer größer. Kriege und Klimakrisen plagen derzeit den Planeten und der Aufbau von Partnerschaften für eine bessere Welt ist von grundlegender Bedeutung und ein Zeichen der Hoffnung für die Zukunft.

„Wir (Brasilien und Deutschland) sind strategische Partner und gemeinsam werden wir uns den Herausforderungen der Zukunft stellen.“ Dies waren die Worte der deutschen Botschafterin Bettina Cadenbach anlässlich der vom brasilianischen Senat organisierten Feier zum 200-jährigen Jubiläum der deutschen Einwanderung.

Mehr als 1000 deutsche Unternehmen sind in Brasilien ansässig und wichtige Organisationen haben ihren Sitz in Rio Grande do Sul: Stihl, Gedore, SAP und Thyssen Krupp sind einige davon. Die Flughäfen Porto Alegre und Fortaleza werden von der deutschen Firma Fraport verwaltet, die nach den verheerenden Überschwemmungen genau zum 200. Jahrestag deutscher Einwanderung nach Brasilien vor einer riesigen Herausforderung steht, nämlich die Anlagen in Porto Alegre wieder in Betrieb zu setzen. Neben der Wirtschaft sind weitere Kooperationen von grundlegender Bedeutung. Forschung und akademische Ausbildung spielen eine herausragende Rolle. Viele deutsche Universitäten kooperieren mit brasilianischen Hochschulen. Der DAAD (Deutscher Akademischer Austauschdienst) ermutigt Brasilianer, in Deutschland zu studieren.

In Deutschland mangelt es vor allem in den Bereichen Gesundheitswesen und Technologie an Arbeitskräften. Für viele Brasilianer ist dies eine gute Arbeitsmöglichkeit.

Das Hin und Her zwischen Brasilien und Deutschland hat heute andere Konturen und Zusammenhänge geschaffen. Wer besser vorbereitet ist, kann sie besser nutzen.

Wir müssen hier weg

Die Mehrheit der deutschen Einwanderer verabschiedete sich für immer von ihrer Heimat, um auf anderen Kontinenten ein besseres Leben zu suchen. Die Mehrheit suchte nach einer neuen Realität aufgrund extremer Armut und anderer Faktoren, die diese Menschen dazu zwangen, eine Einwegentscheidung für ihr Überleben und für bessere Gelegenheiten zu treffen.

Sich von Freunden, Geschwistern und Eltern zu verabschieden und sich auf eine lange und äußerst riskante Reise zu begeben, in Zeiten, in denen der Kontakt nicht unmittelbar war und nicht wie ein Handy in der Hand lag, birgt die Gefahr, nie wieder voneinander zu erfahren.

Eine Reise über den Atlantik, zu Beginn des 19. Jahrhunderts, von Europa nach Brasilien, dauerte durchschnittlich drei Monate, wenn alles gut verlief. Die Schiffe wurden von Segeln angetrieben und ihre Strukturen waren äußerst zerbrechlich, um der Kraft der oft riesigen Wellen standzuhalten.

Die engen Räumlichkeiten, unzureichende und schlechte Nahrung und extrem schlechte Hygiene führten dazu, dass viele während der Reise starben. In diesem Fall wurden die Leichen ins Meer geworfen. Eine doppelte Traurigkeit angesichts der damaligen Moral: der Tod und das Fehlen eines Grabes.

Es gab Einwanderer, die von November 1827 bis Mai 1829 eineinhalb Jahre brauchten, um in Rio de Janeiro anzukommen. Sie mussten noch ihr Ziel erreichen, die Kolonie São Leopoldo, heute eine gleichnamige Stadt, die als Wiege der deutschen Einwanderung nach Brasilien anerkannt wird.

Interessierten empfehle ich die Lektüre des Buches „*Desvendando um mito: a lenda do veleiro Cäcilia*“ des aus Arroio do Meio stammenden Décio Aloisio Schauen und des Deutschen Friedrich Hüttenberger, die die Geschichte einer bedeutenden Gruppe von Einwanderern erzählen und einen neuen Blick auf den Mythos der Gründung der Baumschneise, heute Dois Irmãos genannt, werfen. Diese Stadt ist ein wichtiger Ort der deutschen Einwanderung.

Ein Kulturenmosaik

„Brasilien ist ein Mosaik aus Kulturen, Sprachen und Traditionen, geprägt von der Einwanderung aus vielen verschiedenen Nationen.“ Der Satz wurde von der deutschen Botschafterin in Brasilien, Frau Bettina Cadenbach, anlässlich der Feierlichkeit zum 200. Jahrestag der deutschen Einwanderung in Brasilien geäußert, die vom Bundessenat unter der Leitung von Herrn Flávio Arns, Senator aus Paraná, organisiert wurde. Dieses Mosaik ist eine große Chance und eine große Herausforderung zugleich. Die Annäherung zwischen Konfessionen und unterschiedlichen Ethnien hat seit Beginn der deutschen Einwanderung einige Zeit in Anspruch genommen.

Unter den eingewanderten Deutschen selbst gab es Meinungsverschiedenheiten auch durch Glaubensfragen veranlasst. In dem Buch „*Desvendando o mito: a lenda do veleiro Cécilia*“ von Schauen und Hüttenberger wird die Vorstellung der Auswanderer aus dem Moselgebiet mit katholischer Mehrheit erwähnt, dass diejenigen aus dem Hunsrück und anderen Regionen, da sie protestantischen Ursprungs waren, die Ursache für den möglichen Untergang des Schiffes, das sie nach Brasilien bringen sollte, sein könnten.

In den deutschen Kolonien dauerte diese Aussernandersetzung noch lange an. Wenn es Siedler beider Konfessionen in derselben Kolonie gab, besetzten sie oft bestimmte geografische Gebiete. Ein Fluss konnte die physische Trennung zwischen ihnen sein. Auf einer Seite Katholiken; auf der anderen Seite Protestanten. Interreligiöse Ehen waren nicht erwünscht. Wenn die Liebe zwischen ein Paar unterschiedlicher Konfessionen lauter sprach, war es oft erforderlich, dass einer von ihnen zum Bekenntnis des anderen überging.

Wenn dies aufgrund von Konfession unter den Deutschen selbst geschah, muss man sich die Herausforderung vorstellen, wie aussergewöhnlich es war, sich neuen Kulturen mit ihren Festen, ihrer Küche, ihren Musikstilen, ihrer Kleidung, ihren Sprachen, ihrer Hautfarbe... anzunähern.

Inzwischen haben wir einen wunderschönen Dialog zwischen den Kulturen, der dieses bunte Mosaik namens Brasilien bereichert.

Ein respektvolles und verständnisvolles Miteinander bildet.

Eine neue Sprache

Viele Generationen, Herausforderungen, Chancen und Gespräche nach der Ankunft der ersten Deutschsprecher in Brasilien führten dazu, dass sich die aus Europa mitgebrachte Sprache allmählich veränderte. Die Hauptursache dafür ist der fehlende Kontakt der Siedler selbst und ihrer Nachkommen zu ihrer Heimat.

Heute befinden sich in den verschiedenen Varianten des Deutschen, die auf brasilianischem Boden gebräuchlich sind, Wortmischungen aus dem Portugiesischen, Tupi-Guarani oder afrikanischen Sprachen.

Der Fernseher zum Beispiel wurde lange nach der Ankunft der überwiegenden Mehrheit der deutschsprachigen Einwanderer aus den deutschsprachigen Regionen Europas erfunden (Es gab vor 200 Jahren noch kein Land namens Deutschland). Die Situation wurde auf einfachem Wege gelöst. Es wurde aus dem Portugiesischen ein Begriff entnommen: *die Televison*.

Es gab in Deutschland kein Gericht namens Mocotó. Das Wort wurde problemlos von einer afrikanischen Sprache über das Portugiesische übernommen. „*Ich esse iwa gern Mocotó.*“ Das bedeutet: „*Ich liebe es, Mocotó zu essen.*“

Der Ausdruck, den meine Mutter oft benutzte, wenn sie sich auf die Zeit ihrer Kindheit beziehen wollte, klingt ganz lebhaft: „*Als mer noch so Guri wore*“ oder „*Als wir noch Kinder waren*“. Dieser Ausdruck leitete immer Geschichten ein, die wir gerne hörten. Sie hatten im Allgemeinen einen komischen Charakter in Bezug auf das, was sie erlebten, sahen oder taten. Ein Dankeschön an die Tupi-Guarani-Sprache, die uns den Begriff „Guri“ hinterlassen hat, welcher unter anderem „klein“ bedeutet.

Zu beachten ist, dass sogar die Sprachen miteinander verflochten sind. Dies erleichtert die Anpassung an die neue Welt. Dennoch ließ die Moral lange Zeit keine unmittelbare allgemeine Integration zu.

Harald Malschitzky

23.08.2024

Lieber Everton,

Mit Interesse habe ich deinen Artikel in der heutigen VS (Zeitung „Vale dos Sinos“) gelesen, in dem du den unterschiedlichen Bekenntnissen der deutschen Einwanderer in Brasilien viel Raum widmest. Dadurch hast du mich provoziert, in meinen Erinnerungen und Erfahrungen rumzuwühlen.

Protestantische deutsche Einwanderer wurden bei ihrer Ankunft irgendwie benachteiligt, da der Katholizismus die offizielle Religion in Brasilien war. Die tatsächlichen Konsequenzen für Jahrzehnten sind uns bekannt.

Seit meiner Kindheit habe ich diese religiöse Schizophrenie erlebt. In São Bento do Sul haben sich Priester und Pfarrer oft gegenseitig angegriffen. Aber ich hatte immer viele katholische Freunde. Darüber hinaus war eine meiner liebsten Tanten und ich glaube, die beste Freundin meiner Mutter, eine fromme Katholikin. Um mich auf die Oberstufe vorzubereiten, besuchte ich ein Jahr lang eine Schule der katholischen Schwestern. Als protestantischer Theologiestudent pflegte ich eine tolle Beziehung zu den Seminaristen vom Cristo Rei (katholisches Seminar in São Leopoldo). In der Basis der Gemeinden, waren weiterhin Vorurteile und Intrigen wahrzunehmen: interkonfessionelle Liebesbeziehungen und Ehen wurden kritisiert und führten sogar zu homerischen Streitigkeiten zwischen den betroffenen Familien.

Die meisten öffentlichen Friedhöfe verfügten über getrennte Bereiche für jede Religion, was ich tatsächlich noch in den ersten Jahren meiner Pfarrstelle erlebte. Im Pfarramt hatten wir zu besonderen Anlässen sogar „ökumenische Gottesdienste“, aber in der Basis der Konfessionen blieb es weiterhin kompliziert, auch wenn das Zweite Vatikanum Türen für gute Beziehungen geöffnet hatte. In Toledo, Sitz der 5. Kirchenregion der Evangelischen Kirche Lutherischen Bekenntnisses in Brasilien waren die Beziehungen zwischen den beiden Kirchen ausgezeichnet. Ich, ein lutherischer „Bischof“, wurde oft eingeladen, in der Abendmesse in der Kathedrale zu predigen! Gemeinsam haben die Diözese, die Stadtregierung, die Genossenschaft und wir zwei Hochschulen – FACITOL – gegründet, an denen wir Seite an Seite unterrichteten. Als ich eingeladen wurde, an der EST (Escola Superior de Teologia – Lutherische Theologische Hochschule) zu unterrichten, wurde ich von der IECLB (der Evangelisch-Lutherischen Kirche Brasiliens) in die Glaubens- und Kirchenverfassungskommission des Ökumenischen Rates der Kirchen berufen, eine Kommission, deren Aufgabe es ist, Glaubensfragen zu diskutieren. Zu der Zeit wurde zumindest die Taufe gegenseitig anerkannt. Die meisten nicht katholischen Vertreter

wollten mehr im Einklang mit dem Dokument „Batismo, Eucaristia, Ministérios“ (BEM) - Taufe, Abendmahl und Amt. Zehn Jahre lang habe ich diese Aufgabe ausgeübt. Schließlich konnte ich im Pfarramt in Porto Alegre an mehreren konkreten gemeinsamen Aktionen teilnehmen (Beratungsdienst, theologische Dialoge, eine schöne ökumenische Bibelarbeitsgruppe von Frauen, gemeinsame Feier). Ach ja, in diesen Jahren war ich Dozent an der Anglikanischen Fakultät für Theologie, ein besonderes Erlebnis. Bemerkenswert: 1988 war ich Dozent am Ökumenisch-Theologischen Seminar in Matanzas (Kuba), das von der methodistischen, anglikanischen und presbyterianischen Kirche getragen wird. Ich war der einzige Lutheraner am Ort!

Also, Everton, dein Artikel hat mich dazu veranlasst, konkrete Erfahrungen darüber zu sagen, was du im Allgemeinen wegen des begrenzten Raumes in der Zeitung darstellen konntest. Ich denke, wir haben im religiösen Mosaik einen langen Weg zurückgelegt, und dafür bin ich sehr dankbar. Dennoch wünschte ich, wir wären einen Schritt weiter gekommen, um zum Beispiel die volle Kommunion im Heiligen Abendmahl zu haben. Aber das ist nicht einmal bei unserer Mitschwester IELB (Igreja Evangélica Luterana do Brasil) möglich, die nicht einmal die Kanzelgemeinschaft annimmt.

Ein schönes Wochenende. Schreib weiter, es lohnt sich!

Ganz liebe Grüße,

Harald

Harald Malschitzky, emeritierter Pfarrer

São Leopoldo – RS

harald.malschitzky@gmail.com

Varum Deutsch un net Taitisch?¹

Pronila Krug²

Di Hunsrikschprooch komt fun de Taitisch Keechend woh de selwiche nohme hat – Hunsrik. Di Taitische Imikrande hon di mit geprung do ihi in Brasilie. Unse Imikrande harre kheen orich Raichtum mit brooch, awe das Beste harres im Kop, di hon noore gud Dins mit brooch.

Jede Keechend hat ehn anna Aussprooch, ach in jede Picood gebs unnachit. Do bai uns is noch Portugiisich debai, dan schraib mo, un lees mo, un wi ausschpreche?

In 1870 bis 1890 hots in Deutschland de Kulturkamf geb, un do hot de Erste Minister di Hunsrikschprooch fabott, dorf noore me Hooch Deutsch gesprooch werre, waill das woh was uwe uf de Berge gesprooch is woha.

Di Hunsrikschprooch is jun 2000 Tausend joha alt, in 1605 khonde di Lait jun all leese. Unsa Lait wolle das alles weech werfe, unsa Erbschaft fagesse.

Ich ohn fa main Enkelkind gessod das sollt net fagesse leese was ich schraiwe im Diário. Do sood's fa mich: Ich soll das net leese, wail dan grie ich dorinande in main Kop. De Mensch khaan füll Sprooche lerne, das geb ima noch Mensche woh kanz adrassode sin.

¹ A Revista Contingentia agradece à Editora Z Multi por permitir a publicação na íntegra da crônica *Varum Deutsch un net Taitisch?*, publicada no livro *Crônicas da Pronila/ Pronila Chroniken* (Z Multi Editora, 2018), nas páginas 108 e 109.

² Rainha do Kerb em Ivoti, Pronila Krug nasceu em 6 de setembro de 1946, em Picada 48 Baixa, hoje Lindolfo Collor. Mudou-se para Ivoti/RS e casou-se com Arnildo Krug, com quem teve três filhos. Por vários anos, escreveu crônicas em Hunsrückisch para os jornais *O Diário da Encosta da Serra*, de Ivoti, e *Jornal RS*, de Novo Hamburgo. Trabalhou por 32 anos na Prefeitura de Ivoti, atuando como professora, diretora, vice-diretora e supervisora escolar. Escreveu seu primeiro livro com 72 anos, o bilingue *Crônicas da Pronila/ Pronila Chroniken* (Z Multi Editora), em que compilou os vários dos textos publicados ao longo dos anos nos jornais. Publicou o volume 2 de *Crônicas da Pronila/ Pronila Chroniken* (Z Multi Editora) em 2021, seguindo o mesmo formato. No mesmo ano, inaugurou a *Série Ivoti 70+* de Belmiro Meine, com o volume 1: *"Memórias vivas: Pronila Krug"* (Z Multi Editora). Em 2022, foi patrona do 4º Festival Literário e da 13ª Feira do Livro Escolar de Salvador do Sul. Em 2023, lançou seu último livro, *"De cabelos brancos, pronta para tudo"* (Z Multi Editora). Faleceu aos 77 anos, em 14 de fevereiro de 2024. (Texto enviado à Contingentia pela Z Multi Editora).

Por que alemão, e não Hunsrik?³

Pronila Krug

A fala do Hunsrik se origina na região da Alemanha que possui o mesmo nome – Hunsrik. Essa herança cultural que formou a nação brasileira é nossa verdadeira herança cultural, que temos que preservar. Os imigrantes alemães a trouxeram para o Brasil e enriqueceram nossa Pátria. Eram pessoas simples, sem muito dinheiro, mas tinham boa cabeça e trouxeram também o trabalho braçal.

Não é fácil escrever em Hunsrück. Cada região tem outra pronúncia, até em diferentes Picadas existem diferenças. E aqui em Ivoti ainda tem as influências do português.

Como, então, escrevê-lo? Como pronunciá-lo?

De 1870 a 1890 aconteceu na Alemanha o Kulturkampf, e o Primeiro Ministro então proibiu o Hunsrik. Mas o Hunsrik é uma língua e é a expressão de um povo. Ela tem dois mil anos. Em 1605, naquela região, todos já sabiam ler e até existia jornal.

Perguntei para a minha neta se ela lia minha coluna. Ela me respondeu que foi aconselhada a não ler, porque poderia se confundir com o alemão que estava aprendendo na escola. Mas eu conheço pessoas que falam quatro ou cinco línguas. Será que se confundem?

34

Comentário editorial (Sofia Froehlich Kohl⁴)

Pronila Krug publicou centenas de crônicas em Hunsrückisch sobre os mais diversos assuntos, dentre eles relações familiares, aspectos culturais, religiosos e linguísticos, acontecimentos históricos e testemunhos pessoais. Em sua crônica "*Varum Deutsch un net Taitsh?*", discute a origem do Hunsrückisch falado no Brasil, sua importância cultural e aponta para a dificuldade de garantir que a língua continue sendo usada. Para exemplificar essa dificuldade, a autora menciona no final da crônica um diálogo que teve com sua neta a respeito da sua coluna publicada em Hunsrückisch no Jornal O Diário. A neta, conforme diz a autora, foi desaconselhada a ler as crônicas, já que o Hunsrückisch supostamente poderia interferir no aprendizado do alemão padrão.

³ Tanto o texto em Hunsrückisch quanto o texto em português foram digitados conforme a publicação no livro de Crônicas, sem quaisquer edições.

⁴ Mestre em Estudos Alemães, tradutora, membro da comissão editorial da Revista Contingentia.

Esse pequeno diálogo explicita que talvez o desconhecimento/ desinteresse da geração mais jovem pelo Hunsrückisch é, ao contrário do que se convencionou dizer, em grande parte, resultado das decisões da geração anterior e não das suas próprias. Na última frase do texto em Hunsrückisch, Pronila faz uma crítica veemente em relação a esse posicionamento puritano, em que diz: "É possível que se aprenda muitas línguas, mas ainda há gente que é bem atrasada."⁵ Já na crônica em português, que certamente surgiu consideravelmente depois da crônica em Hunsrückisch⁶, Pronila apresenta o tópico da língua de imigração em certa medida de maneira ufanista, distanciando-se da sua avaliação crítica (apresentada na crônica em Hunsrückisch) em relação ao descaso com o que ela chama de "verdadeira herança cultural".

A tradução da crônica para o português, como é o caso da maioria das traduções que Pronila fez de seus textos, suscita uma sensação de se estar diante de um quebra-cabeça em que é possível vislumbrar a imagem final que resultará da montagem, mas do qual invariavelmente faltam algumas peças – têm-se apenas pinceladas sugestivas da opinião da autora e de sua visão sobre os fatos. Nas vezes anteriores em que li as crônicas da Pronila, as discrepâncias entre os textos em Hunsrückisch e em português me pareciam ser resultado de um certo trabalho de censura, em que a autora intencionalmente ou não incorria quando traduzia os textos para o português. Pensei inclusive se tratar de alguma sorte de seleção de interlocutor, já que me parecia que os textos em Hunsrückisch se dispunham a uma comunicação mais honesta, disponível apenas para alguns leitores. Ao ler e reler essa crônica em específico, me pareceu que o texto talvez não tenha sido exatamente censurado, mas coado através do português, de forma a manter os fatos, mas livrando-o dos gruminhos de emoção. Há certamente uma explicação para o descolamento entre os dois textos que se propõem, no limite, a ser um só: talvez menos tempo, menos inspiração, menos conexão com a língua portuguesa, enfim. De todo modo, os textos de Pronila espelham o lugar de uma geração, que viu e vê a resignificação das suas heranças culturais e que nem sempre assiste calada.

⁵ Minha tradução. A tradução da autora é bem menos incisiva, em que opta por terminar o texto com um comentário um pouco sarcástico, em vez de classificar o puritanismo linguístico como algo ultrapassado.

⁶ Em uma conversa com a autora, tive a oportunidade de perguntá-la por que decidiu traduzir as crônicas para português. Ela me respondeu que foi para atender ao pedido de uma pessoa interessada em saber sobre o que as crônicas publicadas periodicamente no jornal local tratavam, mas que não entendia Hunsrückisch. Para quem consegue ler nas duas línguas fica evidente que a autora (se assim pode ser dito) censurou seus textos sistematicamente, fazendo das versões em português textos brandos e de traços poéticos borrados.

Friirische Geschefta

Pio Rambo¹

Es wóore mohl di tsaite wo es in de colonii khéen gelt geb hot. Es wóod gans fríasch, wo di lait fon allem geplanst honn, un was si iwrich harre is gehandelt geb in de wende. Tsucka un salts wóore tswói article wo weat harre wi gold. Di coloniste sinn fon wait komm sammstachs mittachs, fa di tswói article se gescheftle, wall ende woche, must doch ima kuuche gebackt gewe in dem grosse backoofe, un fa das, muste di frólait doch émfach de tsuckka honn.

Noch dann fa sonntachs de gute chwaine broode in de backoofe enn leie, wóod es nodwennich es salts, pfeffa, knuwwoch, moscóod nuss, tswiwwle, pedacilie, móiron un fett. Gewiss, fon dem gansem dings, hat de bava alles fa de gute sonntachs broode se mache, nohre was chlimm wóod bai bringe wóod es salts un de pfeffa.

Fillmohls harre di baure newa ihnes haus ene grosse hinkel chtall, fa hinkle tsiie un óia ende nohre fa in de wende se gescheftle um tsuckka, salts un pfeffa. Wenn dann de bodegero sain chtellche foll hinkle hat, dann wóod es etwas chlimmes, wall de bava hat dan gónics fa se gescheftle. Was mache?

Êtliche harre chon tuack geplanst fa bissie fumm wickle, dann wóod es óoch ene faine artickel fa se handle in de wende. Un fill mohls, hon annre baure de fumm ab gescheftelt um millie mehl oda sirrup. Awa ene echte bava, wall in denna tsaite es lewe so chpits wóod, konnt sich net de fottel gewe fa iede tóoh se rauche. Di baure honn fill chpeda óngefang se rauche. In denna chlimme tsaite, obwohl de bava saine aichne fumm produtsiad hot, konnt sich nohre de fottel gewe fa sonntachs rauche. Das wóore so ferháftnisse grohsse criole, so grohs, das de bava ene ganse tóoh drón rauche must fa ea se fabringe. Fa fill, wóod dan sonntachs de fumm tóoh.

In Pless Tóol is es dann alles gródso gelóof wi in de annre pletsa. Nohre dott, di unnaschitt wóo das de bodegero net léen di lait bediht hot. Es wóod bai ihm in hellef sai fróo. En rantsich fróo. Bessa geschproch, en unnferhaftniss chlecht uffgeraumtne fróo. Fa se

¹ Pio Rambo é locutor e autor do blog "Língua Alemã Hunsrickisch - Deutsche Hunsrücker" (<https://hunsrickisch.blogspot.com/>).

ónfenge, si hat fêttiche groue hoa, so dinn, dass si dôrrich sichtich wóore. Es sêlwiche konnt ma net fon sainem chnórres sóon. Si hat so en halleb tutsend dicke un ungeschickliche béschte unna de nóos, wo sain gesicht ebérmlich unnuntrauich geloss honn. Di kittle wo si benutst hot wóore ima fa se biichle. Un sain holts chlappe wóore so knáistlich, das noch net de hunt wollt sich owends dróon leie.

In dem selwiche Pless Tóol hot es dann di familie Hérlich geb, wo mechtich metódisch wóod. Fa de Hérlich Frido di óia tsu de wende dróon, hot ima di Alma, sain fróo si gut enngepackt fa se net fabreche in de rées. Es wóod ima en benaidiches khérrebche: foll papia, un tswischen dann di gelwe óia fon saine hinkle.

So is dann de Frido tsu de wende gerrit ene gute sammstach mittach, fa di óia tsu de wende tróon um gescheftle um tsuckka un salts. Wi ea ann di wende komm is, pakte ea saine korreb foll óia ab un hot si in di wende getróon. Di Margeritt, em bodegero sain chlecht uffgerautmne fróo, nommo chlecht ufgeraumt wi ima, hot das tuch am korreb ufgehobt, di óia unnasuucht, do sóod si behs:

- Di óia wo's du hait gebrungt hosst Frido, sinn fill tsu kléen fa se gescheftle.

Ea antwort:

- Du duusell dia! Wenn ich se geleht, wehre se sicha grehssa, un wenn du se geleht hesst, dann wehre se doch sicha all saua!

Negócios de antigamente

Tradução: Pio Rambo

Era uma vez o tempo em que não existia dinheiro na colônia. Isto foi bem antigamente, quando as pessoas plantavam de tudo e o que lhes sobrava era negociado no armazém. Açúcar e sal eram dois artigos que valiam ouro. Os colonos vinham de longe aos sábados à tarde para negociar estes dois artigos, porque no fim de semana tinham que assar uma cuca no enorme forno a lenha, e para tanto, as mulheres precisavam principalmente do açúcar.

Além disto, para no domingo deitar aquele gostoso assado de porco no forno, era necessário sal, pimenta, alho, noz-moscada, cebolas, salsa, manjerona e banha. Claro, o colono dispunha de todos estes ingredientes para fazer o gostoso assado de domingo, mas o difícil era sempre ter à mão o sal e a pimenta.

Muitas vezes os colonos tinham do lado de sua casa um grande galinheiro para criar galinhas e delas ter os ovos somente para trocar no armazém por açúcar, sal e pimenta. Quando então o bodegueiro tinha seu curralzinho cheio de galinhas, ficava difícil porque para o colono não sobrava nada para negociar. O que fazer?

Alguns já haviam plantado fumo para fabricar um pouco de fumo em corda, então este era mais um fino artigo para negociar no armazém. E muitas vezes outros colonos negociavam este fumo em corda por farinha de milho ou melado. Mas um colono de verdade, por nestes tempos a vida andar muito bicuda, não podia se dar ao luxo de fumar todos os dias. Os colonos começavam a fumar bem mais tarde. Nestes tempos difíceis, mesmo o colono produzindo seu próprio fumo, só podia se dar ao luxo de fumar aos domingos. Eram gigantescos palheiros, tão grandes que o colono precisava um dia inteiro fumando naquele negócio para acabar com ele. Para muitos então, domingos era o dia do fumo.

Em Picada Cabeção tudo corria como nas outras localidades. Só que lá o bodegueiro não atendia sozinho às pessoas. Consigo estava a sua mulher. Uma mulher ranzinza. Melhor dito, uma mulher incrivelmente mal-humorada. Para começar, ela tinha um cabelo seboso tão fino, que era transparente. O mesmo não se podia dizer de seu bigode. Ela tinha uma meia dúzia de pelos grossos e desajeitados sob o nariz, os quais deixavam seu rosto bastante desconfiável. Os vestidos que ela usava sempre estavam por ser passados a ferro. E seus tamancos eram tão chulerentos, que nem o cachorro se deitava perto deles de noite.

Nessa mesma Picada Cabeção existia a família Hérlich, a qual era muito metódica. Para o Frido Hérlich levar os ovos até o armazém, a Alma, sua esposa, sempre os empacotava



bem para não quebrá-los na viagem. Sempre era uma cestinha invejável: cheia de papel e no meio os ovos amarelos de suas galinhas.

Então um dia o Frido cavalgou até o armazém num sábado à tarde para trocar seus ovos por açúcar e sal. Quando ele chegou no armazém, descarregou seu balaio cheio de ovos e os levou para dentro. Marguerita, a esposa mal-humorada do bodegueiro, novamente de mal com a vida como sempre, levantou o pano do balaio, analisou os ovos, então disse braba:

– Os ovos que você trouxe hoje Frido, são muito pequenos para comercializar!

Ele respondeu:

– Sua megera! Se eu os tivesse posto, com certeza, seriam maiores, mas se você os tivesse posto, então, com certeza, estariam todos azedos.

De Reil e Burg Mosel para o Fritzenberg¹

Moacir Fritzen²

Manhã do dia 14 fevereiro de 2023, no Cemitério Católico de Linha Nova Baixa, em Presidente Lucena. O dia estava ensolarado, com calor típico do verão no Rio Grande do Sul. Ao deslizar o giz branco sobre a superfície áspera da pedra de arenito, veio à tona o nome de Johann Stephan Fritzen, esculpido na lápide, embora com uma grafia um pouco diferente: Johann Stefan Fritzen. Abaixo dos meus pés, repousam os restos mortais do meu pentavô que imigrou para o Brasil no final da década de 1820.

Nascido em 8 de agosto de 1787, em Reil, na atual Alemanha, ao longo de 73 anos de vida, ele foi citado com diferentes nomes: Johann Stephan Fritzen (em alemão), Joannes Stephanus Fritzen (em latim), Jean Etienne Fritzen (em francês, na sua certidão de casamento), João Estevão Fritzen (em português). E há de se considerar ainda eventuais alterações de grafia como no caso da sua lápide. Várias identidades, mas é a mesma pessoa, o mesmo código genético, a mesma origem e o mesmo destino.

No dia 29 de maio de 1811, Johann Stephan casou com Anna Catharina Conrath, moça apenas duas semanas mais jovem do que ele, da cidade vizinha, separada de Reil apenas pelo Rio Mosela. Noivo e noiva tinham, portanto, 23 anos de idade. O compromisso foi firmado perante o prefeito oficial do Estado civil da prefeitura de Enkirch, do Cantão de Trarbach, Departamento de Rhin & Moselle.

Ah... O Vale do Rio Mosela com parreirais que se estendem ao longo das duas margens, até onde o olhar alcança. De um lado, Reil, e de outro, Burg Mosel. Pouca distância separa as duas comunidades. Lugar onde se respira ar puro, existe um silêncio que transmite uma sensação de paz e tranquilidade, onde o ritmo da vida pode ser admirado.

São pequenos vilarejos. Reil, mais populosa, com cerca de 1,2 mil habitantes. Já Burg Mosel é habitada por não mais do que três centenas de pessoas.

¹ Esse texto foi primeiramente publicado na Antologia da Almurs (Academia de Letras dos Municípios do Rio Grande do Sul) de 2024.

² Jornalista, colaborador do Grupo Sinos.

Claro que no final da década de 1820, a realidade certamente era bem mais complicada, com famílias enfrentando sérias dificuldades como invernos extremos, guerras, doenças, fome, mortes. A falta de esperança de melhorar de condição certamente foi o motivador para que o casal Johann Stephan e Anna Catharina decidisse arriscar a sorte em outro continente. Ambos levaram consigo quatro filhas (Mariana, Catarina, Teresa e Regina) e um filho (João Pedro, com o nome de batismo Johann Peter, em alemão), além de alguns poucos objetos pessoais.

A família embarcou no Porto de Bremen no dia 26 de setembro de 1828 – nos dias que antecederam o embarque, certamente tiveram que percorrer uma distância de quase 500 quilômetros entre Burg Mosel e Bremen – e cruzou o Oceano Atlântico a bordo do veleiro de três mastros Olbers. Depois de percorrer cerca de 10 mil quilômetros por via marítima, os Fritzen, e mais centenas de imigrantes, chegaram ao Rio de Janeiro em 17 de dezembro de 1828. Além do vento e das correntes marítimas, a fé e a esperança também devem ter movido a embarcação em segurança até a costa brasileira.

No dia 7 de fevereiro de 1829, a família Fritzen partiu novamente, desta vez no bergantim Marquês de Viana, rumo ao Sul, com destino à Província de São Pedro. O casal, as filhas e o filho chegaram a São Leopoldo no dia 10 de março de 1829.

Pouco tempo depois, Johann Stephan e Anna Catharina, com as crianças, fixaram moradia no prazo de número 32, na então chamada Linha Hortêncio³. O local fica num morro – chamado até hoje por muitas pessoas de Fritzenberg em referência à família – que permite uma vista panorâmica do vale abaixo dele. A paisagem era deslumbrante, de tirar o fôlego, até onde a visão alcançava. Em dias ensolarados, a mata e a picada na região mais baixa, rodeada de morros. À noite, a lua e o céu estrelado como um punhado de diamantes jogado sobre uma superfície escura.

Alguns de seus novos conterrâneos foram seus companheiros e suas companheiras de viagem no veleiro Olbers e no bergantim Marquês de Viana.

Assim como as demais famílias, os Fritzen também precisaram derrubar a mata, construir uma habitação e iniciar algum plantio para que pudessem sobreviver na nova Pátria. Existiam ainda outros tantos perigos escondidos na selva, como os animais selvagens e os indígenas hostis. A adaptação não foi fácil para ninguém.

No entanto, nem tudo era sofrimento. Logo, o casal foi abençoado com mais dois nascimentos, das filhas Ana Gertrudes e Rosa (também chamada de Rosina). Numa carta,

³ Atual cidade de São José do Hortêncio, nas proximidades do limite com Linha Nova. Também é citada em registros como Portugieserschneis, ou seja, Picada dos Portugueses.

o imigrante Matias Franzen escreveu em 1832 que “João Estevão Fritzen mora a uma hora longe de mim, gozam de perfeita saúde e prosperidade”.

A paz não era tão presente naqueles tempos. Sempre havia riscos. No mesmo ano, o português Hortêncio Leite de Oliveira⁴ apeou na propriedade da família Fritzen, ajuntou um punhado de terra e alertou: “Stephan, estás vendo? Cada grão que escorre entre os meus dedos é um bugre que está vindo para cá”. Era o recado de um iminente ataque de indígenas naquela região e um aviso para que todos se protegessem. No mesmo período, ocorreu o massacre no Rosental⁵, que vitimou praticamente toda a família Goellner – a única sobrevivente conhecida, Helena Goellner, então ainda uma pré-adolescente, na sua fuga, possivelmente passou próximo das terras de Johann Stephan Fritzen. O episódio traumatizou as famílias que viviam nas colônias.

Entranhado no morro, o lote da família Fritzen provavelmente permitisse uma vigilância a olho nu na direção da picada abaixo, mas ao mesmo tempo poderia ser invadido pelas áreas mais superiores.

No ano de 1841, outro acontecimento trágico chocou a comunidade. Quatro homens foram assassinados numa emboscada praticamente onde as águas dos Arroios Cadeia e Feitoria se encontram, no atual limite entre São José do Hortêncio e Lindolfo Collor. Peter Ludwig, dono de um lanchão que fazia o transporte de mercadorias, juntamente com Friedrich Glöckner, Nikolaus Leidens e Mathias Schneider, foram mortos e enterrados na mata. A canoa foi incendiada. Mathias Schneider era casado com Catarina Fritzen e, portanto, genro de Johann Stephan Fritzen.

A região estava envolta com a Revolução Farroupilha naquela década. Havia simpatizantes dos farrapos e também dos imperiais. Conta-se que Peter Ludwig teria denunciado um tal Carlos, supostamente farrapo, pois este teria furtado gado. Isso teria criado uma rusga entre eles. No fatídico dia, Carlos e seus asseclas teriam montado uma espécie de pedágio no Arroio Cadeia, onde Peter Ludwig e os demais foram abordados. A passagem somente seria permitida caso fosse paga uma certa quantia. Peter, então, como dono do lanchão, teria feito um acordo para pagar no retorno, pois precisava de dinheiro para fazer as negociações. Ao retornarem, a tocaia já estava armada e os quatro homens na embarcação foram cruelmente mortos.

As famílias fizeram buscas e não encontraram os corpos. Os quatro homens ficaram então desaparecidos. Até que, em 1849, chegou à paróquia o primeiro padre que falava alemão, Johannes Sedlack. O sacerdote fez um sermão e cobrou com veemência que os

⁴ Hortêncio Leite de Oliveira era um antigo proprietário de terras naquela região.

⁵ Hoje chamado de Roseiral, quase no limite dos atuais municípios de Linha Nova e Feliz.

paroquianos sumidos deveriam ser localizados. Foi então que os restos mortais foram encontrados em covas e depois sepultados no cemitério de 14 Colônias.

A tragédia que se abateu sobre parentes e amigos também serviu para aproximá-los durante as buscas. E desse contato, resultaram três matrimônios entre as famílias Ludwig e Fritzen: Johann Peter (João Pedro) Fritzen com Anna Maria Ludwig, Jacob Ludwig com Ana Gertrudes Fritzen e Pedro Ludwig com Rosina (Rosa) Fritzen.

Em 30 abril de 1838, os nomes João Estevão Fritzen, Mathias Schneider, Nikolaus Leidens e de outros constavam num requerimento de soldo atrasado por colonos que atuaram como soldados de 15 de abril até o final de setembro de 1836, sob as forças lideradas por Johann Daniel Hillebrand, na Colônia de São Leopoldo. Isso comprova que os homens assassinados defenderam o Império durante a Revolução Farroupilha e esse também pode ter sido um ingrediente a mais na desavença que culminou no crime.

No dia 28 de março 1844, ocorreu a fundação da Paróquia São José, e Johann Stephan Fritzen é citado na ata como um dos membros, na qualificação de servidor eclesiástico. Os registros da época trazem o relato de que havia uma mobilização para construção de uma capela maior nas terras de Nikolau Dill, pois a anterior estava se tornando pequena para abrigar os fiéis católicos. O documento cita, inclusive, que houve divergências sobre o tamanho da construção e que a própria Revolução Farroupilha também teria contribuído para um certo clima de confusão e desordem na comunidade.

Outro momento importante aconteceu no ano de 1854, quando Johann Stephan Fritzen vendeu o prazo 32 para Johann Peter Heck, que era irmão de dois de seus genros: Heinrich Peter Heck, casado com Teresa Fritzen, e Johann Jacob Heck, casado com Regina Fritzen. E então advém mais uma curiosidade: Johann Peter Heck era casado com Helena Göllner, justamente a sobrevivente do ataque do Rosental.

Johann Stephan Fritzen e Anna Catharina Conrath Fritzen se mudaram para Capela do Rosário, perto da margem do Arroio Cadeia, onde seus descendentes viveram ao longo de gerações – inclusive alguns ainda residem na localidade. O relato transmitido oralmente entre os familiares é de que, para se proteger bem de uma eventual invasão, a nova casa da família Fritzen teria sido construída com paredes bem espessas.

E assim, aos poucos, mais histórias de famílias se entrelaçaram. Parentes, amigos, vizinhos, membros de comunidades e até inimigos, fizeram com que o convívio amistoso ou agressivo, construísse um rico e vasto legado.

Referências bibliográficas

Amstad, Theodor. Cem Anos de Germanidade no Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1999.

Goulart, Tânia. Freiheit, Gleichheit, Menschlichkeit: os alemães na Revolução Farroupilha. Novo Hamburgo, 19 de set. de 2014. Disponível em: https://www.jornalvs.com.br/_conteudo/2014/09/noticias/regiao/85077-freiheit-gleichheit-menschlichkeit-os-alemaes-na-revolucao-farroupilha.html?fbclid=IwAR3eS5E1aoGkLB7BToVXLswmx9Xy1QagoJg6i7K_AyREON-Aq3nO0VLqyp8Q. Acesso em: 20 fev. 2024.

Hunsche, Carlos Henrique; ASTOLFI, Maria. O Quadriênio 1827 – 1830 da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora G&W, 2004.

Klein, Renato. Do Alto do Morro Grande se avista São José do Hortêncio e grande parte do Vale do Caí. Relato de viagem realizada no início do século XX. São Sebastião do Caí, 2 de jul. de 2013. Disponível em: <https://historiasvalecai.blogspot.com/2013/07/2252-capelas-da-antiga-paroquia-de-sao.html>. Acesso em: 20 fev. 2024.

Rosa, Gilson Justino. Imigrantes Alemães 1824-1853. Porto Alegre: EST Edições, 2005.

Staudt, Jaqueline. Família Schneider. Nova Petrópolis, 01 nov. 2021. Disponível em: https://www.facebook.com/Schneider1801/photos/1368362273566362/?paipv=0&av=AfYw_TKXO6inix_HJ6xSoRmpv-E4KQfW-uif4-EJn-NM7ySFk58-Fo1O_0U4R3HBZIQ&_rdr. Acesso em: 20 fev. 2024.

“Das Deitsch hot noch viel Weat”:
O que dizem falantes de *Hunsrückisch* de uma cidade do interior do Rio
Grande do Sul sobre a língua¹

Tafarel Schmitt²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar diferentes percepções com relação à língua brasileira de imigração *Hunsrückisch*, desenvolvida e falada no Brasil, principalmente no sul do país, a partir de 1824, com a chegada dos primeiros imigrantes alemães ao local. Ao longo desses anos, o *Hunsrückisch* passou por diferentes fases e *status* nas colônias alemãs e nas cidades que se desenvolveram. Primeiramente, ele foi a principal língua de comunicação entre os imigrantes recém-chegados em seu novo lar. Anos após, ele foi proibido de ser falado em função da Campanha de Nacionalização (1937-1945), que defendia a ideia de um país monolíngue. Passado esse período, o *Hunsrückisch* deixou de ser proibido, mas passou a ser cada vez menos falado, em função dos mitos que foram propagados com relação a ele: que seria uma língua de “colonos”, uma “língua errada”, um “alemão falso” e assim por diante (Pupp Spinassé, 2016, p. 110). Nesse sentido, as pessoas passaram a sentir vergonha de saber *Hunsrückisch* e a não ver mais valor na língua, deixando de falá-la. Ao longo dos últimos anos, no entanto, o número de estudos com relação ao *Hunsrückisch* tem aumentado e muitas dessas visões estigmatizadas estão sendo desconstruídas. Contudo, ainda há uma precariedade nas políticas públicas relacionadas às línguas de imigração e, para que isso se reverta, é preciso “dar ouvidos” aos falantes e às línguas minoritárias em si, para que o plurilinguismo seja cada vez mais incentivado (Altenhofen, 2013, p. 96). Com isso em vista, esse artigo ouviu falantes do *Hunsrückisch*, todos moradores da cidade de Morro Reuter, a fim de analisar as suas percepções com relação à língua de imigração. Essas entrevistas fazem parte da série de vídeos *Mea spreche Deitsch* (Nós falamos *Deitsch*), sobre e em *Hunsrückisch*. A análise dos dados mostrou que os entrevistados atribuem grande valor à língua, uma vez que diversas pessoas da região ainda a conhecem e, inclusive, possuem melhores habilidades comunicacionais em *Hunsrückisch* do que em português. Essa língua desempenha, portanto, um papel importante na comunicação diária e nas atividades comerciais que envolvam atendimento ao público. Ademais, os entrevistados não só não demonstram envergonhar-se de seus conhecimentos de *Hunsrückisch*, mas também acreditam ser importante que ele continue sendo falado. Para tanto, a família e a escola são apontadas como as principais instituições em que o *Hunsrückisch* pode ser aprendido. A partir dessas percepções, foi possível elaborar uma porção de ações e políticas linguísticas para valorização e manutenção do *Hunsrückisch*, tais como: sua inserção no currículo escolar, a organização de eventos que promovam comunicação em *Hunsrückisch* e de *workshops* de *Hunsrückisch* para o público geral ou para quem trabalha com atendimento ao público. Em última análise, se conclui que é preciso considerar as necessidades e os interesses dos falantes para o desenvolvimento de políticas linguísticas eficazes.

Palavras-chave: *Hunsrückisch*; políticas linguísticas; línguas de imigração.

Zusammenfassung: Das Ziel dieses Aufsatzes ist es, verschiedene Wahrnehmungen der brasilianischen Einwanderungssprache *Hunsrückisch* zu analysieren. Diese Sprache hat sich vor

¹ Artigo escrito a partir de dados coletados para o projeto *Connecting Histories to Reconnect Identities and Heritage*, desenvolvido por mim entre Out/2023 e Set/2024 no *Institut für Geschichtliche Landeskunde Rheinland-Pfalz e.V.* (Mainz, Alemanha). O projeto foi financiado pela Fundação Alexander von Humboldt, através da bolsa *Bundeskanzler-Stipendium für Führungskräfte von Morgen*.

² Mestrando do curso de Estudos Luso-Alemães (*Masterstudiengang Deutsch-Portugiesische Studien*), da *Johann Wolfgang Goethe-Universität* (Frankfurt, Alemanha), em parceria com a Universidade do Minho (Braga, Portugal). Contato: tafarelschmitt@gmail.com.

allem im Süden Brasiliens seit 1824 (als die ersten deutschen Einwanderer ankamen) entwickelt und wird seitdem gesprochen. Im Laufe der Jahre durchlief das Hunsrückische in den deutschen Kolonien und in den sich entwickelnden Städten verschiedene Phasen und Status. Zuerst war sie die Hauptkommunikationssprache zwischen den Einwanderern in ihrer neuen Heimat. Einige Jahre später wurde sie im Zuge der Nationalisierungskampagne (1937-1945), die die Idee eines einsprachigen Landes vertrat, verbannt. Nach dieser Zeit wurde das Hunsrückische zwar nicht mehr verboten, aber immer weniger gesprochen, was auf die Mythen, die über das Hunsrückische verbreitet wurden, zurückzuführen war: dass es eine Sprache der „Siedler“, eine „falsche Sprache“, ein „falsches Deutsch“ usw. sei (Pupp Spinassé, 2016, S. 110). In diesem Sinne schämten sich die Menschen, Hunsrückisch zu sprechen, und indem sie keinen Wert mehr in der Sprache sahen, hörten sie ebenso auf, sie zu verwenden. In den letzten Jahren hat jedoch die Zahl der Studien zum Hunsrückischen zugenommen und viele dieser stigmatisierten Ansichten werden damit allmählich dekonstruiert. Die Sprachpolitik in Bezug auf die Einwanderungssprache ist jedoch immer noch prekär. Um dies zu ändern, ist es notwendig, den Sprechern und den Minderheitensprachen selbst „zuzuhören“, damit die Mehrsprachigkeit zunehmend gefördert wird (Altenhofen, 2013, S. 96). Vor diesem Hintergrund wurden in diesem Aufsatz Sprecher*innen des *Hunsrückischen*, die alle in der Stadt Morro Reuter wohnen, befragt, um ihre Wahrnehmung der Einwanderungssprache zu analysieren. Diese Interviews sind Teil der Videoserie *Mea spreche Deitsch* (Wir sprechen Deutsch), die über und auf *Hunsrückisch* ist. Die Auswertung der Daten hat gezeigt, dass die Befragten einen hohen Wert in der Sprache sehen, da viele Menschen in der Region sie noch kennen und sich sogar besser auf *Hunsrückisch* verständigen können als auf Portugiesisch. In diesem Sinne ist die Sprache wichtig für die tägliche Kommunikation in der Region und für diejenigen, die im Kundenservice arbeiten. Außerdem schämen sich die Befragten nicht mehr dafür, die Sprache zu kennen, und halten es für wichtig, dass sie weiterhin gesprochen wird, wobei vor allem die Familie und die Schule als Orte genannt werden, an denen die Sprache erlernt werden kann. Auf der Grundlage dieser Wahrnehmungen konnten einige Sprachenpolitik zur Aufwertung und Erhaltung des *Hunsrückischen* vorgeschlagen werden, wie z. B. die Aufnahme der Sprache in den Lehrplan der Schulen, Veranstaltungen zur Förderung der Interaktion in der Sprache, *Workshops* für das allgemeine Publikum oder für diejenigen, die im Kundendienst tätig sind. Das Wichtigste ist jedoch, dass mehr Sprecher*innen gehört werden, damit noch weitere Beiträge zur Gestaltung der Sprachpolitik geleistet werden können.

Schlüsselwörter: *Hunsrückisch*; Sprachenpolitik; Einwanderungssprache.

Introdução

O presente estudo pretende investigar como alguns falantes de *Hunsrückisch* (em português “hunsriqueano”) entendem a língua e qual o valor que eles atribuem a ela. Entende-se por *Hunsrückisch* uma língua de imigração de origem alemã cuja base linguística são os dialetos francônio-renano (*Rheinfränkisch*) e francônio-moselano (*Moselfränkisch*), falados na região do *Hunsrück* na Alemanha, e que se desenvolveu, principalmente no Sul do Brasil, a partir do contato com outras variedades do alemão, inclusive a sua forma padrão, e com outras línguas, sobretudo o português (Altenhofen, 1996, p. 27).

O *Hunsrückisch* começou a se desenvolver no Brasil em 1824, com a chegada dos primeiros imigrantes alemães³ ao país, sendo que hoje há uma estimativa de em torno de 1.225.000 falantes da língua no Brasil (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato

³Apesar da Alemanha não existir enquanto país até 1871, se utilizará o termo “imigrantes alemães” para se referir às pessoas de fala germânica que deixaram a sua terra natal para tentar uma nova vida no Brasil.

Grosso e Espírito Santo), mas também na Argentina e no Paraguai (Altenhofen & Morello, 2018, p. 120). Há também variedades distintas do *Hunsrückisch* que foram se constituindo ao longo dos anos e são faladas nessas regiões. Essas variedades podem ser subdivididas em tipo *Deitsch* – mais distantes do padrão e as primeiras a se desenvolverem no Brasil – e tipo *Deutsch* – mais próximas do alemão padrão e desenvolvidas posteriormente, com a chegada dos novos imigrantes a partir de 1850 (Altenhofen & Morello, 2018, p. 67-72). Para se referir ao *Hunsrückisch*, são utilizadas diferentes nomenclaturas, sendo algumas delas *Deitsch*, *unser Deitsch*, *Deitsch von dehemm*, *Plattdeitsch*, *Hunsrik* e assim por diante⁴. Contudo, essas nomenclaturas se referem ao *Hunsrückisch*, que, conforme Altenhofen (1996, p. 27), seria um termo guarda-chuva para as variedades da língua faladas no Brasil cuja base são os dialetos francônio-renano e francônio-moselano.

Ao longo desses 200 anos de presença no Brasil, o *Hunsrückisch* passou por diversas fases e *status*. Ele se desenvolveu como língua de comunicação entre os imigrantes e foi amplamente falado nas colônias alemãs (Altenhofen & Morello, 2018, p. 37). Anos após, foi proibido em decorrência da Campanha de Nacionalização (1937-1945) e da Segunda Guerra Mundial (Pupp Spinassé, 2015, n.p.). Passado esse período, o *Hunsrückisch* voltou a ser permitido, porém perdeu o *status* de língua principal de comunicação e passou a ser estigmatizado em função dos sentimentos negativos decorrentes do período de inibição e da maior incorporação de palavras do português (Pupp Spinassé, 2015, n.p.). Hoje em dia, o *Hunsrückisch* tem *status* de língua minoritária no Brasil que, conforme define Altenhofen (2013, p. 94), é uma “modalidade de línguas ou variedades usadas à margem ou ao lado da oficial”.

Na tentativa de desconstruir essa visão estigmatizada do *Hunsrückisch*, diversos estudos acadêmicos sobre a língua vêm sendo realizados ao longo dos últimos anos (vide, por exemplo, Altenhofen, 1990; Altenhofen, 1996; Pupp Spinassé, 2005; Käfer, 2013; Limberger, 2018; Von Mühlen, 2019; Altenhofen & Morello, 2018, etc.). Todos esses estudos (e outros) apontam para duas direções: a importância de se valorizar e manter o *Hunsrückisch* vivo nas comunidades e a lacuna nas políticas linguísticas para que isso seja possível.

Mas como se pode fazer políticas linguísticas? Altenhofen (2013, p. 96) menciona que, para que políticas linguísticas ocorram de maneira efetiva, é fundamental ouvir os falantes. Conforme o autor, esse “ouvir” vai tanto “no sentido de **‘garantir voz’** às diferentes comunidades linguísticas que co-habitam determinado espaço de legislação, como também, e, principalmente, no sentido de **‘dar ouvidos’** e incentivar o plurilinguismo

⁴ Para mais informações sobre as diferentes nomações do *Hunsrückisch*, ver Habel (2017).

como postura adequada para uma ‘democracia cultural’[...]” (Altenhofen, 2013, p. 96, grifos do autor). Ou seja, além de ouvir o que os falantes pensam com relação a uma língua minoritária, é preciso também dar valor a essas opiniões para incentivar o plurilinguismo. E é pensando nisso que este estudo se justifica.

O objetivo do presente artigo é, portanto, entender se falantes do *Hunsrückisch* veem valor na língua, se eles se envergonham ou se orgulham de falá-la e o que eles pensam sobre a sua continuidade. Para tanto, foram realizadas entrevistas com moradores de Morro Reuter, minha cidade-natal, de diferentes faixas etárias (entre 12 e 91 anos). A partir das entrevistas, é possível pensar em ações futuras e demais estudos para a construção de mais políticas linguísticas que valorizem a língua minoritária.

Para atingir os objetivos supracitados, este artigo está organizado da seguinte forma: primeiramente são apresentados os estudos já realizados sobre o tema, a fim de se entender como os falantes do *Hunsrückisch* têm visto a língua ao longo dos anos. Em seguida, são expostos e discutidos estudos relacionados às (ou à falta de) políticas linguísticas para a valorização e a preservação das línguas minoritárias no Brasil. Após, a metodologia é apresentada, com a descrição do contexto de pesquisa, dos participantes e dos procedimentos de análise. Na sequência, está a análise e discussão dos resultados, com apresentação de trechos transcritos de algumas falas. Por fim, se apresentam as considerações finais com sugestões de ações e estudos futuros sobre o tema.

48

Como os falantes de *Hunsrückisch* têm visto a língua ao longo dos anos

O ano de 1824 marcou a chegada dos primeiros 39 imigrantes alemães ao sul do Brasil. Ainda na primeira fase da imigração (1824-1830), chegaram mais em torno de 5.000 imigrantes (Tubino, 2007, p. 58), que eram provenientes de diferentes regiões da atual Alemanha. Todos eles levaram para o novo país suas tradições e as suas línguas (Grützmann, 2008, p. 26), que, apesar de serem de origem germânica, se diferenciavam umas das outras pelo mosaico de regiões de onde os imigrantes eram provenientes (Pupp Spinassé, 2015, n.p.). O grupo maior de imigrantes, no entanto, vinha do *Hunsrück*, uma região montanhosa da Alemanha, localizada entre os rios Mosela, Reno, Nahe e Sarre. Os imigrantes dessa região falavam os dialetos francônio-renano (*Rheinfränkisch*) e francônio-moselano (*Moselfränkisch*), que, por serem dialetos da maioria, serviram de base para o desenvolvimento do *Hunsrückisch* (Pupp Spinassé, 2015, n.p.). Ou seja, mesmo quem não vinha do *Hunsrück*, acabava utilizando a fala de lá para se comunicar com os demais.

Conforme Altenhofen (1996, p. 61), o *Hunsrückisch* foi facilmente mantido durante muitos anos nas colônias alemãs, uma vez que elas eram muito isoladas da sociedade brasileira e o contato com o português era quase nulo. Inclusive nas escolas e na igreja, cujos professores, padres e pastores eram imigrantes, se falava e se ensinava a variedade padrão do alemão, uma vez que o governo brasileiro não oferecia o suporte necessário a esses grupos (Pupp Spinassé, 2015, n.p.). Contudo, Altenhofen (1996, p. 61) explica que, aos poucos, o contato com o português, principalmente com a variedade do Rio Grande do Sul, e com outras línguas minoritárias (italiano, polonês, línguas indígenas etc.) foi aumentando, o que fez com que ocorressem empréstimos linguísticos no *Hunsrückisch*. Nesse sentido, a língua se desenvolveu no novo país e se tornou uma “variedade distinta de outras variedades do alemão, embora vinculada a elas historicamente e por semelhança” (Limberger, 2018, p. 9). Ou seja, o *Hunsrückisch* é uma língua “fora da matriz de origem europeia, por ser uma língua brasileira” (Limberger, 2018, p. 40), o que justifica a sua classificação como língua minoritária, pertencente ao grupo das línguas de imigração⁵.

Como se pode ver, durante muitos anos, o *Hunsrückisch* teve um *status* de grande importância entre seus falantes, pois era a língua utilizada para comunicação diária. Contudo, a partir dos anos 1870, a integração dos imigrantes com a língua portuguesa se intensificou (Pupp Spinassé, 2015, n.p.). Ainda segundo a autora, isso teria causado um conflito de identidade nos descendentes de imigrantes que, nascidos no Brasil, não viam sentido em uma ligação com a “pátria abandonada”. A autora ainda explica que “por um lado, eles não conseguiam se desvencilhar de sua tradição, de sua língua materna – e nem o queriam; por outro lado, eles não queriam mais ser vistos como ‘estrangeiros’, ‘estranhos’, pois também não o eram” (Pupp Spinassé, 2015, n.p.). Passaram, então, a querer falar mais o português, mas o faziam com bastante dificuldade, uma vez que, “depois de muitos anos de vida numa ilha linguística não seria fácil aprender uma outra língua de forma natural” (Pupp Spinassé, 2015, n.p.). A autora ainda explica que, como consequência disso, essas pessoas acabaram sofrendo preconceito linguístico com relação à sua fala e ao seu sotaque e, portanto, passaram a sentir vergonha da maneira com que se comunicavam em português.

A Campanha de Nacionalização (1937-1945), outorgada pelo presidente Getúlio Vargas com o objetivo de forçar a integração de comunidades de imigrantes à

⁵ Conforme Pupp Spinassé (2016, p. 108), “existem seis diferentes categorias de línguas minoritárias no Brasil: as línguas indígenas; as variedades regionais da língua portuguesa; as línguas de imigração; as línguas de comunidade afro-brasileiras; as línguas de sinais; e as línguas crioulas”.

população brasileira, juntamente com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, fizeram com que a língua alemã fosse proibida no Brasil (Altenhofen, 1996, p. 70). A partir de então, passou a ser obrigatório falar português nas escolas e na igreja, mas o *Hunsrückisch* continuou a ser falado nas comunidades, uma vez que várias pessoas não conheciam outra língua (Pupp Spinassé, 2015, n.p.). Porém, o faziam com medo, e alguns inclusive recebiam punições simplesmente por falarem alemão. Essa situação também contribuiu para que os imigrantes e descendentes tivessem vergonha e medo de falarem a língua.

Após esse período, apesar de não ser mais proibido, o *Hunsrückisch* passou a ser cada vez menos falado nas comunidades. Primeiramente, isso aconteceu pela maior comunicação e integração com o português, uma vez que muitos jovens passaram a sair das comunidades alemãs e ir para centros urbanos para trabalhar. Com isso, eles se comunicavam mais em português, associando o *Hunsrückisch* a uma língua falada na família e com pessoas mais velhas (Altenhofen, 1996, p. 61).

O preconceito linguístico que os imigrantes e/ou descendentes sofreram ao tentarem se comunicar em português também foi um motivo para a diminuição do número de falantes da língua de imigração. Ou seja, o *Hunsrückisch* passou a ter um *status* de estigma na sociedade e também entre seus falantes. Pupp Spinassé (2016) menciona alguns mitos relacionados à língua e propagados pela sociedade. De acordo com a autora,

só 'colonos' (ou seja, pessoas que vivem no campo) fariam o *Hunsrückisch*; [...] essa variedade não seria um sistema linguístico definido, não sendo nem alemão nem português, somente uma 'mistureba'; [...] o *Hunsrückisch* seria simplesmente um alemão errado a ser corrigido; [...] se trataria de uma língua 'ruim' [...] (Pupp Spinassé, 2016, p. 110).

Esse *status* de “alemão errado” ou de “língua ruim” mostra que muitos não entendem o *Hunsrückisch* como uma língua brasileira e veem os empréstimos linguísticos como algo negativo. Contudo, como mostra Pupp Spinassé (2015, n.p.), empréstimos são um “processo natural linguístico enriquecedor” a todas as línguas. Ou seja, o fato de o *Hunsrückisch* ter um vocabulário composto por palavras de outras línguas não faz dele menos importante do que a variedade padrão do alemão, assim como é propagado nos mitos apresentados anteriormente. Ademais, o pressuposto de que existem línguas puras é algo equivocado, ou seja, não existem línguas sem empréstimos linguísticos (Altenhofen & Morello, 2018, p. 77).

Outro ponto importante e que influenciou no processo de estigmatização do *Hunsrückisch* foi o fato de diversos professores culparem o conhecimento da língua

minoritária para as dificuldades de aprendizagem do português por parte das crianças na escola. Altenhofen (1990) ilustra diversos casos em que isso acontece, bem como argumenta que saber uma língua não implica em ter dificuldade para aprender outra e que as escolas devem estar mais preparadas para receber alunos falantes de *Hunsrückisch*. O autor inclusive cita uma reportagem do *Jornal Zero Hora* de 25 de junho de 1989, sobre o então prefeito de Santa Maria do Herval, cidade do interior do Rio Grande do Sul, que se orgulhava em dizer que nas escolas do município era proibido falar alemão e, quem o fizesse, recebia castigo (Altenhofen, 1990, p. 21).

Esses estigmas com relação ao *Hunsrückisch* fizeram também com que muitos pais deixassem de ensinar a língua aos seus filhos – afinal, se eles foram motivo de deboche ou se eles tiveram dificuldades em aprender o português, por que não “cortar o mal pela raiz”? (Altenhofen & Morello, 2018, p. 60). Contudo, o que esses pais não se dão conta é de que estão privando seus filhos de uma criação bilíngue e de conhecerem uma língua que pode trazer vários benefícios (Steffen, 2008) para melhoria do processamento de leitura (Limberger, 2018) e aprendizagem da variedade padrão do alemão (Pupp Spinassé, 2009; Käfer, 2013; Pupp Spinassé & Käffer, 2017).

Para ilustrar as percepções apresentadas até aqui, vale mencionar o estudo desenvolvido por Pinho (2008). A autora analisa as visões sobre o *Hunsrückisch* de quatro falantes nascidos em comunidades bilíngues (português e *Hunsrückisch*), que se mudaram para um centro urbano e, com isso, diminuíram drasticamente o uso da língua minoritária. Assim como pode ser visto em Pupp Spinassé (2015, n.p.), uma participante do estudo de Pinho (2008) menciona as dificuldades que teve para aprender português na escola, relatando que os colegas riam e debochavam uns dos outros quando eles não sabiam algo, ações perpetradas inclusive por alunos que também eram falantes de *Hunsrückisch* (p. 84). A mesma participante ainda menciona que o *Hunsrückisch* tem uma função afetiva para ela, pois é a língua que ela utiliza para falar com a família (p. 86), o que os demais participantes também afirmam. Outra resposta comum a eles é que saber *Hunsrückisch* os ajudou a aprender alemão padrão, como afirma Pupp Spinassé (2009). Contudo, eles não acreditam ser importante aprender a língua minoritária na escola, mas sim a variedade padrão, que “aparece mais associada aos estudos e a maiores oportunidades econômicas” (Pinho, 2008, p. 88). Uma resposta que não foi homogênea entre os participantes do estudo foi com relação à preservação do *Hunsrückisch*. Dois dos participantes afirmam a importância de manter a língua minoritária viva como forma de preservar a cultura e a identidade, mas os outros dois afirmam não ter interesse de ensiná-la aos filhos pelas dificuldades que eles tiveram na infância e por não verem valor em passar a língua adiante.

Dez anos após o estudo realizado por Pinho (2008), Schmitt e Winckelmann produziram o documentário “Viver no Brasil falando *Hunsrückisch*” (Schmitt & Winckelmann, 2018), que foi um dos produtos do IHLBrl (Inventário do Hunsrückisch como Língua Brasileira de Imigração), coordenado pelos pesquisadores Cléo Vilson Altenhofen e Rosângela Morello. Ao longo do documentário, podemos ouvir várias pessoas relatando suas experiências e suas percepções com relação à língua minoritária. Alguns desses relatos vão ao encontro do que Pinho (2008) menciona, como a visão de que o *Hunsrückisch* não é um alemão certo, que é uma mistura de línguas e que muitos ainda se envergonham de falá-lo. Alguns entrevistados mais velhos também mencionaram a dificuldade em aprender português na escola, como também pode ser observado nos estudos de Pinho (2008) e Pupp Spinassé (2015).

Entretanto, muitas percepções apresentadas no documentário se diferenciam do estudo de Pinho (2008), por mostrarem uma maior valorização e preocupação com a língua minoritária. Alguns exemplos de relato da importância do *Hunsrückisch* incluem seu uso no ambiente de trabalho (por exemplo, no atendimento aos clientes) e o auxílio no aprendizado de outras línguas (como o alemão padrão e o inglês). Algumas professoras também relatam um trabalho mais inclusivo nas escolas com as crianças que falam *Hunsrückisch* e reconhecem que o apagamento da língua minoritária no passado foi um erro. Essa visão mais cheia de valor com relação à língua minoritária que pode ser observada no documentário pode ser justificada pelos vários estudos sobre a importância do *Hunsrückisch* que foram realizados nos últimos anos e que podem ter conscientizado seus falantes. No entanto, é possível que isso tenha relação também com os participantes entrevistados, uma vez que, se não vissem valor na língua, dificilmente teriam aceitado participar de um documentário.

Outro estudo que teve o intuito de ouvir falantes de *Hunsrückisch* sobre suas percepções com relação à língua e sobre uma proposta de escrita para ela foi o realizado por Von Mühlen (2019). De uma forma geral, os entrevistados para este estudo também trazem visões estigmatizadas com relação à língua minoritária, como as já apresentadas anteriormente. Contudo, percebe-se que, o que difere os dados obtidos por Von Mühlen (2019) dos de Pinho (2008) é uma maior preocupação com a manutenção do *Hunsrückisch*, algo que pode ser percebido também no documentário (Schmitt & Winckelmann, 2018). Alguns dos entrevistados por Von Mühlen (2019) concordam que, quando se está deixando de falar a língua minoritária, está se perdendo possibilidades de convívio familiar (p. 127), ou ainda de empregos, principalmente em comércio (p. 130). Também diferente das respostas analisadas por Pinho (2008), os entrevistados por Von Mühlen (2019) se preocupam com o desaparecimento do *Hunsrückisch* e afirmam que algo

precisa ser feito. Uma resposta frequente entre eles é de que a escola seja o local ideal para se ensinar a língua minoritária, juntamente com o apoio da comunidade e das famílias (p. 152). A autora conclui que o ensino escolar do *Hunsrückisch* pode ser uma das iniciativas para sua manutenção, mas não a única, e que essa precisa ser uma decisão da comunidade, e não algo imposto (p. 156). Ou seja, é preciso que sejam criadas políticas linguísticas a partir da escuta ativa dos falantes da língua.

Políticas linguísticas para a manutenção do *Hunsrückisch*

O Brasil ainda é visto como um país monolíngue e, por isso, as línguas de imigração, assim como as demais línguas minoritárias, ainda sofrem muito preconceito por não “acharem seu espaço nesse cenário” (Pupp Spinassé, 2016, p. 103). Não faz muito tempo que se iniciaram no Brasil as ações para tentar reverter essa visão de país monolíngue, sendo que a grande maioria delas é (e foi) impulsionada por estudos acadêmicos (Pupp Spinassé, 2016, p. 108). Ou seja, mesmo com as iniciativas da academia, ainda faltam políticas linguísticas para que as línguas minoritárias sejam valorizadas e mantidas na sociedade brasileira.

Por políticas linguísticas, entende-se

um conjunto de escolhas conscientes referentes às relações entre língua(s) e vida social, o planejamento linguístico: a implementação prática de uma política linguística, em suma, a passagem ao ato. Não importa que grupo pode elaborar uma política linguística: fala-se, por exemplo, de “políticas linguísticas familiares” (Calvet, 2002, p. 145).

53

Nesse sentido, uma família que decide ensinar (ou não) a língua minoritária para seus filhos está elaborando uma política linguística. Uma escola que promove ações para acolher (ou não) um aluno bilíngue, ou uma prefeitura que decide nomear seus eventos em uma língua minoritária também estão elaborando uma política linguística (Altenhofen, 2004, p. 86). Ou seja, todas as instâncias colaboram e têm um papel importante na definição das políticas linguísticas. Porém, “só o Estado tem o poder e os meios de passar ao estágio do planejamento, de pôr em prática as escolhas linguísticas” (Calvet, 2002, p. 145), ou seja, de oficializá-las e de regulamentá-las.

Com relação ao *Hunsrückisch*, existe hoje uma série de legislações. A língua é, por exemplo, considerada patrimônio histórico e cultural do Estado do Rio Grande do Sul, pela Lei nº 14.061, de 23 de julho de 2012, e integra o patrimônio cultural imaterial do Estado de Santa Catarina (Lei nº 16.987, de 3 de agosto de 2016). Além disso, o *Hunsrückisch* também é língua cooficial de alguns municípios de ambos os estados, como

Santa Maria do Herval (Decreto nº 5/2009), Antônio Carlos (Lei Legislativa 132/2010), São João do Oeste (Lei nº 1685, de 12/07/2016) e outros.

Essas ações podem trazer uma maior visibilidade e valorização da língua minoritária. Contudo, concorda-se com Altenhofen e Morello (2018) quando afirmam que “a lei de cooficialização em si não garante avanços” (p. 200). Nesse sentido, além de cooficializar, é preciso regulamentar a implementação da língua minoritária e prever os encargos financeiros necessários para isso (Altenhofen & Morello, 2018, p. 200). Os autores ainda sugerem uma série de ações para que essa regulamentação aconteça, dentre elas:

pode prever a espacialização da língua por meio de placas nas cidades [...]. Pode ainda prever editais e ações de ensino e sensibilização; pode dirigir a política de ensino prevendo a inserção da língua alemã e/ou a variedade do alemão local nas escolas, de modo a adotar uma pedagogia do plurilinguismo, com base na consciência plurilinguística dos alunos e não no ensino da escrita [...]; ou ainda na direção de uma pedagogia via pesquisa que qualifica e forma professores [...] (Altenhofen & Morello, 2018, p. 200).

Outro ponto importante a ser destacado aqui é a não menção das línguas de imigração em legislações educacionais a nível federal. No parágrafo 5º do Artigo 26 da versão revisada da LDB (Lei de Diretrizes e Bases), o mais importante documento de regulamentação da educação brasileira, vemos que “no currículo do ensino fundamental, a partir do sexto ano, será ofertada a língua inglesa” (Brasil, 1996)⁶. Para o ensino médio, o documento também fala em ensino de inglês, mas ainda menciona, no parágrafo 3º do Artigo 30, que “os currículos do ensino médio poderão ofertar outras línguas estrangeiras, preferencialmente o espanhol, de acordo com a disponibilidade de oferta, locais e horários definidos pelos sistemas de ensino” (Brasil, 1996)⁷. Quando se trata de línguas minoritárias, a única categoria mencionada na LDB são as línguas indígenas, asseguradas às comunidades tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio (Brasil, 1996). Mesmo não havendo menção na LDB, muitas escolas municipais, estaduais e privadas do sul do Brasil oferecem aulas de alemão como língua estrangeira, em função da história da região com a imigração alemã. Esse ensino, no entanto, é normalmente da variedade padrão da língua em detrimento do *Hunsrückisch*.

Como se pode ver, existem várias lacunas na regulamentação de ações que podem promover a valorização e a manutenção das línguas minoritárias. No entanto,

⁶ Redação alterada em função da Lei nº 13.415 de 2017, que regulamenta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no Brasil.

⁷ Incluído pela Lei nº 14.945, de 2024, que define as novas diretrizes do Ensino Médio no Brasil).

antes que uma política linguística para este fim seja, de fato, criada, é preciso “dar ouvidos” aos falantes da língua para saber quais são as suas percepções, os seus desejos e as suas necessidades (Altenhofen, 2013, p. 96). De pouco adianta uma política linguística ser imposta aos falantes, uma vez isso pode ter “efeito contrário, afastando as novas gerações da língua da comunidade” (Von Mühlen, 2019, p. 152). Em um cenário ideal, essas construções devem iniciar com as instâncias menores (famílias, escolas, comunidades) e serem regulamentadas pelo Estado, como afirma Calvet (2002, p. 145).

Portanto, estudos como os de Pinho (2008) e Von Mühlen (2019), ou o documentário de Schmitt e Winckelmann (2018), que ouvem os falantes sobre a sua visão com relação ao *Hunsrückisch*, são extremamente importantes para que políticas linguísticas sejam pensadas e elaboradas. Além desses exemplos, pode-se citar também o projeto ALMA-H (Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: *Hunsrückisch*)⁸, coordenado pelo pesquisador Cléo Vilson Altenhofen (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS) em parceria com o professor Harald Thun (Universidade de Kiel). Esse projeto tem um banco de dados de entrevistas e questionários com falantes de *Hunsrückisch* de 41 localidades de pesquisa, além de outros materiais escritos e fotos, que possibilita uma série de estudos relacionados à descrição e estudo da língua minoritária e a propostas para a sua valorização e manutenção.

O ALMA-H também contribuiu para o projeto IHLBrI (Inventário do *Hunsrückisch* como Língua Brasileira de Imigração), desenvolvido através de uma parceria com o IPOL (Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística, cuja coordenação geral é de Rosângela Morello). O IHLBrI buscou inventariar o *Hunsrückisch*, na tentativa de salvaguardá-lo e promovê-lo. Como culminância do projeto, foi publicado o livro “*Hunsrückisch: inventário de uma língua do Brasil*” (Altenhofen & Morello, 2018), que traz a história do desenvolvimento da língua no Brasil, sua descrição, localidades de fala, percepções atuais sobre a língua, estudos já realizados e perspectivas futuras. Além disso, como já mencionado, o documentário “Viver no Brasil falando *Hunsrückisch*” (Schmitt & Winckelmann, 2018), também é produto do IHLBrI.

Dentro do panorama apresentado até aqui e sob a premissa da necessidade de se dar voz aos falantes de *Hunsrückisch* para a criação de medidas efetivas de preservação do patrimônio linguístico, o presente artigo tem o intuito de dar espaço para as opiniões da comunidade de fala. Nos próximos capítulos, serão apresentados alguns relatos com a opinião de diferentes falantes com relação ao *Hunsrückisch*.

⁸ Para mais informações, ver <https://www.ufrgs.br/projalma/>.

O Estudo

Os dados coletados para este estudo advêm de entrevistas realizadas com 22 falantes de *Hunsrückisch* da cidade de Morro Reuter, pequeno município localizado no início da Serra Gaúcha e que ainda mantém viva a língua minoritária. Essas pessoas⁹ foram escolhidas por serem minhas conhecidas, uma vez que Morro Reuter é minha cidade-natal, e por utilizarem o *Hunsrückisch* com frequência e em diversos contextos (com a família, no trabalho, na escola...). A Tabela 1, logo a seguir, apresenta os nomes dos participantes, sua idade, profissão e em que contexto utilizam o *Hunsrückisch*.

Tabela 1 – Participantes do estudo

Nome	Idade	Profissão	Uso do <i>Hunsrückisch</i>
Aloíso Dapper	51	Agricultor	No dia a dia
Beatriz Boufleuer Dapper	54	Agricultora	No dia a dia
Sofia Dapper	17	Estudante e calçadista	Na família
Luísa Dapper	15	Estudante	Na família
Milena Dapper	12	Estudante	Na família
Loeni Führ Steffen	53	Comerciante	Na família, no emprego
Fernanda Steffen Kunzler	41	Comerciante	Na família, no emprego
Erna Laux	91	Agricultora aposentada	No dia a dia
Adriana Laux	42	Auxiliar de escritório	Na família
Vera Zimmer	65	Atendente de Sindicato	Na família, no emprego
Andreia Laux Ternus	47	Professora	Na família
Laura Helena Arnold	21	Atendente de Sindicato	Na família, no emprego
Maria Eduarda Ternus	15	Estudante	Na família
Andressa Büttenbender	26	Professora	Na família
Angelita Wobeto Eich	41	Professora	Na família, no emprego
Valdir Antônio Eich	52	Aposentado	No dia a dia
Samuel Wobeto Eich	12	Estudante	Na família
Izadora Wobeto Eich	15	Estudante	Na família
Maria Maristela Knorst	49	Merendeira aposentada	No dia a dia
Flávia Maria Knorst	76	Professora aposentada	No dia a dia
Maria Nelci Büttenbender	70	Agricultora aposentada	No dia a dia
Simone Führ Zwirtes	45	Empresária	Na família

Fonte: Elaborada pelo autor (2024).

Todos os participantes falam uma variedade mais do tipo *Deitsch*, sendo que a grande maioria deles nomeia a língua dessa forma, bem como alguns se referem a si mesmos como *Deitsche*¹⁰.

⁹ O nome dos participantes foi mantido, uma vez que as entrevistas foram utilizadas também em outras publicações, inclusive em uma série de vídeos. Todos autorizaram a divulgação do seu nome e o uso de sua imagem nessas publicações.

¹⁰ As palavras *Deitsche* e *Deitsch* não foram traduzidas aqui, por serem as nomenclaturas com as quais os falantes se referem a si mesmos e à língua que falam, respectivamente.

As entrevistas, conduzidas em *Hunsrückisch*, foram realizadas para o projeto *Connecting Histories to Reconnect Identities and Heritage* (Conectar histórias para reconectar identidades e heranças), desenvolvido por mim entre outubro de 2023 e novembro de 2024 no *Institut für Geschichtliche Landeskunde Rheinland-Pfalz e.V.*, na cidade de Mainz na Alemanha. Esse projeto foi financiado pela Fundação Alexander von Humboldt, com a bolsa *Bundeskanzler-Stipendium für Führungskräfte von Morgen* (Bolsa Chanceler Alemão para Líderes do Amanhã). Além das entrevistas realizadas em Morro Reuter, foram entrevistados também moradores da região do *Hunsrück* na Alemanha falantes de uma variedade dos dialetos francônio-renano e francônio-moselano, que são a base do *Hunsrückisch* brasileiro. As entrevistas culminaram na série de vídeos *Mea spreche Deitsch*¹¹ (Nós falamos *Deitsch*).

Para este artigo, apenas as entrevistas de Morro Reuter foram utilizadas, uma vez que o foco é a percepção dos falantes brasileiros. Além disso, nem todas as respostas obtidas foram analisadas para esse estudo em particular, mas, sim, apenas aquelas que contribuem para os seguintes questionamentos:

- Que valor o *Hunsrückisch* tem para você e para a sociedade, na sua opinião?
- Você se envergonha ou se orgulha de falar *Hunsrückisch*?
- O *Hunsrückisch* deve continuar sendo falado? Se sim, o que é preciso ser feito?

Como as entrevistas foram conduzidas em *Hunsrückisch*, as falas foram transcritas seguindo os princípios de ortografia do grupo ESCRITHU (Altenhofen et al., 2007) e traduzidas para o português posteriormente. Em seguida, elas foram analisadas de forma qualitativa e comparativa com as visões de outros falantes já apresentadas nos capítulos de fundamentação teórica. Essa análise pode servir de base para pensar em mais estudos ou ações na tentativa de manter e valorizar o *Hunsrückisch*.

O que dizem os falantes do *Hunsrückisch* sobre a língua?

Neste capítulo, são apresentadas as percepções dos falantes de *Hunsrückisch* entrevistados. Cada pergunta apresentada no capítulo anterior será respondida em uma subseção distinta, com trechos das falas dos entrevistados, que são analisadas à luz dos fundamentos teóricos apresentados anteriormente.

¹¹ Disponível em:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PL3dtZLDw2Br0bKUHErWSZTpZcO6O62Hdw>

Que valor o Hunsrückisch tem para você e para a sociedade, na sua opinião?

Todos os participantes, ao responderem ao questionamento acima, reconheceram algum valor no *Hunsrückisch*, ou seja, ninguém afirmou que ele é completamente inaproveitável. Praticamente todas as respostas vão na direção de ser benéfico saber a língua minoritária, seja para comunicação no dia a dia com as pessoas da região, ou mais especificamente para a comunicação no trabalho. Contudo, há também uma resposta que reconhece o *Hunsrückisch* como valor cultural, como pode ser visto a seguir:

Das is en Herança Cultural, das is Cultura, etwas wo'ma losst. Das is interessant unn etwas wo'ma fa die Gerações wo komme losse. Unn fa die Welt, fa wer reese tut, fa alles (Andreia Laux Ternus, 47 anos, professora).

Tradução: É uma herança cultural, é cultura, algo que deixamos [para a posterioridade]. É interessante e algo que deixamos para as gerações futuras. E para o mundo, para quem for viajar, para tudo.

A fala de Andreia mostra uma visão mais preocupada e de consideração para com a língua minoritária, diferente dos mitos apresentados por Pupp Spinassé (2016, p. 110). Além disso, a fala acima vai ao encontro da opinião de dois participantes do estudo de Pinho (2008), que também reconhecem a importância cultural do *Hunsrückisch*, mas se difere da opinião dos outros dois participantes desse estudo, que não têm interesse em ensinar a língua aos seus filhos.

Além do valor cultural e dos benefícios que o *Hunsrückisch* propicia para quem for viajar, como afirma Andreia, há também uma resposta que vai na direção de ser vantajoso saber a língua minoritária, conforme pode ser visto logo a seguir.

Meine Mamma hot immer gesooht, dass en Sprooch wisse, is nie nett zu viel. So ich denke, das is en Schoot, dass die Kinner heit unser Sprooch net wisse. Unn die Eltre tun viel spreche, awer die tun die kleene Kinner net innlenne. Unn in die Schul gibt es nur de Hochdeitsch, gebt's kenn Hunsrik (Andressa Büttenbender, 26 anos, professora).

Tradução: Minha mãe sempre falou que saber uma língua nunca é demais. Então eu penso que é uma pena, que as crianças não conheçam nossa língua hoje. E os pais falam bastante, mas eles não ensinam às crianças. E na escola ensina-se apenas o Hochdeitsch (alemão padrão), não o Hunsrik.

Essa fala mostra que tanto Andressa quanto a sua mãe reconhecem os benefícios de conhecer outra língua (conforme também apontado por Steffen, 2008; Limberger, 2018; Pupp Spinassé, 2009; Käfer, 2013; Pupp Spinassé & Käffer, 2017). Além disso, elas reconhecem que o *Hunsrückisch* é uma língua e que merece continuar sendo ensinada às crianças. Inclusive, ela lamenta o fato de muitos pais estarem privando seus filhos de uma criação bilíngue. Andressa ainda menciona a falta de ações e de políticas linguísticas

com relação ao *Hunsrückisch* na escola, afirmando que lá é ensinada a variedade padrão, mas não a língua minoritária.

A opinião mais recorrente nas falas dos entrevistados, contudo, é de que o *Hunsrückisch* é muito importante, principalmente na região de Morro Reuter, para conversar com outras pessoas, tanto em situações cotidianas quanto no emprego. Segundo os participantes, nessa região ainda há muitas pessoas, principalmente mais velhas e que moram em contextos mais rurais, que possuem melhores habilidades comunicacionais na língua minoritária do que em português. Isso pode ser visto nas falas a seguir:

Das Deitsch hot viel Weat, das kenne ma net verlenne. Wenn'ma will schaffe uff die Oorwett, tun'se immer verlange du muscht Deitsch kenne. Dann is das gut, wenn du Deitsch kenschts unn Bresilionisch, weil komme deutsche Leit, die verstehn net das Bresilionisch, dann muscht du das Deitsch kenne (Beatriz Boufleur Dapper, 54 anos, agricultora).

Tradução: O Deitsch tem muito valor, não podemos desaprendê-lo. Quando se quer trabalhar, sempre dizem que tu precisas saber Deitsch. Então é bom quando tu conheces Deitsch e português, porque vêm Deitsche, que não entendem português, então tu precisas saber Deitsch.

Ich honn Mercado. Ich muss Deitsch spreche mit die Leit, wo net Bresilionisch kenne spreche. Unn do sinn're wo nore Bresilionisch kenne spreche, dann muss ich mit denne ooch spreche uff Bresilionisch. Awer liebsch spreche ich Deitsch (Loeni Führ Steffen, 63 anos, comerciante).

Tradução: Eu tenho um mercado. Eu preciso falar Deitsch com as pessoas que não sabem falar português. E tem alguns que só sabem falar português, então eu preciso falar em português com eles. Mas eu prefiro falar Deitsch.

Ich finne das sehr interessant unn ich honn das net so interessant gefunn, bis ich in Sindickat oorwett gefoht, unn dat honn ich vercklicht mei Deitsch benutzt, fa mit die alte Leit spreche unn ooch fa mit mein Kollege wo Deitsch wisse (Laura Helena Arnold, 21 anos, atendente de Sindicato).

Tradução: Eu acho isso muito interessante e eu não achava isso tão interessante, até que eu comecei a trabalhar no Sindicato, e ali eu realmente aproveitei meu Deitsch para conversar com as pessoas mais velhas e com os colegas que sabem Deitsch.

Mein elscht Medchie tut Faculdade mache von Fisioterapia, unn jetzt is'es schon im Estágio. Unn dat hot's gemerek, muschte's en Paciente atendeere, unn de hot nore Deitsch gemooit, unn doh das koont noch bissche. So es is importante, wenn'se noch Deitsch tere spreche, awer die Leit sinn nimme viel, wo nore Deitsch verstehn, die andere kenne schon alles darichnanna mooie (Simone Führ Zwirtes, 45 anos, empresária).

Tradução: Minha filha mais velha faz faculdade de Fisioterapia e agora ela está no estágio. E ali ela percebeu, ela precisou atender um paciente que só falava Deitsch, e ela ainda sabia um pouco. Então é importante que ainda se fale Deitsch, mas não há mais muitas pessoas que só entendem Deitsch, as outras já sabem falar tudo misturado.

Essas falas vão ao encontro da visão de que o *Hunsrückisch* seria uma língua relacionada a pessoas mais velhas (conforme Altenhofen, 1996, p. 61), ou a moradores de contextos rurais (conforme Pupp Spinassé, 2016, p. 110). Mas, diferentemente do que afirmam os autores, as falas acima não têm uma visão exclusiva ou pejorativa com relação à língua minoritária. Pelo contrário, os entrevistados reconhecem a necessidade de saber as duas línguas, *Hunsrückisch* e português, para trabalhar com atendimento ao público na região, conforme podemos ver nas respostas de Beatriz e Loeni. Além disso, as falas de Laura e de Simone mostram que, ao atenderem pessoas que só sabiam se comunicar em *Hunsrückisch*, perceberam mais valor na língua, mesmo que essas pessoas sejam minoria atualmente, como afirma Simone, mas elas ainda existem e precisam ser acolhidas.

As falas analisadas até aqui já apontam para uma necessidade de políticas linguísticas que podem ser pensadas para valorizar o *Hunsrückisch* em Morro Reuter e na região. Pode-se pensar em mais políticas que reconheçam a língua como patrimônio cultural imaterial (assim como os Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina fizeram, os municípios também o podem fazer). Além disso, políticas voltadas para a reflexão da importância da língua e da sua continuidade nas famílias, bem como de ensino, principalmente para quem trabalha com atendimento ao público, são mais alguns exemplos de políticas necessárias

60

Você se envergonha ou se orgulha de falar Hunsrückisch?

Conforme Pupp Spinassé (2015) e Pinho (2008), houve um tempo em que os falantes de *Hunsrückisch* sentiam vergonha de falar a língua, por sofrerem preconceito linguístico. Contudo, ao analisar as falas dos entrevistados para esse estudo, pode-se perceber uma mudança nesse sentimento, conforme a fala de Andreia logo a seguir:

Ich denke das mit dem Scheeme is schon meh roomm. Woh mo en Zeit, wenn ich denke on die Alunos, die honn sich immer gescheemt, we'ma mit die wo meh vom Interior sinn, we'ma alsmo footgefooh sinn, dann honn'se sich gescheemt. Hot'ma viel gehert, wea Deitsch spricht, hot meh Sotaque. Ich denke, weil'ma viel datriwwer spricht, das hot sich meh verloa mi'm Scheeme. Jetzt tun'se schon vertehn, que é importante (Andreia Laux Ternus, 47 anos, professora).

Tradução: Eu acho que isso de sentir vergonha já passou. Houve um tempo, quando eu penso nos alunos, eles sentiam vergonha quando saíamos com aqueles que moravam mais no interior, eles se envergonhavam. A gente ouvia muito que quem fala Deitsch tem mais sotaque. Eu acho que, porque a gente fala muito sobre isso, isso de sentir vergonha foi se perdendo. Agora já se entende que é importante.

Ao afirmar que “isso de sentir vergonha foi se perdendo”, Andreia confirma que o sentimento já existiu. Além disso, por ser professora, ela também cita exemplos de preconceito linguístico que muitos alunos que falavam *Hunsrückisch* sofreram antigamente.

Entretanto, ela menciona essa mudança de sentimento e reconhece que um dos motivos para isso é que “a gente fala muito sobre isso [sobre a língua]”, o que vai ao encontro das falas das professoras do documentário “Viver no Brasil falando *Hunsrückisch*” (Schmitt & Winckelmann, 2018), que também relatam um trabalho mais inclusivo com a língua minoritária que é feito nas escolas atualmente.

Essa mesma mudança de sentimento com relação ao *Hunsrückisch* pode ser percebida na fala de Adriana, logo a seguir:

Heitzutooch finne ich mich importante, das ich kann de Deitsch spreche. Awer sunsch hot'ma sich alsmoh gescheemt, weil do konnt'ma net so richtig de Português, unn die andere von die grose Stedde honn gesooht mea tere unser Português verkehrt spreche, weil mea meh de deitsch Sotaque hat. Dann die Leit von die grose Stedde honn iwwer uns gespoot, weil mea so de Deitsch gesproch. Awer heit ich soohn immer ich finne mich anntlich froh, dass ich de Deitsch kann. (Adriana Laux, 42 anos, auxiliar de escritório).

Tradução: Hoje em dia eu me acho importante por saber falar Deitsch. Mas antigamente a gente sentia vergonha às vezes, porque a gente não sabia direito o português, e as outras pessoas das cidades maiores diziam que a gente falava o português errado, porque tínhamos mais sotaque. Então as pessoas das cidades grandes sempre faziam piada de nós, porque a gente falava Deitsch. Mas hoje eu sempre digo que eu me sinto muito feliz por saber Deitsch.

A fala de Adriana confirma sentimentos que são descritos por Pupp Spinassé (2015) e por Pinho (2008). Contudo, hoje em dia ela se acha “importante” por saber *Hunsrückisch* e, além disso, também ensinou a sua filha a falar a língua. Esse sentimento de importância, até mesmo de orgulho, por saber falar *Hunsrückisch* ainda pode ser percebido nas seguintes falas:

Ich scheeme mich net, fa das'se spreche. Fa mich is da en Ehre, dass ich Deitsch spreche. Die Leit tun immer lache, wo kenn Deitsch kenne spreche, dann meene'se mea here von denne gesproch. Awer ich finne mich gut, wenn ich kann Deitsch spreche (Aloísio Dapper, 51 anos, agricultor).

Tradução: Eu não me envergonho de falar. Para mim é um orgulho que eu falo Deitsch. As pessoas que não falam Deitsch sempre riem, porque eles acham que a gente falou deles. Mas eu me sinto bem quando posso falar Deitsch.

Ich finne mich gut, wenn ich kann Deitsch. We'ma meh Sprooche kann, wo's besser is. Sinn viel Pletzer, wosch'du hin kommscht, wensch'du kenn Deitsch kennscht, kannscht du dich net helfe, unn Bresilionisch ka'ma sich schon bissche helfe (Maria Nelci Büttendbender, 70 anos, agricultora aposentada).

Tradução: Eu me sinto bem por saber Deitsch. Quanto mais línguas soubermos, melhor. Tem muitos lugares em que você chega, se não souber Deitsch, você não consegue se virar, e com português conseguimos nos virar um pouco.

Ich scheeme mich net, Deitsch spreche, well die mehrschte Bresilioner kenne net de Deitsch, unn mea Deitsche defendiere uns mit dem Português, wenn mea ooch

haleb verkeht spreche, awer de Bresilioner kann net mo een Wort uff Deitsch. (Vera Zimmer, 65 anos, atendente de Sindicato).

Tradução: Eu não me envergonho de falar Deitsch, porque a maioria dos brasileiros não sabe Deitsch, e nós Deutsche nos defendemos com o português. Mesmo que falemos um pouco errado, mas os brasileiros não conhecem nem uma palavra em Deitsch.

Falas como a de Aloísio mostram o sentimento de bem-estar e de orgulho que algumas pessoas têm por saberem falar *Hunsrückisch*. Ele ainda afirma que não se importa que outros “riam” dele por falar a língua minoritária, o que mostra uma mudança de sentimento. Além disso, Maria Nelci e Vera reconhecem que falantes da língua minoritária têm vantagens sobre os que só falam apenas português, uma vez que podem se comunicar em duas línguas.

Há, no entanto, uma preocupação de alguns entrevistados sobre a receptividade do *Hunsrückisch* por parte de não falantes da língua. A fala de Simone, logo a seguir, traz essa preocupação:

Heizutooch merék'ma viel, net dass ma sich scheeme tut, awer muss'ma viel uffpase, we'ma mit jemand mooie tut, unn hugge andere so drumroohm, dass die nix verstehn tun, dann menne die, mea tere talvez von denne mooie, tet was von denne spreche, principalmente so in die Fabrik, muss'ma viel uffpase, we'ma so huggt mit andere Leit unn dann denke'se mea tere von denne spreche. Net das ma sich scheeme tut, awer do muss'ma bissche uffpase (Simone Führ Zwirtes, 45 anos, empresária).

Tradução: Hoje em dia se percebe, não é que a gente sinta vergonha, mas a gente precisa cuidar muito quando conversamos com alguém e tem outras pessoas que não entendem nada sentadas ao nosso redor. Talvez elas pensem que a gente esteja falando delas, principalmente na fábrica, precisamos prestar muita atenção quando estamos sentados com outras pessoas, e elas estão pensando que estamos falando deles. Não que a gente sinta vergonha, mas precisamos tomar muito cuidado.

A fala de Simone, além de outras, aponta para o fato de o sentimento de vergonha não estar mais tão presente atualmente. Contudo, ela se preocupa com uma possível percepção negativa frente à comunicação em *Hunsrückisch* por parte dos não-falantes da língua, por talvez pensarem que eles estejam sendo o assunto da conversa. Esse mesmo sentimento de preocupação foi mencionado também por outras pessoas, conforme apresentado no comentário abaixo:

Mea tun uns net importeere, mea spreche viel Deitsch. Mea scheeme uns net. Unn wenn mea uff en Platz komme, wo mea uns à vontade finne, tun mea Deitsch spreche. Die tun immer so gucke, unn wenn jemand froht, weche Sprooch sprecht dea, dann tun ma's soohn, dass mea Hunsrik spreche. Awer mea tun es genn spreche (Angelita Wobeto Eich, 41 anos, professora).

Tradução: Nós não nos importamos, falamos muito Deitsch. Nós não nos envergonhamos. E quando vamos a um lugar onde nos sentimos à vontade,

falamos Deitsch. As pessoas sempre olham, e quando alguém pergunta que língua estamos falando, dizemos que nós falamos Hunsrik. Mas nós gostamos de falar.

A fala de Angelita mostra que, apesar de estar ciente de que há pessoas que não falem o *Hunsrückisch*, ela não deixa de se comunicar na língua quando se sente à vontade para tal. Ademais, Angelita menciona como procede quando alguém pergunta sobre a língua que está falando: “dizemos que falamos *Hunsrik*”. Ou seja, diferente de Simone, que vê o fato de conviver com pessoas não falantes da língua minoritária como um motivo para não a utilizar em conversas, Angelita não só continua falando, mas também informa o nome da língua para quem não a conhece.

Nesse sentido, percebe-se, novamente, a necessidade de ações e de políticas linguísticas que levem as pessoas (falantes e não falantes de *Hunsrückisch*) a refletirem sobre a importância da manutenção da língua. A possibilidade de o sentimento de vergonha não existir mais, ou ser mais ameno, conforme as falas aqui analisadas, já é um grande avanço. Contudo, mais ações que promovam uma reflexão e um entendimento ainda mais inclusivo com relação ao *Hunsrückisch* ainda são necessárias.

O *Hunsrückisch* deve continuar sendo falado? Se sim, o que é preciso ser feito?

Ao serem questionados com relação à continuidade do *Hunsrückisch*, todos os participantes deste estudo concordaram que isso deve acontecer, uma vez que, como já visto nos subcapítulos anteriores, eles percebem valor na língua. Tal percepção pode ser comprovada nas falas a seguir:

Ich weer froh, wenn die Kinner es tere weirer lenne. Das weer gut, wenn'se die zweu Sprooche kenne. Es weer besser de Plattdeitsch weirer lenne, weil die Leit hier verstehn. De anner, de richtig Deitsch, de tun die Leit net so verstehn, awwer unser Deitsch, wo mea spreche, das tun die Leit besser verstehn, dann weer's gut, wenn'se tere weirer lenne (Beatriz Boufleur Dapper, 54 anos, agricultora).

Tradução: *Eu ficaria feliz se as crianças continuassem aprendendo. Seria muito bom se elas falassem as duas línguas. Seria melhor se aprendessem o nosso Plattdeitsch, porque as pessoas aqui entendem melhor. O outro, o Deitsch certo (alemão padrão), as pessoas não entendem tanto, mas nosso Deitsch, que nós falamos, esse as pessoas entendem melhor, então seria bom se elas continuassem aprendendo.*

Ich menne die Kinner misste eerscht unser Hunsrik lenne, unn nooheer de Hochdeitsch, weil ich sinn en Exemplo von das. Ich honn eerscht de Hunsrik gelennt dehemm, unn nochter in die Schul honn ich de Hochdeitsch gelennt. Unn fa mich woo das viel leichter, weil ich schon de Hunsrik wuschte (Laura Helena Arnold, 21 anos, atendente de Sindicato).

Tradução: *Eu penso que as crianças deveriam aprender primeiro o nosso Hunsrik e depois o Hochdeitsch, porque eu sou um exemplo disso. Eu aprendi primeiro o*

Hunsrik em casa, e depois, na escola, eu aprendi o Hochdeutsch. E para mim foi muito mais fácil, porque eu já conhecia o Hunsrik.

Ao mencionar que seria importante saber o *Hunsrückisch* porque “as pessoas aqui entendem melhor”, Beatriz confirma a importância da língua minoritária para comunicação com outras pessoas da região. Além disso, ela menciona a importância de saber “as duas línguas”, ou seja, em nenhum momento é mencionado que uma deva existir em sobreposição a outra. Essa importância também é reconhecida por Laura ao relatar sua experiência de aprendizagem da variedade padrão do alemão, que foi mais fácil por saber *Hunsrückisch*, o que corrobora com os estudos de Pupp Spinassé (2009), Käfer (2013) e Pupp Spinassé e Käfer (2017).

Outro aspecto importante na fala de Beatriz é que não pode passar despercebido é o fato de ela chamar a variedade padrão do alemão de “alemão certo” (de *richtig Deutsch*). Afirmarções como essas ainda são bastante comuns nos falantes, que, apesar de verem valor no *Hunsrückisch*, ainda o veem como uma “língua errada” (conforme Pupp Spinassé, 2016, p. 110). Nesse sentido, ações de conscientização com relação à língua minoritária e de que ela não é “alemão errado” ainda precisam ser feitas, para que essa visão não seja mais propagada.

Com relação às ações que podem ser desenvolvidas para que o *Hunsrückisch* continue sendo falado, as respostas vão basicamente em duas direções. A primeira delas é de que os pais ou avós falem mais com seus filhos e netos, conforme pode ser visto nas falas a seguir:

Unn was mea mache solle, dass unser Deitsch net kaputt geht... Ich tet soohn weirer spreche, viel spreche, weirer lenne. Mea, wo es kenne, unser Kinner honn'ma's schon gelennt, unn wenn uff en Tooch Netos komme, ooch lenne, weil mea honn's ooch von unser Wowwo unn unser Eltre gelennt, dann wenn mea es noch weiter lenne, dann gebt's noch richtig (Angelita Wobeto Eich, 41 anos, professora).

Tradução: É o que nós podemos fazer, para que nosso Deitsch não morra... Eu diria continuar falando, falar muito. Nós que ainda sabemos ensinamos para nossos filhos, e se um dia vierem netos, também ensinaremos, porque nós também aprendemos com nossos avós e pais, então se nós continuarmos falando, quem sabe dará certo.

Ich tun tenteere mein Netos noch lenne, Deitsch spreche, awer die tun net spreche, weil in die Schul wet net gesproch (Loeni Führ Steffen, 63 anos, comerciante).

Tradução: Eu estou tentando ensinar os meus netos a falar Deitsch, mas eles não falam, porque na escola não se fala.

A fala de Angelita confirma que o *Hunsrückisch* é uma língua de convívio familiar (conforme Altenhofen, 1996, p. 61), uma vez que ela afirma ter aprendido com seus pais e avós, e acredita que a melhor maneira de a língua existir é que se converse com as

crianças. Isso também pode ser percebido na fala de Loeni, que diz tentar ensinar a língua aos seus netos. Contudo, ela também traz a dificuldade da manutenção do *Hunsrückisch* no convívio familiar, uma vez que na “na escola não se fala”. E é nessa direção que estão as demais ações sugeridas pelos entrevistados aqui: eles pensam que a escola seja um local propício para que a língua minoritária seja ensinada:

Ich menne ja, de Deitsch mischt weirer gefihrt weere in die Schul, wo mea lenne, awer unser Deitsch, net de Hochdeitsch, weil de Hochdeitsch mischte'se nooheer lenne, zueerscht unser, weil ee Hochdeitsch is schlimmer zu lenne wie unser Deitsch (Vera Zimmer, 65 anos, atendente de Sindicato).

Tradução: *Eu penso que sim, o Deitsch precisa continuar sendo ensinado nas escolas onde estudamos, mas o nosso Deitsch, o Hochdeitsch (alemão padrão) deveria ser aprendido depois, primeiro o nosso, porque o Hochdeitsch é mais difícil de aprender que o nosso Deitsch.*

Assim como Vera, outros entrevistados também afirmaram que o *Hunsrückisch* deve ser ensinado, ou falado, nas escolas. Além disso, novamente é mencionado o fato de a aprendizagem da variedade padrão do alemão ser mais fácil depois que se conhece o *Hunsrückisch*, o que justifica a ação.

Essas sugestões vão ao encontro do proposto pelos entrevistados por Von Mühlen (2019), que também pensam que o ensino escolar do *Hunsrückisch* com o apoio das famílias, que devem conversar mais com as crianças, seja uma possibilidade de manutenção da língua minoritária. Novamente, percebe-se a possibilidade de criação de políticas linguísticas para que as interações em *Hunsrückisch* no contexto familiar se intensifiquem, ou para que a língua seja também ensinada, ou trabalhada, nas escolas.

Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo analisar as percepções de diferentes falantes da língua brasileira de imigração *Hunsrückisch*, todos moradores de Morro Reuter, pequena cidade no início da Serra Gaúcha, a fim de entender que valor eles atribuem à língua, se se orgulham ou se envergonham de conhecê-la e se ela deve continuar sendo falada. A partir das respostas obtidas, que foram analisadas à luz de outros estudos já realizados sobre o tema (Altenhofen, 1996; Pinho, 2008; Pupp Spinassé, 2015; Pupp Spinassé, 2016; Altenhofen & Morello, 2018; Schmitt & Winckelmann, 2018 E Von Mühlen, 2019), pôde-se também pensar em ações e sugestões de políticas linguísticas que podem ser elaboradas a partir das necessidades levantadas.

De uma forma geral, percebeu-se uma mudança positiva nas percepções dos falantes se comparadas a outras opiniões, apresentadas principalmente por Pupp Spinassé (2016) e Pinho (2008). Tal mudança mostra a importância dos estudos e das

ações já realizadas até o momento, que levaram os falantes do *Hunsrückisch* a compreender melhor a importância da língua e as vantagens que existem por conhecê-la (Pupp Spinassé, 2009; Käfer, 2013; Pupp Spinassé & Käfer, 2017; e Limberger, 2018). Esses estudos e ações também refletiram na escola, que hoje adota (ou muitas procuram adotar) um trabalho mais inclusivo e tolerante com relação ao *Hunsrückisch*, conforme apontado em Schmitt e Winkelmann (2018) e pela fala da participante Andreia, apresentada neste estudo.

No entanto, esse trabalho e essas ações devem não só continuar, mas também ser intensificado, para que os estigmas que o *Hunsrückisch* ainda recebe diminuam cada vez mais. Ou seja, é preciso “dar ouvidos” aos falantes e às línguas minoritárias, para que elas sejam mais valorizadas, e o plurilinguismo cada vez mais incentivado (Altenhofen, 2013, p. 96).

Nesse sentido, este artigo cumpriu com o seu objetivo ao ouvir falantes da língua minoritária. Conforme se procurou explicitar, as respostas aqui apresentadas e analisadas mostram o valor e a importância que o *Hunsrückisch* tem para essas pessoas, seja por ser uma herança cultural, ou uma língua necessária para se comunicar melhor dentro da comunidade, tanto no dia a dia, quanto no atendimento ao público. As respostas também mostram que os falantes aqui ouvidos não sentem mais vergonha por saberem a língua minoritária, como era comum há alguns anos, bem como acreditam que o *Hunsrückisch* deve continuar sendo falado e ensinado para as crianças. E, para isso, muitos apontam, como em Von Mühlen (2019), que a escola seja um ambiente propício para esse ensino, aliado a um maior engajamento das famílias, que também precisariam utilizar a língua minoritária em casa com mais frequência.

A partir das percepções apresentadas neste estudo, é possível pensar em várias ações e políticas linguísticas, tais como: inserir o ensino do *Hunsrückisch* no contexto escolar; incentivar uma maior interação na comunidade, com encontros de falantes, programas de rádio, ou outros eventos que repercutam também no ambiente familiar e façam as famílias interagirem mais entre si na língua minoritária; eventos de sensibilização sobre o *Hunsrückisch* para falantes e não falantes a fim de que se deixe de ver a língua com estigma; *workshops* de *Hunsrückisch* para o público geral, ou para pessoas que trabalham com atendimento ao público, e outros. Essas sugestões foram pensadas a partir das falas apresentadas neste estudo, sem desconsiderar que a comunidade deve ser sempre ouvida antes da implementação dos projetos, uma vez que uma imposição de medidas pode causar o efeito contrário ao esperado (Von Mühlen, 2019, p. 156).

As conclusões deste estudo se limitam pelo fato de serem embasadas nas opiniões de apenas alguns falantes de Morro Reuter. Para obter resultados mais representativos,

também outros falantes da própria cidade de Morro Reuter poderiam ser entrevistados, bem como falantes de *Hunsrückisch* de outras cidades da região. Pessoas que nasceram em comunidades bilíngues (português e *Hunsrückisch*) mas que não moram mais nesses contextos também poderiam ser ouvidos, uma vez que eles podem ter uma outra percepção da língua minoritária. Além disso, as ações sugeridas nesse estudo podem ser implementadas em caráter experimental com subsequente avaliação de seus efeitos por parte dos participantes, a fim de se decidir pela continuação ou interrupção das ações. Por fim, líderes políticos (prefeitos, vereadores, deputados etc.) também podem ser ouvidos, principalmente se falantes de *Hunsrückisch* (ou de outra língua minoritária), para se ter conhecimento sobre as suas percepções com relação à criação de políticas linguísticas.

Como se pode ver, o tema deste artigo ainda precisa ser amplamente trabalhado. Muito já foi (e continua sendo) feito. Muito também já mudou. Contudo, ainda há um caminho longo de mais estudos e ações para que essa herança cultural tão rica que é o *Hunsrückisch* não se perca.

Referências

Altenhofen, Cléo V. **A aprendizagem do Português em uma Comunidade Bilíngue do Rio Grande do Sul: Um Estudo de Redes de Comunicação em Harmonia**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 1990. 242f.

Altenhofen, Cléo V. ***Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvielfalt im Kontakt mit dem Portugiesisch***. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1996.

Altenhofen, Cléo V. Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil. **Revista Internacional de Linguística Iberoamericana**, Vol. 2, No. 1(3), 2004. p. 83-93.

Altenhofen, Cléo V. Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: NICOLAIDES, Christine et al. (org.). **Política e políticas linguísticas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. p. 93-116.

Altenhofen, Cléo V.; Frey, Jaqueline; KÄFER; Maria Lidiani; KLASSMANN, Mário S.; NEUMANN, Gerson R.; PUPP SPINASSÉ, Karen. Fundamentos para uma escrita do *Hunsrückisch* no Brasil. **Revista Contingentia**, Vol. 2, novembro 2007. p. 73-87.

Altenhofen, Cléo V.; Morello, Rosângela (Org.). **Hunsrückisch: Inventário de uma Língua do Brasil**. Florianópolis: Editora Garapuvu, 2018.

Brasil. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em 20 Out. 2024.

Calvet, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

Grützmann, Irgart. Diversos falares. In: GRÜTZMANN, Irgart; DREHER, Martin Norberto. **Imigração alemã no Rio Grande do Sul: Recortes**. São Leopoldo: Oikos, 2008. p. 26.

Habel, Jussara Maria. Os nomes do Hunsrückisch: aspectos linguísticos e extralinguísticos da denominação de línguas de imigração. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 314-330, Ago./Dez. 2017. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/859/447>. Acesso em 24 Nov. 2024.

Käfer, Maria Lidiani. **A conscientização linguística como fundamento para uma abordagem plural no ensino de Alemão-padrão em contextos de contato Português-Hunsrückisch**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2013. 156f.

Limberger, Bernardo. **Processamento da leitura multilíngue e suas bases neurais: um estudo sobre o hunsriqueano**. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2018. 269 f.

Pinho, Isis da Costa. Diversidade linguística e identidade: as micro-decisões na manutenção/perda de uma língua materna minoritária. **Revista Contingentia**, Vol. 3, N. 1, maio 2008. p. 79-94.

Pupp Spinassé, Karen. **Deutsch als Fremdsprache in Brasilien. Eine Studie über kontextabhängige unterschiedliche Lernersprachen und muttersprachliche interferenzen**. Frankfurt a.M.: Peter Lang, 2005.

Pupp Spinassé, Karen. O Aprendizado do alemão-padrão por alunos bilíngues: pesquisas e ações. **Revista Contingentia**, Vol. 4, No. 2, novembro 2009. p. 100–109. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/contingentia/article/view/11421/6767>. Acesso em 14 Fev. 2024.

Pupp Spinassé, Karen. Os imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil: a língua como factor identitário e inclusivo. **Revista Conexão Letras: Linguística/Literatura & Encontros e Pesquisa**, Vol. 3, n. 3, 2015. DOI: <<https://doi.org/10.22456/2594-8962.55637>>. Material não paginado.

Pupp Spinassé, Karen. Fazendo política linguística em sala de aula: ações didático-pedagógicas pela manutenção da língua minoritária *Hunsrückisch*. **ReVEL**, v. 14, n. 26, 2016. p. 103-119.

Pupp Spinassé, Karen; Käfer, Maria Lidiani. A conscientização linguística e a didática do multilinguismo em contextos de contato português-Hunsrückisch. **Gragoatá**, v. 22, n. 42, jan.-abr. 2017. p. 393-415.

Schmitt, Gabriel; Winkelmann, Ana. **Viver no Brasil falando Hunsrückisch**. 2018. Filme.

Steffen, Joachim. A vantagem de falar dialeto: aproveitar as variedades não-padrão para a construção de comunidades multilíngues. **Revista Contingentia**, Vol. 3, No. 2, novembro 2008. p. 67-76.

Tubino, Nina. **A germanidade no Brasil = Das Deutschtum in Brasilien**. Porto Alegre: Sociedade Germânica, 2007.

Von Mühlen, Fernanda. **Políticas relacionadas à(s) escrita(s) e à(s) ortografia(s) do hunsriqueano e as percepções dos falantes**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019. 166f.

Hunsrückisch: variante do alemão falada e escrita no Brasil

Gerson Roberto Neumann¹
Sofia Froehlich Kohl²

Resumo: O texto a seguir se propõe a apresentar o Hunsrückisch como uma língua relevante tanto na tradição oral quanto na tradição escrita de comunidades formadas a partir da imigração de fala alemão para o Brasil no século XIX. Na primeira parte do artigo, se discorre sobre a escrita da língua minoritária, sobre seu papel frente a línguas majoritárias e suas repercussões dentro do contexto da herança linguística brasileira. Para materializar a importância de uma língua minoritária como o Hunsrückisch também para a literatura do Brasil, são apresentados na segunda parte do artigo alguns dos autores que contribuíram e contribuem na manutenção dessa língua através de suas obras publicadas em livros, jornais, calendários e almanaques. Para fechar a análise da presença do Hunsrückisch como língua escrita no cenário linguístico brasileiro, se propõe uma breve incursão pelas publicações literárias em Hunsrückisch publicadas em plataformas digitais, que ampliam tanto o acesso de leitores aos textos, quanto o de autores ao público.

Palavras-chave: Hunsrückisch; oralidade e escrituralidade; literatura; língua de imigração.

Abstract: The following article aims to present Hunsrückisch as a pertinent language in both the oral and written traditions of communities formed as a result of German-speaking immigration to Brazil in the 19th century. In the first part, it discusses the writing of a minority language, its role in relation to majority languages and the repercussions it has on Brazil's linguistic heritage. In order to materialize the importance of a minority language like Hunsrückisch also in literary contexts, the second part of the article presents a few of the authors who contributed to the maintenance of this language through their literary works published in books, newspapers, calendars and almanacs. To close the analysis of the presence of Hunsrückisch as a written language in the Brazilian linguistic scenario, a brief look at literary publications in Hunsrückisch on digital platforms is proposed, which increases both readers' access to texts and authors' access to the public.

Keywords: Hunsrückisch; orality and scripturality; literature; immigration language.

Introdução

No Brasil, falam-se muitas línguas como primeira língua! São muitas as variantes dialetais de línguas de imigração no Brasil – como do alemão, do italiano, do polonês, do árabe, entre outras –, sobretudo em razão do intenso movimento migratório ocorrido

¹Professor Associado de Língua e Literatura Alemã no Setor de Alemão da UFRGS. Membro do IHSL – Instituto Histórico de São Leopoldo – RS; Pesquisador Fundador do CDEA – Centro de Estudos Europeus e Alemães; Bolsista de Produtividade do CNPq.

O texto aqui apresentado é resultado de um levantamento sobre o tema e uma apresentação no XVII Simpósio de História da Imigração e Colonização: Imigrações e Relações Interétnicas, realizado em 2008, na cidade de São Leopoldo – RS e revisto para a publicação do livro *Hunsrückisch em prosa & verso: textos do Concurso Literário de Poemas e Contos em Hunsrückisch 2017*. Ele serve de base para a apresentação da tradição da escrita do Hunsrückisch.

² Mestre em Literatura e Cultura Alemã pelo programa quadrinacional *Erasmus Mundus Joint Master Transnational German Studies*.

no século XIX, quando o país declarou sua independência e precisou povoar suas enormes extensões de terra³. A pluralidade linguística do Brasil não se restringe, contudo, às variantes de línguas de imigração e ao português. Devemos também lembrar das muitas línguas autóctones⁴ ainda faladas no Brasil e lamentar as muitas já perdidas. Para além do português, das línguas de imigração e das línguas indígenas, temos ainda a presença de línguas de origem africana⁵ – fruto do tráfico de escravos, que mantiveram vivas, dentro do possível, as suas tradições no Brasil. Portanto, no Brasil não se fala somente português!

Partindo desse resumido panorama da diversidade linguística do nosso país, nos concentraremos nesse texto no recorte das línguas de imigração, mais especificamente nas de origem germânica, pela ocasião dos 200 anos da imigração de falantes de língua alemã para o Brasil, a serem completados em 25 de julho de 2024. Esse ano, que no Rio Grande do Sul seria sobretudo marcado pelas celebrações do bicentenário, infelizmente entrará para os anais da história como o ano de uma das maiores tragédias do estado. Em maio de 2024, o Rio Grande do Sul, local onde os primeiros imigrantes de língua alemã se instalaram no Brasil, sofreu com as maiores enchentes já registradas na região, que causaram uma devastação sem precedentes e cujas consequências terão de ser enfrentadas por muito tempo ainda. Dentre as irreparáveis perdas, estão também os danos causados ao patrimônio cultural e histórico⁶, que, pela triste coincidência de datas, talvez cause ainda mais consternação.

A concomitância dessas duas ocasiões, uma de júbilo e a outra de adversidade, pode ser uma deixa única para se discutir a relevância da produção cultural (no nosso caso, especificamente da literatura) resultante dos processos de imigração, dos contatos com as culturas já antes existentes no Brasil antes da chegada dos imigrantes de fala alemã e, finalmente, da transformação das culturas de imigração como parte indiscutivelmente integrante da cultura brasileira. Com essas ideias em vista, pretendemos

³ V. Roche, 1959, p. 73 ss.

⁴ O Censo 2010 do IBGE apontou para a existência de 274 línguas indígenas em uso no Brasil, com a ressalva de que algumas dessas línguas podem se tratar, na realidade, de variantes (o que só poderia ser confirmado através de estudos linguísticos e antropológicos mais detalhados). V. IBGE, 2024.

⁵ De maio de 2024 a janeiro de 2025, o Museu da Língua Portuguesa apresenta a exposição *Línguas africanas que fazem o Brasil*, que pretende mostrar a influência das línguas negro-africanas no português falado no Brasil. Mais informações estão disponíveis na página da instituição: <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/memoria/exposicoes-temporarias/linguas-africanas-que-fazem-o-brasil/>.

⁶ Dentre as instituições afetadas pelos alagamentos se encontra o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, que guarda o maior acervo da imigração alemã no estado. V. Staudt 2024, na página do jornal GZH <https://shorturl.at/HqNdb>.

apresentar a seguir elementos históricos e da tradição escrita de uma dessas línguas de imigração de origem germânica, o Hunsrückisch, assim como referências de escritoras e escritores que escolheram produzir em publicar nessa língua.

1 O Hunsrückisch falado e escrito

Devido à presença de imigrantes provenientes de regiões de língua alemã da Europa, tem-se registros de diferentes variantes dialetais do alemão no Brasil praticadas ainda hoje. Existem três que predominam: o Hunsrückisch (husnriqueano), o Westfällisch (vestfaliano) e o Pommerisch (pomerano). Dentre estas variantes, o Hunsrückisch registra o maior número de falantes, sobretudo concentrados na região Sul do Brasil. Por Hunsrückisch entende-se, citando Cléo V. Altenhofen, professor e pesquisador da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS),

uma variedade supra-regional do alemão falado no sul do Brasil que tem por base um contínuo dialetal formado essencialmente pelo francônio-renano e pelo francônio-moselano, originários de áreas situadas na Renânia Central, e que recebem, no novo meio, uma forte influência do português e de outras variedades em contato.⁷

Trata-se de uma variante dialetal ainda fortemente presente no Brasil, apesar de a imigração alemã para o país ter iniciado há dois séculos (a partir de 1824).⁸ A produção oral – e seus aspectos linguísticos em si – do grupo falante de Hunsrückisch no Brasil (originário da região que compreende o Oeste da atual Alemanha) tem sido a ênfase nas pesquisas relativas à migração e à produção oral em contexto migratório. Pelo fato do uso cotidiano dessa língua ainda se manter presente em comunidades de falantes dessa variante, julga-se fundamental ouvi-la e estudá-la de forma mais sistemática, o que incluiria também uma análise mais detida da produção literária nessa língua.

71

⁷ V. Altenhofen 1996, p. 21. Apesar da coincidência na nomenclatura, é preciso distinguir a língua de imigração Hunsrückisch falada no Brasil (como definida por Altenhofen 1996) do dialeto falado na região do Hunsrück (também denominado, entre outras formas, de *Hunsrückisch*), que – apesar das intersecções – não são a mesma língua.

⁸ Toma-se por base o ano de 1824 por ser o que marca a vinda dos primeiros imigrantes com apoio do governo imperial brasileiro. Sabe-se que ocorreram outros movimentos migratórios de regiões de língua alemã anteriormente para o Brasil, mas não se trata aí de um movimento sistemático.

Ainda hoje a língua materna de muitos brasileiros é a variante dialetal Hunsrückisch⁹. O que significa ter como língua materna no Brasil uma língua que é uma variante do alemão?

Ich spreche Hunsrückisch!

*Unn schreibe? Schreibt ihr och etwas uff Hunsrückisch?*¹⁰

Uma importante instância de expressão de uma língua (materna) é a escrita. No caso do Hunsrückisch, porém, apesar de um número considerável de falantes no Brasil, a produção escrita (sobretudo a literária) é pouco comum. Há, contudo, alguns casos. Pretende-se apresentar aqui alguns exemplos de textos escritos em Hunsrückisch produzidos no Brasil e também na Alemanha, considerando certamente existirem muitos outros – talvez esquecidos, ou apenas guardados nas gavetas – ainda não publicados. O nosso objetivo com o presente artigo é dar voz a uma produção em Hunsrückisch que necessita de espaço e mencionar nomes de pessoas que produzem/produziram literatura nessa língua.

Entra em questão aqui uma velha e relevante preocupação, a de se estar perdendo um conhecimento e uma habilidade linguística de difícil aprendizagem, que tem na escrita um recurso utilíssimo para dar vazão aos sentimentos em torno da língua materna. A literatura dialetal pode também ser, sob essa perspectiva, aliada no ensino do alemão padrão, à medida que pode servir como base para se esclarecer diferenças linguísticas em relação ao dialeto, sejam elas de ordem gramatical, vocabular ou outra. Neste sentido, também os preconceitos linguísticos, por exemplo, de que o “Hunsrückisch não é língua, que é língua de menor valor, ou língua quebrada (*vebrochnes Deitsch*)¹¹”, devido à incompreensão do que realmente caracteriza e define uma língua, podem ser desmistificados com o auxílio do recurso da escrita. É importante destacarmos que não temos em vista, necessariamente, o ensino do Hunsrückisch em escolas. Quer-se sim, valorizar os pré-conhecimentos da variante e a aplicação destes na prática oral e na produção escrita (sobretudo ficcional).

Quando se discute literatura em língua minoritária, para além de aspectos imediatamente literários, esbarra-se invariavelmente nas discussões a respeito do estabelecimento de uma norma ortográfica¹². O tema, contudo, é bastante complexo, uma

⁹ V. Ammon 2015, p. 372.

¹⁰ Trad.: *Eu falo Hunsrückisch! / E escrever? Vocês também escrevem em Hunsrückisch?*

¹¹ Sobre a atribuição de prestígio de línguas de imigração no contexto brasileiro v. Lipski 2022, p. 209.

¹² Algumas das mais relevantes são o *ESCRITHU* (Altenhofen et al., 2007), o *Hunsrik-Plat Tayxt* (Wiesemann 2008) e a proposta de Boll (publicada no blog do autor, *Riograndenser Hunsrückisch*, s.d.).

vez que para se chegar à proposta mais elaborada de uma escrita em Hunsrückisch, vários fatores têm de ser considerados. Alguns dos pontos a serem levados em consideração seriam: a variação interna do próprio Hunsrückisch (por exemplo, qual variante deve-se adotar?), o público-alvo do sistema de escrita (falantes com conhecimentos de alemão padrão ou não, por exemplo), a natureza e a finalidade da escrita enquanto convenção social (para que se quer tal escrita e para que serve uma escrita?), a vinculação histórica do dialeto (de onde provém o dialeto que falamos?) e o sistema de referência para a sua ortografia (de qual sistema de escrita partir, se do alemão ou do português?)¹³. As questões levantadas para a discussão (literatura dialetal, uso da literatura dialetal, estabelecimento de uma ortografia para línguas minoritárias) são certamente relevantes, especialmente quando considerada importância do Hunsrückisch (também numérica¹⁴, em relação a outras línguas de imigração no Brasil) no cenário plurilíngue brasileiro.

Saindo do contexto de língua alemã, recorremos a uma citação de Luiz Carlos Borges para refletir sobre a recepção de uma literatura oral que passa a ser escrita e, assim, preservada e acessível em outros formatos. Num interessante texto em que estuda a oralidade discursiva do mito dos Guarani Mbyá, Borges comenta: “o narrador tem por função (re)textualizar o texto da tradição, de forma que ele não é somente autor mas o autor de uma nova versão e, ao mesmo tempo, seu comentador.”¹⁵ A observação de Borges certamente se aplica também aos escritores do Hunsrückisch, que, além de narrar uma história, também a comentam consciente (de fato através de comentários, por exemplo) ou inconscientemente (como através da escolha das palavras), oferecendo informações sobre seu contexto e sobre a cultura hunsriqueana para além das informações concretas narradas. Essa “intervenção” dos autores em suas narrativas confere especial importância à análise da tradição. Na tradição, estão contidos os resultados das reflexões dos escritores sobre, entre outros pontos, a problemática de se reproduzir a expressão

¹³ Sobre esse assunto, Lindenfelser 2024 (p. 29) apresenta uma tabela com a sistematização do que ele considera vantagens e desvantagens de propostas de ortografia para o Hunsrückisch baseadas respectivamente no alemão padrão e no português. A proporcionalidade dos critérios de Lindenfelser é, contudo, questionável em alguns pontos, já que o autor equipara, por exemplo, a facilidade de leitura de falantes de português como L1 da população brasileira geral (não falantes de Hunsrückisch) com a facilidade de leitura de germanistas – parece intuitivo pensar que a probabilidade de pesquisadores germanistas entrarem em contato com o Hunsrückisch é consideravelmente maior do que da população geral brasileira que viva fora das áreas em que o Hunsrückisch é falado e que não tenha contato com pesquisas linguísticas.

¹⁴ Ammon 2015, p. 373.

¹⁵ Borges, Luiz Carlos. Os Guarani Mbyá e a oralidade discursiva do mito. In: FERNANDES, Frederico A. G. (Org.) *Oralidade e Literatura. Manifestações e abordagens no Brasil*. Londrina: Edue, 2003, p.12.

oral (palavras faladas) de um grupo na palavra escrita e também sobre a adequação de sua própria forma de escrever a possíveis formas escritas já existentes (privilegiadas por outros autores que publicaram seus textos em algum momento anterior).

2 A produção escrita em Hunsrückisch: livros, revistas, jornais e outras mídias impressas

Ter à disposição um panorama – ainda que não exaustivo – de autores e publicações permite um entendimento mais completo dos usos de uma língua. A seguir apresentamos uma listagem contendo alguns autores e textos em Hunsrückisch localizados até o presente momento, que servem para a montagem do *corpus* da tradição.

Rottmann, Peter Joseph. **Gedichte in Hunsrücker Mundart**. 3. vermehrte Aufl. Simmern: Joh. Maurer, 1863.

Peter Joseph Rottmann (1799 - 1881)¹⁶, da localidade de Simmern, no Hunsrück, passou toda a sua vida no coração do Hunsrück e lá registrou em produção literária o que ouvia as pessoas dizerem nas suas conversas cotidianas. Os textos de Rottmann foram publicados na variante dialetal Hunsrückisch como falada na atual Alemanha (antes da língua emigrar no século XIX para o Sul do Brasil e outras regiões e entrar em contato com diversas outras variantes linguísticas, formando o que se conhece hoje como o Hunsrückisch do Brasil).

A primeira edição do seu livro *Gedichte in Hunsrücker Mundart*, ou *Rottmannbuch*, como muitos o conheciam, é de 1840, período da emigração alemã para o Brasil. A importância da variante dialetal de Peter J. Rottmann está menos nas semelhanças com o dialeto falado no contexto brasileiro e mais no fato de ser a matriz alemã do falado no Brasil, que por sua vez teve que recorrer à língua portuguesa em muitas situações – por exemplo, pela necessidade de nomear objetos novos para os imigrantes – e assim fez surgir uma nova variante linguística. Comparando-se a forma escrita de Rottmann com as dos autores que se apresentará a seguir, pode-se ver que há grandes diferenças. A presença de Rottmann como primeira referência no estudo da tradição no Hunsrückisch é, contudo, imprescindível devido à sua importância.

¹⁶ Mais informações sobre a biografia do poeta Peter Joseph Rottmann, ver Neumann, Gerson Roberto. *Brasilien ist nicht weit von hier! Die Thematik der deutschen Auswanderung nach Brasilien in der deutschen Literatur im 19. Jahrhundert (1800-1871)*. Vol. 1909, Frankfurt a. Main: Peter Lang, 2005 (Europäische Hochschulschriften).

Rambo, Balduino, SJ. **O rebento do carvalho. Contos dialetais.** Ed. Bilingue, tradução e contextualização de Arthur B. Rambo. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002.

Balduino Rambo é reconhecido como um dos primeiros “intelectuais-colonos” a produzir contos em Hunsrückisch. Rambo nasceu em uma das comunidades de imigração alemã no Rio Grande do Sul, Tupandi, onde se falava o Hunsrückisch, no dia 11 de agosto de 1905, filho de pais colonos. Saiu do campo para estudar, adquirindo vasto conhecimento, mas nunca deixou de praticar o dialeto; pelo contrário, passou a produzir nele. Conforme Arthur B. Rambo, quando fala de seu irmão Balduino,

que os contos dele “têm um segundo objetivo não menos importante: descrever o mundo rural, seus personagens, a vida em família, a comunidade, a religiosidade, etc., no dialeto de que se utilizavam os atores do cotidiano desse universo.”

E continua afirmando que “o autor escolheu este caminho para chamar a atenção para este mundo sobre a sua própria identidade e torná-lo consciente de sua própria importância e do seu valor.”¹⁷

Os contos de Rambo foram publicados no “*Die Fahne des Heiligen Ignatius*.” Entre os anos de 1937 a 1962 foram publicados 21 contos, reunidos e traduzidos por Arthur B. Rambo, posteriormente republicados em forma de livro bilingue, em 2002.

Gross, Alfredo. **Hunsrücker Mundart in Brasilien. Dialektgedichte und Schriften in deutscher und Portugiesischer Sprache.** Porto Alegre: Própria, 2001.

Trata-se de um pequeno livro de poemas de Alfredo Gross em Hunsrückisch, no qual, além de apresentar os seus poemas, o autor traça um rápido panorama do contexto imigratório alemão no Rio Grande do Sul, dedicando especial atenção à prática da língua.

Flach, José Inácio. **Unsa gut deitsch Kolonie.** Nova Petrópolis: Sociedade União Popular Theodor Amstad, 2004.

Com Flach temos uma obra em prosa, na qual o autor relata sobre situações do cotidiano colonial onde se fala o Hunsrückisch. Flach escreve sobre temas como “*Die Plantasch*” (a roça), “*En Sterbefall*” (um falecimento) ou “*Das Milchgeschäft*” (a venda de leite). Assim como Rambo, o autor dedica seu livro aos colonos, que, segundo ele, com o seu trabalho e sua força de vontade auxiliaram no crescimento do nosso país. José Inácio Flach nasceu em Bom Princípio, município próximo à localidade de onde partiu Rambo.

¹⁷ Rambo, B., SJ. *O rebento do carvalho. Contos dialetais.* Ed. Bilingue, tradução e contextualização de Arthur B. Rambo. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002, p. 10.

Pode-se imaginar que Flach certamente tenha sido leitor de Rambo e deve também tê-lo usado como referência para a escrita de seus textos.

Krug, Pronila. **Crônicas da Pronila/ Pronila Chroniken**. Z Multi Editora. Ivoti: 2018.
Krug, Pronila. **Crônicas da Pronila/ Pronila Chroniken - volume 2**. Z Multi Editora. Ivoti: 2021.

Em seus dois livros de crônicas bilíngues (Hunsrückisch e português), Pronila Krug reuniu mais de uma centena de textos originalmente publicados em periódicos locais (como o Diário da Encosta da Serra, de Ivoti, e o Jornal NH, de Novo Hamburgo), nos quais aborda os mais variados assuntos – histórias familiares, comemorações religiosas, reflexões sobre o cotidiano e outros. Em conversa pessoal com a autora, ela relatou que decidiu reunir suas crônicas em livro e traduzi-las a partir do pedido de uma interessada não-falante de Hunsrückisch, que via suas crônicas no jornal semanalmente, mas não conseguia entendê-las.

Apesar de algumas opiniões discutíveis em suas obras, Pronila Krug, uma das poucas mulheres a publicar em Hunsrückisch de que temos notícia, certamente fez uma contribuição importante para a literatura em língua minoritária, merecendo assim também um espaço nesse compilado.

76

2.1 A escrita do Hunsrückisch em Almanques (*Kalender*)

O *Brummbär-Kalender* (O Almanaque Resmungão) foi publicado de 1931 a 1935, editado em Arroio do Meio – RS. Trata-se de um pequeno almanaque, muito simpático pela sua apresentação, por ser pequeno e com interessantes histórias acompanhadas geralmente por belas ilustrações. O almanaque caracteriza-se pelo seu caráter humorístico, os textos nele publicados, porém, não abordam somente temas de humor.

Tratando-se de almanques que publicaram textos em Hunsrückisch, temos no *Brummbär-Kalender* uma das principais referências. Lamentável é que seu período de circulação tenha se resumido somente a seis anos. Hoje vemos a iniciativa do editor Alfons Brod como muito inovadora e de grande importância; na época, porém, certamente não deve ter sido muito aplaudido por publicar em Hunsrückisch, pois no discurso a prioridade da comunidade germânica no Brasil estava em manter viva a *língua materna* e por tal entendia-se o *Hochdeutsch* (alemão padrão). Pode-se questionar se a conclusão prematura das atividades editoriais do almanaque pode ter sido motivada por uma possível reprovação de setores da sociedade devido ao fato de os textos serem escritos em

Hunsrückisch, o que na época teoricamente pouco contribuía para o crescimento cultural das comunidades alemãs no Brasil.

A seguir uma breve citação do conto “*Familie Kampfahn off’m Kindchebesuch*”, de autoria de M. R. Schauren, do Povoado Sério, Lajeado – RS, no *Brumbär-Kalender* de 1932:

Off’m Gäseberg, de wo en halb Stonn hinnig de Klosterpikad leihd, soll Sonndags bei Knollebachs Hannes, morjens Kenndaaf un meddags Kindcheskaffe sinn. Dazu wor aach de Kampfahn Peter aus de Klosterpikad met seiner Fraa, de Gret, enngelad gebb. De Hannes hat geschribb.”¹⁸

Para além de almanaques, também são encontrados textos em Hunsrückisch em revistas como a *Sankt Paulusblatt*, outra importante divulgadora dessas produções. Fundada em 1912, está em circulação até hoje. Segundo Arthur B. Rambo, “entre os anos de 1947 e 1960 este periódico mensal significou o instrumento mais comprometido com a tentativa de retomar o teuto-brasileirismo na sua forma original.”¹⁹ Nesse período, Balduino Rambo foi um dos grandes contribuidores para a revista, tendo escrito 123 cartas fictícias em Hunsrückisch para publicação. Além disso, a *Sankt Paulusblatt* oferece até hoje a oportunidade para qualquer pessoa de publicar seu texto, também em Hunsrückisch. A revista, de orientação católica, traz textos diversificados (ficcionais ou não), algumas poesias, notas informativas, avisos e relatos.

A seguir transcreveremos dois pequenos recortes em Hunsrückisch para mostrar que dentro da própria *Sankt Paulusblatt* há espaço para a diversidade de expressão do Hunsrückisch. O primeiro texto fala da bebida tradicional dos gaúchos, comentado em Hunsrückisch pela autora do texto, Therezinha Vier, da seguinte forma:

... Do sin ich an das Chimarrong mache gang. Awer Verflukt un zugenäht wo die traurich Bumb net gashtobt. Wenn man jo len iss wes ma alsmo sich net se helfe, awa die annere konnte es och net.²⁰

Já Werner Stoffel escreve um texto sobre o próprio Hunsrückisch, como já é possível constatar no título: “*Mundart vom Vorderhunsrück. Wie dä Schnäirash Uuba säine Änkelcha die Wäihnachtsgeschicht vazealt hot.*” A seguir um trecho desse texto:

Iwwa Muasche es ganz ruut die Sonn onnagang, langsam esset Oomend woa. Ganz henna on met ruure Käpp sen die Schnäirish-Kenna von Ubbahause vom schlittchefahre heimkomm on hon sich bäi iarem Uuba

¹⁸ Schauren, M. R. “Familie Kampfahn off’m Kindchebesuch”. In: *Brumbär-Kalender 1931-1935*. Alfons Brod (Ed.). Arroio do Meio. Porto Alegre: Typographia do Centro, 1932.

¹⁹ Rambo, A. B. in: Rambo, B. 2002, p. 14.

²⁰ Vier, T. “De Chimarrong” In: *Skt-Paulusblatt*, n. 69, ano 84, set. 1996, p. 8.

närragelooß, dä en da warrem Stuff em Dämmalich am gliinije Oowe gesess hot on bißje engenickt woa.²¹

Outra revista, também de orientação católica e que ainda hoje publica seus textos orientados a uma comunidade leitora de textos em alemão, Hunsrückisch e português, é o *Familien-Kalender*. Nessa mesma revista, Balduino Rambo publicou os seus textos hoje reunidos em livro. Desta extraímos, a título de exemplificação, um trecho de um texto atual. Interessante é a constatação que um colaborador muito assíduo de textos em Hunsrückisch para a revista é o professor Norberto A. Spohr, que reside na Paraíba. Outro colaborador muito assíduo também está bastante distante do contexto mais comum da prática do dialeto Hunsrückisch (a região sul do Brasil). Trata-se de Pedro I. Hahn, que reside no Rio de Janeiro. A seguir um pequeno exemplo do Hunsrückisch de Spohr, no texto “Jesus unn de Peda”:

Jesus unn de Peda wore, von jung an, gute Freinde. Peda hot sei Nickelche mit Fischrei verdient, unn Jesus hot seinem Vater in de Tischlerei geholf. Eine Samstag honn se sich wie imma, an de ‘Kerrich’ antroff.²²

2.2 A escrita do Hunsrückisch em jornais (Zeitungen)

Também os jornais foram e continuam sendo usados para dar voz a pessoas que querem publicar suas produções em Hunsrückisch. Algumas já conquistaram um merecido espaço e reconhecimento pela sua produção. Maria Noemia B. Assmann, de Feliz - RS, escreve regularmente no jornal *Primeira Hora*. No artigo “Tih Taytxe Inwanre In Siht Prasilye”, ela escreve:

Im yahrkank 1820 wahre fihl paure in sälte sohne fon Taytxlant in krehster noht. Ihr lant wahr tsimlich aus kenutst. “Adubo químico” hats in thene tsayte noch khäns káp.²³

Outro autor que publica seus textos em jornais é Wolfgang Hans Collischonn. No *Correio Rio-Grandense*, de Caxias do Sul – RS, o autor escreve na coluna “Der Friedolin”, representando o Centro de Apoio a Pesquisas e Encontros familiares (Capef), de Lajeado – RS. No artigo “Die hunsricka wore imma knicksich”, o autor diz o seguinte:

In de Zeite vom Schetulio wo ma kee Gasoline krieht hot weil Kriech woa, do hot unsa Nochba sich mol en Rees uff die Serra voagenomm.

²¹ Stoffel, W. “Mundart vom Vorderhunsrück. Wie dä Schnäirasch Uuba säine Änkelcha die Wäihnachtsgeschicht vazealt hot” In: *Skt-Paulusblatt*, n. 69, ano 84, set. 1996, p. 6.

²² Spohr, N. A. “Jesus unn de Peda.” In: *Familien-Kalender*, 2003, p. 134.

²³ Assmann, M. N. B. “Tih Taytxe Inwanre In Siht Prasilye.” In: *Primeira Hora*, n. 669, ano 12, 20 de jul. de 2006, p. 12.

Ea und sei Froa wollte sich doch mol die neie Kolonie ongucke wo so viel Leit von unsa Gechend hingezoh sinn.²⁴

Collischonn também contribui com a coluna *Deutsche Sprache*, no Jornal *O Informativo*, de Lajeado – RS. No texto “Politik”, Collischonn escreve o seguinte:

Mein Compater João hot in de ganze Wintamonate nix vun sich siehn ore heere geloss. Ea hat so en abscheiliche Huschte un do wollt ea liewa in sei worm Kich bleiwe un Zeitung lese. Awa am erschte Sonntach im September, wie’s wärma is gebb, do is ea doch nochmol bei mia moie komm.²⁵

Também fora do estado do Rio Grande do Sul existe produção de textos em Hunsrückisch para jornais. Destacamos a seguir algumas linhas da coluna *Ein Hunsrücker aus Rondon*, publicada no Jornal *Evangelische Zeitung*. Os textos dessa seção não possuem título, sendo sempre a referência o nome da já conhecida coluna. A seguir um trecho dessa produção:

Wie gut un voateilhaft, wenn ma vaschiedne Zeitunge lest. Was ein net bringt, steht in de annre drin. Un wenn so’n Zeitung noch am Platz gedrukt werd wo Hunsricker wohne, is se noch interessante.²⁶

3 A produção escrita em Hunsrückisch: websites, blogs, mídias sociais

Para além das mídias convencionais impressas, se observa atualmente uma tendência crescente na produção de conteúdo oral e escrito em variantes dialetais devido a um acesso mais amplo à Internet e a consequente divulgação mais rápida, mais fácil e menos custosa das produções. Em plataformas de publicação de conteúdo como o YouTube, blogs e outras mídias sociais são veiculadas, entre outras, produções literárias provenientes da tradição oral e, por vezes, também próprias. Alguns exemplos podem encontrados nas páginas de Pio Rambo (*Língua Alemã Hunsrickisch - Deutsche Hunsrücker*), Piter Kehoma Boll (*Riograndenser Hunsrickisch*) e Paul Beppler (no Facebook, *Riograndenser Hunsrückisch*).

O escritor Paul Beppler publica em sua página no Facebook dedicada ao Hunsrückisch vídeos, imagens e textos relacionados com a língua e cultura hunsriqueana, bem como com outras línguas de imigração presentes no Rio Grande do Sul (como o Talian) e com a realidade local como um todo. Entre os tópicos recentemente abordados na página, estão textos e vídeos de caráter informativo em relação às graves enchentes no

²⁴ Collischonn, W. H. “Die hunsricka wore imma knicksich.” In: *Correio Rio-Grandense*. Caxias do Sul. Infelizmente não dispomos dos dados bibliográficos completos desse artigo.

²⁵ Collischonn, W. H. “Politik.” In: *O Informativo*. Lajeado. s.n., s.a., 13 de set. de 2003, s.p.

²⁶ A. S. “Der Hunsrücker aus Rondon.” In: *Evangelische Zeitung*. Porto Alegre, s.n. s.a., 3 a 16 de ago. de 1986, p. 16.

Rio Grande do Sul, além de cursos de baixo-alemão, de danças folclóricas alemãs e convites para festividades (como Kerb e feiras de comidas brasileiras na Alemanha). Abaixo apresentamos um trecho da legenda em Hunsrückisch (traduzida do português) de uma publicação recente da página de Beppler, referente à escritora Nélida Piñon, primeira mulher a frente da Academia Brasileira de Letras:

Die Schriftstellrin Nélida Piñon hot Geschicht gemacht, wie se im Joahrgang 1997, ei in dem Joahr, wo das 100-jährliche Gründung von der Bräsiljoonische Literatur Akademie (ABL = Academia Brasileira de Letras) gefeiert woard, die Leitung von der Institution üwernoohm hot. Die Autorin genoss die allgemene Unnersteetzung von ihrer akademische Kollege unn markierte damit en bedeutend Moment in der Entwicklung von der ABL.

As publicações de Beppler costumam estar acompanhadas de legendas em diversas línguas (sobretudo Hunsrückisch e português, mas também frequentemente alemão, espanhol e inglês), o que torna suas publicações acerca da cultura hunsriqueana e de outros temas acessíveis também para não-falantes de Hunsrückisch, que assim mesmo tenham algum interesse pela língua e pela cultura atrelada a ela.

80

Considerações finais

Com esse texto procuramos apresentar alguns autores e plataformas que contribuem para o estabelecimento de um cânone literário em Hunsrückisch, selecionando alguns textos que nos pareceram mais relevantes para a discussão. Certamente devem existir outras produções em Hunsrückisch país afora, que ainda dependem de incentivo para chegar a um público mais numeroso. Tivemos a intenção de mostrar o que já foi feito e, com sorte, também engajar outras pessoas a escrever e publicar textos literários em Hunsrückisch, através da apresentação de revistas e jornais que até hoje recebem e publicam essas produções.

Bibliografia

Altenhofen, Cléo Vilson. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart, Steiner, 1996. XVIII, 444 p. com 12 ilustrações e 77 mapas, além de um resumo em português. (Mainzer Studien zur Sprach- und Volksforschung; 21).

Altenhofen, C. V.; Neumann, G. R.; Habel, J. M.; Prediger, A. (Orgs.) **Hunsrückisch em prosa & verso: textos do Concurso Literário de Poemas e Contos em Hunsrückisch 2017** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Instituto de Letras - UFRGS, 2018.

Ammon, Ulrich. **Die Stellung der deutschen Sprache in der Welt**. Berlin: 2015.

Arendt, Isabel C. **Representação do colono teuto-brasileiro católico através da negação do outro nos escritos de Pe. Balduino Rambo, S.J.** Dissertação do Mestrado em História. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, RS., 1998.

Flach, José Inácio. **Unsa gut deitsch Kolonie**. Nova Petrópolis: Sociedade União Popular Theodor Amstad, 2004.

Gross, Alfredo. **Hunsrücker Mundart in Brasilien. Dialektgedichte und Schriften in deutscher und portugiesischer Sprache**. Porto Alegre: S.e., 2001. 88 p.

IBGE. **Estudos especiais**. O Brasil indígena: língua falada. Disponível em: <<https://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/lingua-falada>>. Acessado em 17.06.2024.

Koetz, Lily Clara. Die Hunsricksprooch. In: **A saga dos alemães – do Hunsrick para Santa Maria do Mundo Novo**. Org. Erni G. Engelmann; Helmut Burger; Ivo Backes. Igrejinha: E. G. Engelmann, 2004, vol. 3, p. 354.

Lindenfelser, Siegwalt. „Wolle Ameise Pisye Hunsrik Xraywe?“. Zur Alltagsverschriftung des brasilianischen Hunsrückisch. In: *Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik*, V. 91, 2024/1, p. 22–77.

Lipski, John M. Brazilian Portuguese: contemporary language contacts. In: Kabatek, Johannes; Wall, Alfred (Eds.). *Manual of Brazilian Portuguese Linguistics*. Berlin/Boston: 2022.

Neumann, Gerson Roberto. A tradição escrita do Hunsrückisch. In: **XVII Simpósio de História da Imigração e Colonização: Imigrações e Relações Interétnicas**, 2008, São Leopoldo - RS. Imigrações e Relações Interétnicas - XVII Simpósio de História da Imigração e Colonização. São Leopoldo: Oikos, 2008. p. 1217-1229.

Rambo, Pe. Balduino. **O rebento do carvalho: contos dialetais (1937 a 1961)**. Trad. Arthur Blásio Rambo. São Leopoldo (RS): Ed. UNISINOS, 2002. v. 1 [340 p.], v. 2 [358 p.] (Coleção Fisionomia Gaúcha, 6.)

Roche, Jean. **La colonisation allemande et le Rio grande do Sul**. Paris: Éditions de l'IHEAL, 1959.

Rottmann, Peter Joseph. **Gedichte in Hunsrücker Mundart**. 3. vermehrte Aufl. Simmern: Joh. Maurer, 1863.

Demais referências bibliográficas

Coluna *Der Friedolin*, no jornal *Correio Rio-Grandense*, de Caxias do Sul – RS.

Coluna *Deutsche Sprache*, no jornal *O Informativo*, de Lajeado – RS.

Coluna no jornal semanal *Primeira Hora*, de Bom Princípio – RS.

Coluna *Hunsrücker aus Rondon*, no jornal *Evangelische Zeitung*, editado em Porto Alegre (?).

Textos em Hunsrückisch no *Brummbär-Kalender*, editado entre 1931 e 1935, em Arroio do Meio - RS, por Alfons Brod, e que se constituía prioritariamente de textos – poemas e contos – de cunho humorístico.

Textos no *Familien-Kalender*, almanaque anual editado em Porto Alegre – RS.

Textos em Hunsrückisch no *Sankt Paulusblatt*, periódico mensal editado pela Sociedade União Popular Theodor Amstad, em Nova Petrópolis – RS.

"Ein Brazilianer in Berlin" x "Um brasileiro em Berlim":

Uma análise das diferentes edições da coletânea de João Ubaldo Ribeiro

Ana Paula Seerig¹

Resumo: O presente artigo visa comparar e analisar as edições alemãs e brasileiras da reunião de crônicas escritas por João Ubaldo Ribeiro para jornais alemães no início da década de 1990. Na época, o brasileiro era bolsista do DAAD (Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico) e, junto com a família, morou em Berlim por 15 meses. Ao fim do intercâmbio, foi proposta a publicação de uma coletânea, tanto na Alemanha quanto no Brasil. O contraste nas apresentações e posfácios das publicações em cada país faz com que questionemos as decisões editoriais para lançar o livro e sua influência sobre o leitor. A percepção dessas variações nos faz refletir sobre o estudo crítico da obra, tanto em um ambiente escolar quanto acadêmico. Inicialmente será apresentado brevemente o contexto em que as crônicas foram escritas e a sua reunião em formato de livro, identificando o padrão estabelecido entre as publicações na Alemanha e no Brasil. Em seguida serão apresentadas as peculiaridades de quatro edições (duas alemãs e duas brasileiras) com o intuito de perceber o que as diferencia e, enfim, reconhecer como as decisões editoriais influenciam os leitores de cada país.

Palavras-chave: *Ein Brazilianer in Berlin*; *Um brasileiro em Berlim*; João Ubaldo Ribeiro; crônica.

Zusammenfassung: Dieser Artikel zielt, die deutschen und brasilianischen Herausgaben der Versammlung der *crônicas* von João Ubaldo Ribeiro für deutsche Zeitungen am Anfang der 1990er Jahren zu gegenüberstellen und auszuwerten. Damals war der Brazilianer Stipendiat von DAAD (Deutscher Akademischer Austauschdienst) und, zusammen mit seiner Familie, wohnte 15 Monaten in Berlin. Am Ende des Austausches wurde die Ausgabe einer Sammlung sowohl in Deutschland als auch in Brasilien vorgeschlagen. Der Kontrast zwischen die Vorbemerkungen und Nachbemerkungen in jedem Land lässt uns die Entscheidungen der Verlage sowie ihre Beeinflussungen der Leser in Frage zu stellen. Die Wahrnehmung dieser Unterschiede lässt uns über die kritische Lesung des Buchs in den Schulen und Universitäten nachzudenken. Zuerst wird kurz die Entstehung der *crônicas* und ihre Veröffentlichungen als Buch vorgestellt, um den Standard zwischen die Ausgaben in Deutschland und in Brasilien zu bemerken. Dann werden die Besonderheiten von vier verschiedenen Herausgaben (zwei Deutscher, zwei Brazilianer) gezeigt, damit man merkt, was sie unterscheidet. Zum Schluss wird es möglich zu bestimmen, wie die Verlagentschlüssen der Leser jedes Landes beeinträchtigen.

Schlüsselwörter: *Ein Brazilianer in Berlin*; *Um brasileiro em Berlim*, João Ubaldo Ribeiro, *crônica*².

¹ Mestre em Língua e Literatura Alemã pela Universidade de São Paulo (USP); professora de língua alemã. E-mail: ana.seerig@hotmail.com

² Na coletânea **Crônicas brasileiras** do Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade da Flórida [HOWER, Alfred; PRETO-RODAS, Richard A. (org.). **Crônicas brasileiras: a Portuguese reader**. Gainesville: Center For Latin American Studies, 1980.] O termo "crônica", enquanto gênero literário, é considerado intraduzível, por isso optei por não traduzi-lo.

Introdução

O Muro de Berlim caiu em novembro de 1989 e, em outubro do ano seguinte, a unificação seria assinada após os alemães viverem por décadas em um território dividido. O escritor João Ubaldo Ribeiro chegou à Alemanha entre esses dois eventos, em abril de 1990, como bolsista do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD). Acompanhado de sua esposa Berenice e de seus dois filhos, Bento e Francisca, o brasileiro moraria na capital alemã por 15 meses. A essa altura Ribeiro, nascido na Ilha de Itaparica na Bahia, já tinha publicado suas obras mais conhecidas, **Sargento Getúlio** (1971) e **Viva o povo brasileiro** (1984) – esse último teve sua terceira edição alemã lançada no ano anterior à chegada do autor à Berlim, traduzido por Curt Meyer-Clason.

Logo nas primeiras semanas em solo alemão, o escritor brasileiro foi convidado pelo jornal *Frankfurter Rundschau* para colaborar com o periódico. A proposta havia sido feita, segundo a apresentação na coluna de estreia de Ribeiro, por ser um momento em que os alemães pareciam “se ocupar principalmente, senão exclusivamente, consigo mesmos” e seria significativo ler as “impressões, experiências, observações e pensamentos do que espera um brasileiro em Berlim e na Alemanha” (*Frankfurter Rundschau*, 1990)³. Ao todo, foram 14 textos escritos para o jornal de Frankfurt e um para o semanal *Die Zeit*.

84

Quando fui embora de Berlim, sugeriram que fizesse um livro. Relutei. Mas fizeram o livro do mesmo jeito e foi sucesso aqui na Alemanha. Quando voltei para o Brasil, quiseram fazer o livro lá e fui contra, achando que não interessaria aos brasileiros. Mas foi um sucesso. Depois, na Copa do Mundo da Alemanha, fizeram uma edição especial para os brasileiros que viriam a Berlim e fiz um texto adicional explicando o uso universal da palavra “bitte” [risos]. E o livro até hoje continua sendo publicado. Com muitas ressalvas, eu poderia dizer que sou um escritor popular na Alemanha. Sempre que venho para leituras, aparece muita gente – brasileiros e alemães. (Frey, 2013)

A primeira edição da coletânea foi publicada em alemão, em 1994, pela editora Suhrkamp sob o título **Ein Brazilianer in Berlin**, com as traduções originais de Ray-Güde Mertin para os jornais da Alemanha. Já a primeira edição no Brasil ficou sob responsabilidade da editora Nova Fronteira e foi lançada no ano seguinte com o nome **Um brasileiro em Berlim**. Nos dois países, o formato da coletânea permaneceu o mesmo: a sequência dos 16 textos (aos 15 escritos para os periódicos alemães somou-se um escrito

³ „[...] in dem die Deutschen anscheinend, wenn nicht ausschließlich, so doch vornehmlich mit sich zu tun haben, gebeten, Eindrücke, Erfahrungen, Beobachtungen und Gedanken zu notieren, die ein Brazilianer in Berlin und Deutschland derzeit zu gewärtigen hat.“ [meine Übersetzung]

no Rio de Janeiro, especialmente para o livro) e um posfácio de Mertin, que além de tradutora era também agente literária. Existem, contudo, diferenças na apresentação da coletânea em cada país e no relançamento do livro nos anos 2000. A seguir serão apresentadas quatro edições (duas alemãs e duas brasileiras) para que consigamos identificar se suas particularidades podem influenciar a percepção do leitor de cada país.⁴

Editora Suhrkamp (1994)

A primeira publicação da reunião dos textos alemães de Ribeiro foi feita em formato de edição de bolso, com cerca de 100 páginas. A apresentação é breve e inicia da seguinte forma:

Visões interiores de alguém de fora: durante o ano de permanência em Berlim, 1990/1991, João Ubaldo Ribeiro escreveu para o Frankfurter Rundschau agradáveis colunas sobre a vida na cidade que, então, já não estava dividida. Ele narra de forma maravilhosamente leve as impressões, experiências, observações e pensamentos que um brasileiro teve em Berlim e na Alemanha no auge da revolução da unificação.⁵ (RIBEIRO, 1994, p.2)

Assim se percebe o diferencial da obra para os editores alemães: o papel de registro de um importante período do país sob a perspectiva de um estrangeiro. A motivação que fez com que os jornais da Alemanha se interessassem pelo olhar crítico do brasileiro é a mesma que leva à reunião dos textos em formato de livro: conservar as observações de Ribeiro diante do processo de unificação.

Já os posfácios de Mertin são diferentes na edição brasileira e alemã. O texto presente na edição da Suhrkamp é breve e basicamente se limita a apresentar a relação entre o escritor e a tradutora antes, durante e após o intercâmbio. Logo no início ela explica a dificuldade de Ribeiro em aprender o idioma, talvez para deixar claro que, antes de serem publicados nos jornais, os textos passavam por ela para serem convertidos do português para o alemão.

85

⁴ O presente estudo fez parte da pesquisa de mestrado que resultou na dissertação **O olhar de João Ubaldo Ribeiro sobre a unificação alemã: Uma leitura histórica da coletânea Um brasileiro em Berlim**, defendida na Universidade de São Paulo em outubro de 2023.

⁵ „Innenansichten eines Außenseiters: Während eines einjährigen Aufenthalts in Berlin 1990/1991 verfaßte João Ubaldo Ribeiro für die Frankfurter Rundschau sehr vergnügliche Kolumnen über das Leben in der nun nicht mehr geteilten Stadt. Er erzählt wunderbar leicht von seinen Eindrücken, Erfahrungen, Beobachtungen und Gedanken, die ein Brasilianer in Berlin und Deutschland zu Hochzeiten der Wende gehabt hat.“ [minha tradução]

Antes da viagem para a Alemanha, uma grande excitação predominava na casa Ribeiro, na Ilha de Itaparica. A família passou ainda algum tempo no Rio de Janeiro para se preparar para Berlim. Isso incluía um curso intensivo de alemão. Todos estavam convencidos que João Ubaldo falaria fluentemente alemão quando chegasse. Mas o curso foi tão decepcionante quanto suas experiências anteriores com as primeiras lições de um livro didático: “‘Isso é um elefante? Não, isso é uma caneta tinteiro.’ Bom, não é mesmo?”

Assim ele desiste de familiarizar-se com os segredos da língua alemã. Ele usa seu talento linguístico incomum em neologismos ou trocadilhos.⁶ (Ribeiro, 1994, p. 102)

Na edição brasileira, o posfácio de Martin não é apenas mais amplo, mas é também mais crítico, especialmente em relação à visão alemã sobre o Brasil, como veremos a seguir.

Editora Nova Fronteira (1995)

A apresentação de *Um brasileiro em Berlim* é feita por Jorge Amado, que, além de ser um dos mais famosos nomes da literatura brasileira, era também amigo próximo de Ribeiro. Seu texto sobre a coletânea se encontra nas orelhas da edição e não faz referência alguma ao contexto político da Alemanha no momento em que o escritor itaparicano estava no país. Escreve Amado:

[...] Livro delicioso, que se lê com um sorriso nos lábios. João Ubaldo conta do cotidiano da vida, acontecimentos maiores ou menores, relata a travessia do homem e do escritor, acompanhado quase sempre por seus familiares, minha comadre Berenice, a santa esposa, o artista Bentão, nascido em Portugal, e a doce bailarina Chica. Quando a família se vê perdida no aeroporto de Frankfurt, em busca da conexão para Berlim, a pequena Chica descobre que a Alemanha é maior do que o Brasil. As páginas da chegada à Alemanha são muito características do humor de João Ubaldo. Ele ri das mazelas e das pequenezas – a viagem aérea na classe econômica, um dos horrores do nosso tempo –, o riso por vezes se transforma em esgar, nem por isso menos divertido. (RIBEIRO, 1995, orelha do livro)

Em outras palavras, o cronista João Ubaldo Ribeiro é exaltado, assim como o bom humor de seus textos, mas o olhar sobre o momento histórico vivido pelos alemães,

⁶ „Vor der Reise nach Deutschland herrschte große Aufregung im Hause Ribeiro auf der Insel Itaparica. Die Familie verbrachte noch einige Zeit in Rio de Janeiro, um sich auf Berlin vorzubereiten. Dazu gehörte auch ein Intensivkurs Deutsch. João Ubaldo würde, davon waren alle überzeugt, bei seiner Ankunft bereits fließend Deutsch sprechen. Aber der Sprachkurs war so enttäuschend wie seine früheren Erfahrungen mit den ersten Lektionen eines Deutschlehrbuches: „Ist das ein Elefant? Nein, das ist ein Füllfederhalter.“ Gut, nicht wahr?“

So gibt er es schließlich auf, sich in die Geheimnisse der deutschen Sprache einzuarbeiten. Seine außergewöhnliche Sprachbegabung übt sich in witzigen Wortschöpfungen oder Verballhornungen.“ [minha tradução]

principal ponto abordado pela editora Suhrkamp, é ignorado. Como vimos anteriormente, o próprio cronista não acreditava no sucesso da coletânea no Brasil, já que não previa um interesse dos brasileiros pelos assuntos locais da Alemanha. Talvez por isso a edição brasileira conte com uma apresentação de Jorge Amado: como uma forma de dar mais destaque ao “brasileiro” do título do que o local em que este se encontra, “Berlim”.

Ray-Güde Martin, por sua vez, destaca os contrastes culturais entre Brasil e Alemanha: das dificuldades encontradas por Ribeiro no país às leituras dos alemães sobre a terra natal do escritor. Seu posfácio tem a mesma base do publicado na edição da Suhrkamp (fala da troca de cartas entre cronista e tradutora e das dificuldades do baiano com a língua alemã), mas possui uma crítica muito profunda sobre os pré-conceitos que o escritor encarou em solo alemão:

Um brasileiro na Alemanha, na Europa, desperta certas expectativas. Quem sabe ele vem diretamente da floresta amazônica ou refugiou-se – fugindo da violência escaladora nas cidades grandes – no campo ou numa ilha, onde com certeza ainda existem índios que abatem sua caça com arco e flecha?

Em 1988 foi publicada a tradução alemã de *Viva o povo brasileiro*. Mais do que qualquer outra obra da literatura brasileira nos últimos dez anos, este romance foi alvo de resenhas exotistas na imprensa de língua alemã. O título da resenha do *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, “Barões malvados, formosas escravas e mulatos astutos” não se distingue em muito dos comentários de outros jornais, onde se fala de “um golpe de gênio latino-americano” apontando “esta saga luso-tropicalista” sobre “guerras, imperadores, canibais”. E, com a infalível condescendência que às vezes costuma caracterizar as resenhas, o autor recebeu este comentário: “o romance preenche as expectativas em torno de uma obra latino-americana: vibrando em sensualidade, até a última gota cheia de vida exuberante”, ou este: “Ribeiro parece ter se comprometido fortemente com o canto heróico do povo simples. Ele não consegue se isentar de um romantismo social e de uma certa tendência aos clichês.” Questiona-se, então, quem não consegue se libertar de clichês – o autor ou os leitores e críticos? (Ribeiro, 1995, p. 156)

87

A pergunta que surge ao compararmos os posfácios entre as duas edições é: por que a edição alemã não contém uma crítica tão significativa da tradutora? Talvez tenha sido uma decisão editorial, talvez Martin simplesmente tenha ampliado o texto no período entre a publicação do livro na Alemanha e no Brasil. O fato é que tais observações fazem com que o leitor brasileiro compreenda melhor como é o olhar lançado pelos europeus para a América do Sul, o que, conseqüentemente, pode fazê-lo entender melhor algumas observações feitas pelo cronista para o seu leitor alemão.

Editora TFM (2010)

A editora Teo Ferrer de Mesquita (TFM) fez um relançamento da obra em alemão, mas aqui estudaremos o volume bilíngue, justamente por se destacar das demais publicações apresentadas. O livro foi diagramado de forma que a versão em português ficasse lado a lado com a versão em língua alemã – a primeira na página esquerda, a segunda na página direita. Dessa forma é possível analisar facilmente as decisões da tradutora, percebendo-se também as diferenças estruturais dos dois idiomas. As orelhas do livro seguem a mesma lógica, cada qual abrigando a apresentação do escritor em um idioma.

Outro diferencial da edição é a ausência do posfácio de Martin. Em vez disso, o editor assina uma apresentação (também bilíngue), com o intuito de destacar a importância da coletânea quase duas décadas depois de suas crônicas terem sido escritas.

Muito tempo passou sobre os registros de João Ubaldo Ribeiro sobre Berlim, os berlinenses e os brasileiros, observações perspicazes, cheias de humor, sarcasmo e carinho. Tal como cita neste livro, “não se passa duas vezes pelo mesmo rio” e tampouco se vê o mesmo rio duas vezes, como acrescenta ao pensamento de Heráclito. Estarão já fora da realidade estes registros? Se tudo mudou!

Será que mudou mesmo? O preconceito, a rejeição da diferença, o medo do “outro” não existem mais? Os berlinenses, os alemães deixaram de perguntar-se quem são? E o “outro”, o que olha de fora, deixou de perguntar-se quem é?

Vale a pena voltar a estes textos, que nos remetem ainda sobre outra questão atualíssima: que rio é este que agora passa? (Ribeiro, 2017, p. 4 e 6)

88

A nova edição alemã reforça a importância do livro como registro histórico, não apenas para se entender o que aconteceu na Alemanha, mas talvez especialmente para se entender a sociedade alemã atual. Como a edição é bilíngue, é natural supor que o livro chegará às mãos de brasileiros que ainda estão se familiarizando com o idioma e, por meio da coletânea, buscam visualizar mais claramente as diferenças entre a língua portuguesa e a língua alemã (o editor inclusive confirma essa intenção em seu texto⁷), porém Teo Ferrer de Mesquita quer ir além: com sua apresentação ele destaca a importância de se conhecer o passado para melhor entender o hoje. Já aos leitores alemães, suas palavras provocam a autocrítica. Ao iniciar a edição com tais reflexões, o editor já direciona o olhar de seu leitor, independentemente do idioma que este escolha.

⁷ “Com esta edição bilíngue respondemos certamente também ao interesse de muitas leitoras e muitos leitores que estudam ou desejam aprofundar os seus conhecimentos num dos idiomas.” (Ribeiro, 2017, p. 6)

Editora Objetiva (2011)

A mais recente publicação brasileira mantém a base da primeira edição, conservando a apresentação de Jorge Amado e o posfácio de Ray-Güde Martin. O que a diferencia é, como vimos na fala de Ribeiro na introdução desse artigo, a existência de pequenos textos orientativos para brasileiros que pretendem ir à Alemanha. Intitulado de **Apêndice: Alemanha para principiantes**, esse acréscimo “não foi pesquisado objetivamente e se baseia em minhas impressões como visitante mais ou menos assíduo da Alemanha, além de ex-morador de Berlim, onde vivi quinze meses” (p. 115). O baiano ainda orienta o leitor a não levá-lo a sério demais:

Não fiz pesquisa nenhuma para escrever o que se segue e meu compromisso com a verdade, o que lá seja isso, se limita à sinceridade de minhas impressões e à realidade dos acontecimentos a que me refiro. Tampouco defini método algum para estas notas, alfabético, hierárquico, temático ou qualquer outro. Fui escrevendo o que me vinha à cabeça e que acredito ser do interesse de pelo menos alguns principiantes em matéria de Alemanha. Portanto, não leve estas dicas a sério demais. São somente palpites de um compatriota que tem vivência da Alemanha e cujo olhar pode ser muito diferente do de outros. (Ribeiro, 2011, p. 115)

Ao todo são dez tópicos sobre variados assuntos, como idioma e hábitos locais, além de dicas para se ter uma boa relação com os alemães (por exemplo, **Papo de Hitler pega mal**). Os textos são breves e bem-humorados, sendo o primeiro deles sobre o termo *bitte*:

A única palavra absolutamente indispensável na Alemanha é essa. Deve ser pronunciada com o “i” bem claro e não disfarçado pelo “tch” de muitos brasileiros. Serve para tudo, embora seja costumeiramente apresentada apenas como “por favor”. Nada mais longe da verdade. Um *bitte* bem dado, pode quebrar o galho para “com licença”, “desculpe”, “o quê?”, “um desses para mim também” e inúmeros outros casos, levando-se em conta os gestos que podem acompanhá-lo. Quando em dúvida, diga *bitte*, que, numa versão desmunhecada, serve até para “audácia do bofe!” ou, numa versão romântica, “deixe-me ver como você é linda”. O uso criativo do *bitte* já foi suficiente para um amigo meu que não falava nada de alemão namorar com uma alemã vários meses. Imagino que ele dizia também outras coisas, mas na minha presença era somente *bitte*. [grifos do autor] (Ribeiro, 2011, p. 115)

Outro destaque da publicação da editora Objetiva é o fato dela também ter sido lançada, em 2011, em formato digital, ampliando assim o alcance da obra. Não há, contudo, nenhuma atualização sobre o contexto histórico registrado pelas crônicas de Ribeiro. Também é importante ressaltar que, como o próprio autor menciona na citação

trazida na introdução desse artigo, o relançamento da obra no Brasil foi motivado pela Copa do Mundo de Futebol de 2006, que teve a Alemanha como país-sede. Ou seja, o a intenção era aproveitar os holofotes do evento esportivo para atrair novos leitores para a obra do escritor baiano.

Considerações finais

Ao observarmos lado a lado as diferentes edições da mesma coletânea percebemos que ela é apresentada de forma bastante distinta para os públicos dos dois países. Para o leitor alemão, a quem as crônicas foram originalmente escritas, o livro é oferecido como uma perspectiva de um importante período vivido pela sociedade alemã: a unificação, depois de o país passar tantas décadas divididos. A cidade de Berlim, onde João Ubaldo Ribeiro morou com a família, é o principal ponto desse processo, já que também é o local que mais sofreu com a existência de duas Alemanhas em função da construção de um muro que limitava o acesso dos moradores e impunha a cinzenta realidade da divisão.

Já as edições brasileiras ignoram por completo a história alemã e oferecem ao leitor mais uma coletânea de crônicas do escritor baiano, então consagrado como cronista em diferentes jornais do Brasil, com destaque especial a **O Globo**, que contou com a colaboração de Ribeiro por muitos anos – inclusive, antes de sua mudança para a Alemanha, havia sido lançada sua primeira coletânea de crônicas: **Sempre aos domingos** (1988). Aos brasileiros, os textos alemães de Ribeiro são apresentados como entretenimento. A crítica é trazida no posfácio de Ray-Güde Martin, mas uma crítica direcionada aos europeus e seus olhares pré-concebidos sobre o Brasil e não sobre a importância das observações do escritor baiano diante de um momento tão significativo para a sociedade da Alemanha. Como dissemos, essa perspectiva auxilia o leitor a compreender melhor certas abordagens de Ribeiro, que escrevia ao leitor dos jornais alemães, mas pouco acrescenta ao contexto político e social observado e vivenciado pelo cronista baiano.

O inglês John Gledson, pesquisador da obra de Machado de Assis, concluiu que, “para entender as crônicas era essencial ler os jornais da época com bastante cuidado” (Gledson, 2006, p. 16). Essa dedução, especialmente quando feita por um estrangeiro, destaca a importância de se entender o contexto histórico para, de fato, compreender mais profundamente as motivações e observações de um cronista. Por isso, a meu ver, é repreensível a decisão das editoras brasileiras de não abordar os eventos que culminaram na sociedade alemã observada por João Ubaldo Ribeiro. Especialmente porque a divisão alemã foi resultado da Segunda Guerra Mundial enquanto o Muro de

Berlim foi o ápice da Guerra Fria – dois temas presentes nas salas de aula do ensino básico brasileiro.

Em contrapartida, as edições alemãs destacam a importância do olhar estrangeiro para melhor refletir sobre o processo de unificação enfrentado pela Alemanha. O fato da coletânea ser reeditada duas décadas depois de os textos terem sido escritos comprova o valor histórico que as crônicas de Ribeiro conservam. Na década de 90, o cronista provocava a autocrítica do leitor alemão que, talvez, fingisse não ver as animosidades despertadas pela unificação, enquanto no século XXI os textos apresentam uma perspectiva diferente sobre o processo de reunião das duas Alemanhas – uma perspectiva que questiona a narrativa idílica que foi construída ao longo dos anos sobre o período. Além do reencontro entre familiares e amigos, a decisão política forçou a convivência de alemães que, por décadas, viveram em duas sociedades completamente distintas e as diferenças se sobressaíram no momento em que a República Federal da Alemanha agregou ao seu território os estados antes pertencentes à República Democrática Alemã.

A influência das decisões editoriais fica perceptível ao buscarmos estudos sobre a obra. De modo geral, os artigos brasileiros a respeito visam a própria figura de João Ubaldo Ribeiro, focando-se especialmente no texto final da coletânea (*Memória de livros*) e sem dar qualquer atenção ao momento vivenciado pela Alemanha. A única exceção que encontrei foi no livro **Construções identitárias na obra de João Ubaldo Ribeiro**, de Rita Olivieri-Godet, originalmente publicada em francês:

A equação “estrangeiro = inimigo” aparece de forma mais evidente quando as crônicas mencionam as transformações sociopolíticas desencadeadas pela queda do Muro de Berlim. As modificações provocadas por esse acontecimento histórico são o pano de fundo sobre o qual ocorrem as aventuras anódinas do cotidiano do narrador. Uma única vez ele é posto em primeiro plano e se torna o assunto central da crônica intitulada “A velha cidade guerreira”. Nostalgia e indignação misturam-se para construir uma reflexão sobre o destino histórico do homem. (Olivieri-Godet, 2009, p. 259)

O fato de Olivieri-Godet estar, então, na França talvez tenha influenciado seu olhar para a importância histórica da obra. Além de João Ubaldo Ribeiro, outros autores brasileiros registraram eventos históricos de importância mundial (como por exemplo Rubem Braga em **Crônicas da Guerra na Itália** e Ignácio de Loyola Brandão em **O verde violentou o muro**) e é urgente que editoras e escolas percebam o valor didático de tais livros, não apenas para melhor compreensão da História, mas principalmente para o

desenvolvimento do senso crítico – algo cada vez mais raro nas sociedades globalizadas alimentadas pelas redes sociais.

Referências/Quelle

Frankfurter Rundschau. Frankfurt, Alemanha, 11 jun. 1990.

Frey, Luisa. **João Ubaldo Ribeiro: "Sinto um vínculo cultural com a Alemanha"**. 2013. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/joão-ubaldo-ribeiro-sinto-um-vínculo-cultural-com-a-alemanha/a-17155214>>. Acesso em: 10 dez. 2023.

Gledson, John (org.). **Conversa de burros, banhos de mar e outras crônicas exemplares**. Lisboa: Edições Cotovia, 2006. p. 11-35. (Curso Breve de Literatura Brasileira).

Ribeiro, João Ubaldo. **Ein Brazilianer in Berlin**. Frankfurt Am Main: Suhrkamp Taschenbuch, 1994. 104 p.

Ribeiro, João Ubaldo. **Um brasileiro em Berlim**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. 130 p.

Ribeiro, João Ubaldo. **Um brasileiro em Berlim**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. 159 p.

Ribeiro, João Ubaldo. **Um Brasileiro em Berlim. Ein Brazilianer in Berlin**. 5. ed. Frankfurt: TFM, 2017. 162 p. Übersetzt von Ray-Güde Martin.

Olivieri-Godet, Rita. **Construções identitárias na obra de João Ubaldo Ribeiro**. São Paulo: Hucitec / Academia Brasileira de Letras / Uefs, 2009. 288 p. Tradução de Rita Olivieri-Godet e Regina Salgado.

Auf der Suche nach deutschen Spuren in Brasilien

Sophie Heumüller¹

Bericht über zwei Gastvorträge von Prof. Dr. Gerson Neumann (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) am Institut für Romanistik der Universität Bamberg auf Einladung von Prof. Dr. Enrique Rodrigues-Moura: »Die deutschsprachige Einwanderung in Brasilien und die Presse ab 1850« (22.4.2024) und »Deutsche in der brasilianischen Literatur – Beispiele von 1847 bis heute« (23.4.2024).

Im kulturellen Reichtum Brasiliens finden sich auch heute noch zahlreiche deutsche Spuren, die oft unterschätzt werden. Ihr Ursprung liegt in der organisierten deutschen Migration nach Brasilien, die sich 2024 zum 200. Mal jährt. Anlässlich dieses Jubiläums lud das Institut für Romanistik der Universität Bamberg Prof. Dr. Gerson Neumann am 22.04.2024 sowie am 23.04.2024 zu zwei anregenden Gastvorträgen ein. Seit 2011 ist Neumann an der Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) in Porto Alegre tätig, wo er sich intensiv mit deutscher Literatur des 19. Jahrhunderts, aber auch deutschsprachiger Literatur in Brasilien und deren Übersetzung befasst. Durch seine Forschung knüpft er bedeutende Verbindungen zwischen dem deutschsprachigen Raum und Brasilien.

In seinem ersten Vortrag stellte er die grundlegenden Fakten der deutschen Einwanderung und die daraus resultierende neue deutschsprachige Presse in Brasilien vor: **»Die deutschsprachige Einwanderung in Brasilien und die Presse ab 1850«** (22.4.2024).

Vor 200 Jahren kam 1824 das erste Schiff aus Hamburg im Süden Brasiliens an. Die Anreise dauerte rund drei Monate exklusive Quarantäne, auf der an Bord sowohl Menschen starben als auch neue Kinder geboren wurden. Es war folglich kein einfacher Weg, dennoch haben die Migranten ihn auf sich genommen, da ihnen in Brasilien Land und Arbeit versprochen wurde. Zu dieser Zeit war Deutschland wirtschaftlich und politisch nicht stabil, weswegen viele Menschen unter Armut, Hungersnot und Unsicherheiten litten. Dies nutzte der damals erste brasilianische Kaiser Pedro I. aus, um für sein Land zu werben. Er selbst war mit der Österreicherin und Erzherzogin Maria Leopoldine aus Habsburg

¹ Lehramtstudentin am Institut für Romanistik der Universität Bamberg.



verheiratet. Brasilien hatte gerade seine Unabhängigkeit von Portugal im Jahr 1822 erklärt und stand vor der Herausforderung, seine Wirtschaft zu stärken und das Land zu stabilisieren. Hierfür fehlten Arbeitskräfte, vor allem in der Landwirtschaft. Diese Lücke sollten nun die deutschen Migranten füllen. Neumann betonte zudem, dass Brasilien »weißer« werden wollte, was auf rassistischen Vorstellungen von Überlegenheit beruhte und als Mittel zur Modernisierung und wirtschaftlichen Entwicklung angesehen wurde. Deutschsprachige Einwanderer wurden bevorzugt aufgenommen, da vorherige Kriege Briten ausschlossen, es bereits zuvor französische Migranten gab und Spanier nicht gern gesehen wurden, da das Spanische bereits um Brasilien herrschte. Deswegen suchte man in den Gebieten, die heute der Schweiz, Österreich, Deutschland, Polen und Nord-Italien entsprechen, nach potenziellen Arbeitern.

Im Jahr 1850 kam es aufgrund der 48er Revolution in Deutschland zu einer großen Wende. Die Anhänger dieser Bewegung wurden politisch verfolgt, und einige von ihnen flohen nach Argentinien, wo sie auf die Gegner von Juan Manuel de Rosas trafen. Rosas, der Argentinien von 1829 bis 1852 als autoritärer Gouverneur und Diktator regierte, verfolgte eine strikte, zentralistische Politik und unterdrückte jegliche politische Opposition. Die deutschen Emigranten unterstützten die Gegner von Rosas in ihrem Streben nach politischen Reformen. Nach ihrer Niederlage in Argentinien flüchteten viele dieser deutschen Freiheitskämpfer weiter nach Brasilien, wo sie ihre liberalen Ideale weiterführten und als »Brummer« bezeichnet wurden. Neumann erwähnte, dass der Name auf zwei Erklärungsversuche zurückzuführen ist. Es wird vermutet, dass sie so genannt wurden, weil die Deutschen äußerst unzufrieden waren und nach mehr Raum für Freiheit suchten, inspiriert von der liberalen Bewegung des Jahres 1848, der sie angehörten. Andererseits könnte der Name auch auf das Geräusch anspielen, das eine Münze macht, wenn man sie auf einem Tisch dreht. Jedoch gibt es hierfür keine Klarheit oder wissenschaftliche Belege.

94

In den deutschen Siedlungen gab es wie zuvor im Heimatland sowohl Katholiken als auch Protestanten oder Liberale, die ihre alten Konflikte nun in Brasilien austrugen. Die »Brummer« gehörten zu den Liberalen und motivierten die Bevölkerung politisch zu werden. Sie brachten Unruhen auf und attackierten vor allem die katholische Kirche durch Texte und Literatur.

Mit der Einwanderung kamen auch promovierte, gebildete Personen nach Brasilien, die ihr Wissen weiterverbreiteten. Durch ihr Aufkommen entstand die deutsche Presse in Brasilien, die bis zum zweiten Weltkrieg bestand, als dann das Deutsche verboten war. Nicht nur



deutschsprachige Zeitungen wurden verbreitet, sondern auch Kalender. Es war üblich, dass jede Familie eine Bibel und einen entsprechenden Kalender besaß, was dazu führte, dass bis heute viele Exemplare erhalten geblieben sind. Sie wurden oft auf Dachböden oder in Kellern der Häuser in deutschen Siedlungen gelagert und später gefunden. Kalender galten als Lektüre für das ganze Jahr und waren häufig die einzige Literatur, die die Bevölkerung auf dem Land gelesen hat. Sie enthielten für jeden Tag des Jahres einen entsprechenden Eintrag. Dies konnten Gedichte, Karikaturen, aber auch politische Beiträge sein. Zeitung war damals eher im urbanen Kontext verbreitet. Interessanterweise konnte Neumann einige gescannte Kalenderbeispiele vorzeigen, um die darin enthaltenen Textarten zu präsentieren. Hauptsächlich handelt es sich um Fiktion wie Novellen, Erzählungen, Gedichte oder Märchen, was deutlich spannender ist als die Untersuchung der Presse, da die Fakten des Zeitgeschehens bereits bekannt sind. Die Analyse der Werke im Kalender gewährt einen tieferen Einblick in das Leben der Menschen zu dieser Zeit. Ein Beispiel hierfür ist der Text »Der Wald« von Dr. med. Priebe, der in einem Kalender des Jahres 1915 erschienen ist. Er berichtet in diesem Auszug darüber, dass die Menschen viel Natur, vor allem Wälder, zerstört haben und welche Nachteile dies mit sich brachte. Es liegt also nahe, dass der Schutz der Biodiversität bereits zu jener Zeit ein Thema war, für das man sich einsetzte.

95

Besonders bemerkenswert ist Neumanns Feststellung, dass, obwohl die Texte auf Deutsch verfasst sind, ihre Übersetzung ins Portugiesische den Eindruck vermitteln würde, es handle sich um brasilianische Literatur. Trotz der Entfernung zu ihrer Heimat, gelang es den deutschen Migranten, eine Brücke zwischen ihren eigenen kulturellen Traditionen und der brasilianischen Gesellschaft zu schlagen, was sich in ihrer Literatur widerspiegelt.

Neumann fasste zusammen, dass die deutschsprachigen Einwanderer eine neue Gruppe in Brasilien darstellen, die bis heute vertreten ist. Er nimmt an, dass bis zu 4 Millionen Menschen der brasilianischen Bevölkerung Deutsch sprechen, was gut 2% ausmacht. Das Deutsche Wissenschafts- und Innovationshaus São Paulo (DWIH) spricht jedoch eher von etwas mehr als einer Millionen Menschen, die über deutsche Sprachkenntnisse verfügen und erwähnt, dass das Alltagsdeutsch nur noch in wenigen Orten eine Rolle spielt. Brasilien bleibt trotzdem das Land mit den meisten deutschsprechenden Menschen in Lateinamerika. Insgesamt haben sich drei deutsche Dialekte in Brasilien gefestigt: Pommersch, Westfälisch und Hunsrückisch. In den Kalendern stillten die Einwanderer durch die deutsche Sprache ihr Heimweh, ohne aber sogenannte deutsche Themen aufzugreifen. Dadurch entstand eine neue Literatur, die zwischen Deutschland und Brasilien einzuordnen ist.



Im zweiten Gastvortrag am folgenden Tag wurde ein weiteres Phänomen beleuchtet: **»Deutsche in der brasilianischen Literatur – Beispiele von 1847 bis heute«** (23.4.2024).

Bei der Suche nach deutschen Spuren in Brasilien wurde deutlich, dass auch Deutsche als literarische Figuren, insbesondere ab der Mitte des 19. Jahrhunderts, in der brasilianischen Literatur präsent sind. Neumann hob hervor, dass obwohl es zuvor bereits deutsche Elemente in der brasilianischen Literatur gab, seine Untersuchung sich gezielt auf die Auswirkungen der organisierten deutschen Einwanderung konzentriert. Die Migration verstärkte plötzlich die Präsenz der Deutschen in der brasilianischen Literatur.

Er unterteilt diese Entwicklung in zwei Stufen: In der ersten Phase thematisieren Autoren in ihren Werken Deutsche, obwohl sie selbst wenig Kontakt mit dieser Gruppe hatten. Ihre Erzählungen spiegeln vor allem die brasilianische Perspektive wider. Ab 1981 beginnen jedoch erstmals Schriftstellerinnen und Schriftsteller mit deutscher Herkunft Romane zu verfassen, in denen Deutsche eine Rolle spielen. Diese zweite Autorengruppe wird von solchen vertreten, die selbst deutsche Vorfahren haben und somit eine andere Sichtweise aufweisen.

96

Das Werk *A divina pastora* von José Antonio do Vale Caldre e Fião aus dem Jahr 1847 markiert das erste Mal, dass eine deutsche Figur in der brasilianischen Literatur erschien. Darüber hinaus ist es laut Neumann der erste Roman aus dem Bundesstaat Rio Grande do Sul, was alleine schon eine faszinierende Tatsache darstellt. Die Handlung dreht sich um Édélia, eine »divina pastora = göttliche Hirtin«, die in ihren Cousin Almênio verliebt ist, einen Krieger der *Farroupilha*. Dieser soll allerdings Clarinda heiraten, die Tochter deutscher Einwanderer aus dem Vale dos Sinos. Hier kommt also erstmals eine Deutsche in der brasilianischen Literatur vor und es wird die Konfrontation zwischen der Dreiecksbeziehung erzählt. Neumann erwähnte außerdem, dass in einem Auszug beschrieben wird, wie sich Clarinda aufgrund ihrer »weißen« Herkunft anders bewegt, was zeigt, dass eine Unterscheidung nach Abstammung gemacht wurde.

Ein weiteres bekanntes Werk der ersten Gruppe ist *Amar, verbo intransitivo* (1927) von Mário de Andrade. Die Schlüsselfigur des Romans ist eine Deutsche namens Elza, die als Gouvernante nach São Paulo kam, was damals üblich für reife, deutsche Frauen war. Allerdings wird sie vom Patriarchen der Familien angeheuert, das sexuelle Leben seines



Sohnes zu initiieren. Im Buch werden ebenso deutsche Stereotypen aufgegriffen, die Elza mehr oder weniger aus Sicht der brasilianischen Familie erfüllt.

Eine berühmte Autorin der zweiten Phase präsentiert Lya Luft. Bereits durch ihren Namen kann man auf die deutschen Wurzeln ihrer Familie schließen. 1981 veröffentlicht sie das Werk *A asa esquerda do anjo*, zu Deutsch: *Der linke Flügel des Engels*. Dieser feministische Roman erzählt die Geschichte eines Mädchens, das auf der Suche nach seiner Identität ist. Mit einer deutschen Großmutter, die ihren Namen deutsch aussprach, und einer brasilianischen Mutter, die ihn brasilianisch aussprach, begann seine Identitätskrise bereits bei der Namenswahl zwischen »Guisela« und »Gisela«. In der Schule erlebt sie Mobbing aufgrund ihrer deutschen Herkunft, mit absurden Vorwürfen wie dem Glauben, dass Deutsche Käse mit Kakerlaken essen würden. Zusätzlich zu diesen Konflikten entdeckt sie ihre Anziehung zu anderen Mädchen, was in der Handlung zu weiteren Konflikten führt. Neumann zieht in Betracht, dass Lya Luft vermutlich ihre eigenen Lebenserfahrungen im Buch niedergeschrieben hat, da sie selbst als Deutschstämmige ähnlichen Probleme und Herausforderungen erlebte wie ihre Protagonistin.

Weitere Autoren mit deutschen Wurzeln, die über Deutsche in der brasilianischen Literatur geschrieben haben, sind zum Beispiel Charles Kiefer (1986), Pedro Stiehl (2003), Guido Kopittke (2004) und Ivanio Fernandes Habkost (2004). Ihre Werke spiegeln im Vergleich zu denen der ersten Gruppe von Autoren unterschiedliche Wahrnehmungen wider. Dies ermöglicht einen facettenreichen Einblick in beide Perspektiven – die brasilianische und die deutsche.

97

Insgesamt führte Neumann zwanzig Autoren und ihre Werke aus der ersten und zweiten Phase auf. Durch seine Arbeit hat er eine Datenbank über brasilianische Literatur mit deutschen Einflüssen geschaffen. Neumann ist der Überzeugung, dass es wichtig ist, diese Literatur sowohl der deutschsprachigen als auch der brasilianischen Bevölkerung näher zu bringen. Die Spuren der deutschen Einwanderung in der Literatur sind von großem Wert für die heutigen interkulturellen Beziehungen und verdienen es, gesehen zu werden.

Mit seiner Forschung und den beiden Gastvorträgen hat Neumann eine weitreichende Aufklärungsarbeit geleistet, um sicherzustellen, dass auch 200 Jahre später die Migration nach Brasilien ein wesentlicher Bestandteil der Geschichte und Bildung bleibt. Er möchte dazu ermutigen, über die deutsch-brasilianischen Beziehungen in der brasilianischen Literatur nachzudenken und will Studenten anregen, diese Werke zu recherchieren.



Die Präsenz von Professor Neumann in Bamberg entspricht der Internationalisierungsstrategie der Otto-Friedrich-Universität Bamberg, die vom Institut für Romanistik stark unterstützt wird. Von hohem Stellenwert für Prof. Dr. Enrique Rodrigues-Moura, Geschäftsführungs-Direktor des Instituts für Romanistik, sind die für die Öffentlichkeit offenen Gastvorträge von renommierten Wissenschaftlerinnen und Wissenschaftlern, Nachwuchswissenschaftlerinnen und Nachwuchswissenschaftlern und Autorinnen und Autoren. Diese liefern üblicherweise im Rahmen einer Lehrveranstaltung einen Beitrag zu spezifischen Themen der Romania. Nach der langjährigen Erfahrung bringt die Anwesenheit der Gastvortragenden an der Universität Bamberg dabei einen großen Mehrwert, denn aktive Diskussionen und wissenschaftlicher Austausch zwischen den Teilnehmerinnen und Teilnehmern stellen sich in Präsenzformaten besser ein.

Die Resonanz der Studierenden ist meist sehr positiv und die Debatten recht lebhaft und viele von ihnen haben nach diesem Vortrag von Professor Neumann begonnen, das Land Brasilien aus einer anderen Perspektive zu sehen, differenzierter, aufmerksamer auf Komplexität und weniger an den Klassikern Stereotypen hängen.